



DEPORTADOS PORTUGUESES NA II GUERRA MUNDIAL

DO INTERNAMENTO EM FRANÇA AOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NAZIS

Catálogo da Exposição

Ficha técnica

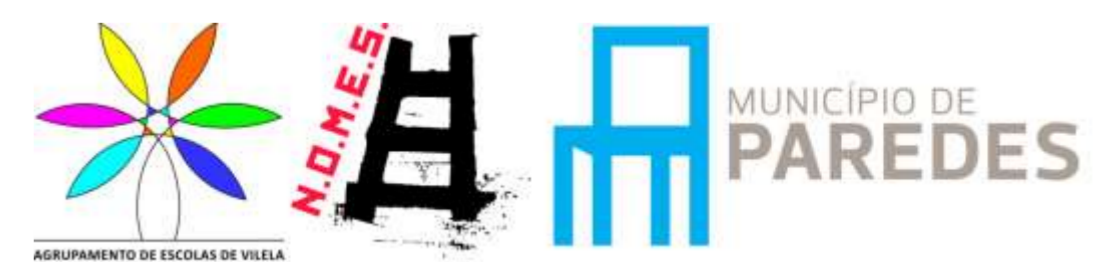
Sinopse. A exposição «Deportados portugueses na II Guerra Mundial. Do internamento em França aos campos de concentração nazis» é o produto final de um projeto de reconstituição histórica da vida de sete portugueses que foram deportados de França para os campos do Terceiro Reich, tendo por base o trabalho de investigação da jornalista Patrícia Carvalho, através do contacto de um grupo de alunos com familiares dessas pessoas e os arquivos europeus, no âmbito das atividades do Projeto N.O.M.E.S. do Agrupamento de Escolas de Vilela, no ano letivo 2015/2016.

Pesquisa e Conceção. Diogo Almeida e Tiago Ribeiro (9.º VB) Inês Bastos, Joel Nogueira, José Miguel Rocha, Juliana Cardoso, Lucas Pinto, Margarida Barbosa, Maria Santos e Marta Alves (9.º VD) Ana Beatriz Serôdio (12.º VD) Ana Rosa Brito e Deolinda Ribeiro (12.º VE) Projeto N.O.M.E.S.

Propriedade. Agrupamento de Escolas de Vilela

Patrocínio. Câmara Municipal de Paredes e Agrupamento de Escolas de Vilela

Ano de Edição. 2016



DEPORTADOS PORTUGUESES NA II GUERRA MUNDIAL

Do internamento em França aos campos de concentração nazis

André Avelino de Sousa nasceu a 17 de março de 1911, em Sedielos, Peso da Régua. Da sua vida em Portugal, Nadine de Sousa, a sua filha mais velha, pouco sabe, não possuindo sequer qualquer fotografia da família naquela época. Nadine refere apenas que André tinha um irmão chamado Mário e era filho de pais pobres. Em consequência disso, este não possuía qualquer tipo de escolarização, sendo analfabeto.



Figura 1. Lucinda Teixeira, s/d.

No dia 29 de outubro de 1933, André casou-se com uma conterrânea, Lucinda Teixeira, de 19 anos. Três anos depois, em 1936, viaja para França por razões económicas, deixando a sua esposa grávida de gémeos (que acabaria por perder) em Portugal. André começa por trabalhar numa pedreira e mais tarde vem a fixar-se como agricultor numa quinta (*La Belle Prionde*) que se situava na aldeia de Lacapelle-Biron. Entretanto, Lucinda junta-se ao marido e a 20 de janeiro de 1940 nasce a primeira filha do casal, Fernande da Concession Sousa (Nadine), na pequena localidade de Lacapelle-Biron, e um ano mais tarde nasce Odette, a segunda filha do casal.

Com o início da guerra, Lacapelle-Biron, situada na região de Lot-et-Garonne, faz parte da zona sul, sob a autoridade do Governo de Vichy até à ocupação total da França em novembro de 1942. Por este motivo, várias famílias judias procuram e encontram ali refúgio nos primeiros anos da guerra, servindo também a aldeia para acolher vários elementos da Resistência das regiões circundantes. Mas tudo estaria prestes a mudar.



Figuras 2 e 3. Lacapelle-Biron, início do séc. XX (Fonte: <http://www.lacapelle-biron.org/>).

André de Sousa, uma Rusga pela Memória

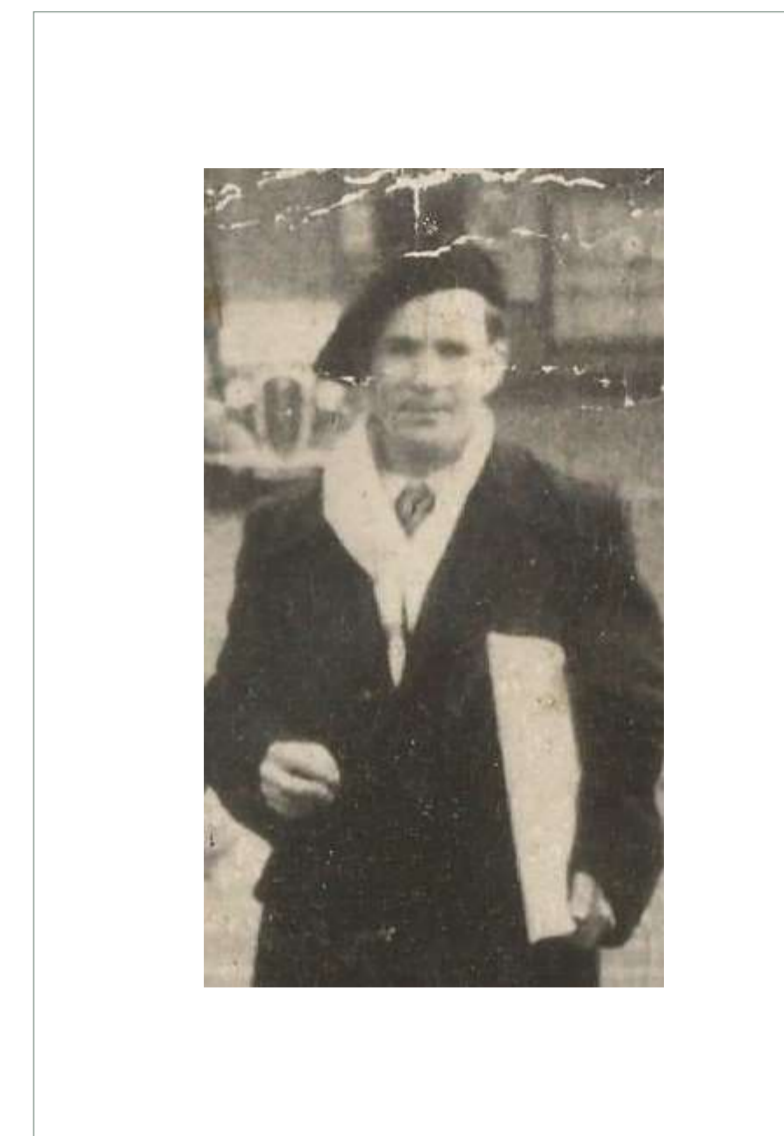
Sedielos (Peso da Régua), 17-05-1911 | Toulouse, 26-05-1960

O sol ainda não se tinha levantado naquele 21 de maio de 1944 quando, vindas de Valence-d'Agen, quatro companhias do 1.º Batalhão *Der Führer* da 2.ª Divisão blindada SS *Das Reich*, sob o comando de Adolf Diekmann, chegam a Fumel. Aí, com o objetivo de delimitar uma zona com cerca de 20 km de raio, cada uma toma uma direção diferente, com dois agentes da Sipo-SD (Polícia e Serviço de Segurança da Gestapo) de Agen. A 1.ª Companhia dirige-se a Dévillac e Vergt-de-Biron; a 3.ª a Fontenilles. Uma das outras duas, a 2.ª do Tenente Schwartz ou a 4.ª do Tenente Rosenstock – com Henri Hanack, toma a direção de Lacapelle-Biron.

A Divisão *Das Reich*, que a 10 de junho de 1944 será também responsável pelo massacre de Oradour-sur-Glane, queimando toda a aldeia, fora criada em 1939, a partir de três regimentos SS: *Deutschland*, *Der Führer* e *Germania*. Em março de 1941, esta divisão esteve na Roménia, em abril em Belgrado e participou, em novembro de 1942, em operações de extermínio no setor de Minsk, na Rússia. Enquanto uma parte da divisão continuava a combater na frente russa até abril de 1944, 2500 homens entre os mais violentos são enviados numa missão na região de Montaubon (França), para ficarem próximos dos prováveis locais de desembarque dos Aliados. Aí recebem, durante a primavera e verão de 1944, homens e material, nomeadamente, cerca de 9000



Figura 4. Divisão SS *Das Reich*, 1941 (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/>).



André de Sousa, s/d.

jovens recrutas com idades entre os 17 e os 18 anos. Neste período de tempo, esta divisão será responsável por várias ações violentas contra a população civil desde pilhagens, incêndios de habitações até massacres das populações ou prisões que resultaram em deportações para campos de concentração. É neste contexto que acontece a *Rafle* (Rusga) de Lacapelle-Biron, a 21 de maio de 1944.

Cerca das cinco e meia da manhã, uma coluna motorizada composta por seis viaturas, uma dúzia de camiões e um veículo blindado, num conjunto de 400 homens, para junto da casa de René Boissières, agricultor de Gavaudun.





Figura 5. Divisão SS Das Reich, 1944 (Fonte: <http://normandie1944.over-blog.com/>).

Um oficial desce, pergunta-lhe pelo caminho até Lacapelle-Biron e força-o a subir. Meia hora depois, chegam à vila, onde, nesse domingo de manhã, dia da Festa das Mães, quase ninguém se levantara ainda. Rapidamente cercam o

centro e barram todas as estradas de acesso. O posto dos correios é neutralizado e René Boissières é compelido a conduzir o oficial e os soldados até à casa de Pierre Lagarrigue, Presidente da Câmara, na altura com 70 anos. Junto deste, os SS inquirem-no sobre o número de homens da localidade e, desconfiados, exigem que o mesmo seja verificado pelos cupões de alimentação. Depois obrigam Hortense Nadal, de 78 anos, a subir, em camisa de dormir, para cima de um camião e a gritar um aviso para que todos os homens se dirijam à praça principal para um controlo de identidade.

Os soldados vão de casa em casa e revistam-nas à procura de qualquer vestígio de pertença ou ligação à Resistência. Nadine afirma recordar-se perfeitamente daquela manhã: dos camiões e dos soldados, do pai ter fechado o celeiro onde tinha ido alimentar o gado, do Sr. Lagarrigue a avisá-lo para ele se dirigir à aldeia a determinada hora, de um soldado alemão lhe ter oferecido um doce, a ela e à irmã, de ver o pai descer o caminho em direção a Lacapelle com uma pequena mala preparada pela mãe e desta o seguir.

Pouco a pouco, os homens chegam ao centro da vila. Perguntam-lhes por resistentes e judeus. O médico Louis Baud – que escondia quatro famílias judias no burgo e arredores – responde-lhes que havia ali judeus mas que todos já partiram. Durante este tempo, a pilhagem continua. Os soldados roubam dinheiro, joias, calçado, tabaco, vinho, veículos... Cerca das dezasseis horas, é dada ordem para que fiquem apenas os homens entre



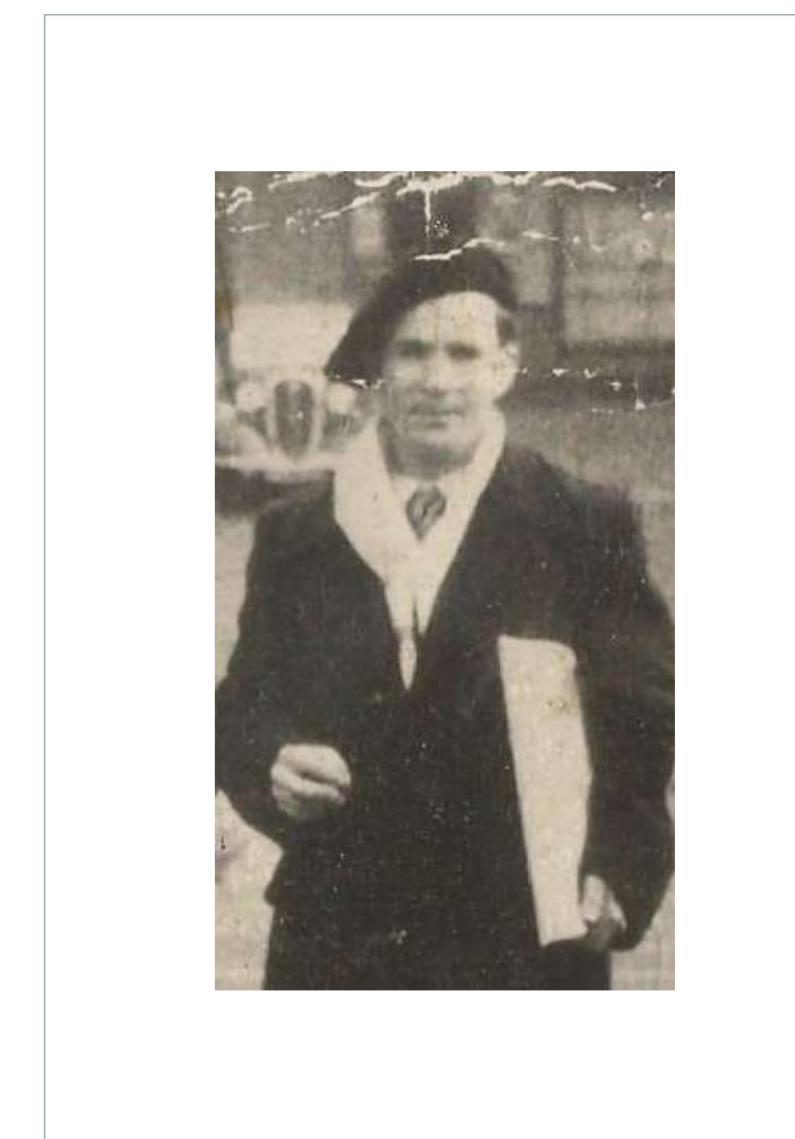
Figura 6. Caserne Toussaint, s/d (Fonte: <http://www.delcampe.net/>).

os 18 e os 60 anos e estes são embarcados nos camiões. Direção da coluna: o *Hôtel des Roches*, no lugar de «Majoulassis», a 8 km a sul da localidade de Gavaudun. Nadine recorda-se (ou perpetuou-se na sua memória aquilo que lhe foi contado) que o pai subiu para o camião, que lhe tiraram os cigarros e o canivete e que depois não sabe o que mais aconteceu.

Através do livro de Jean-Pierre Koscielniak, «Lacapelle-Biron 21 mai 1944. Histoire et mémoire d'une rafle de la division *Das Reich*», conhecemos o que aconteceu a seguir. A coluna chega ao *Hôtel des Roches* cerca das dezoito horas. Aos 54 homens de Lacapelle (onde se incluem três portugueses: Joaquim Sequeira, Acácio Pereira e André de Sousa) juntam-se os homens presos em outras localidades vizinhas, num total de 118. Cerca das dezanove horas, os alemães alinham-nos em duas colunas para os contabilizar e depois Hanack, em uniforme de SS, fá-los esvaziar os bolsos e entrar para camiões para se dirigirem para Agen.

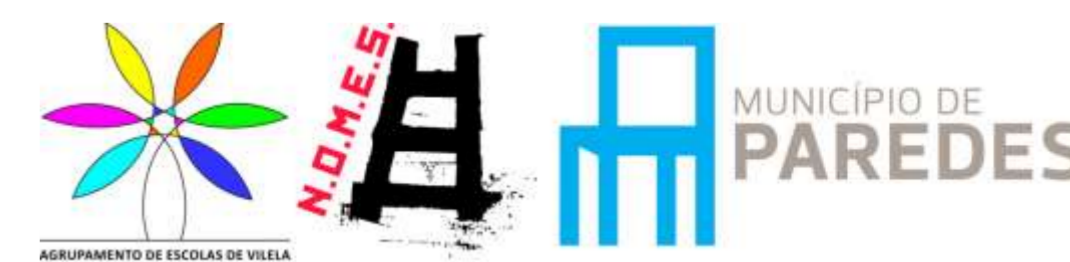
André de Sousa, uma Rusga pela Memória

Sedielos (Peso da Régua), 17-05-1911 | Toulouse, 26-05-1960



André de Sousa, s/d.

O grupo chega a Agen pelas vinte e duas horas e os prisioneiros são levados para a **Caserne Toussaint**, um antigo quartel militar ocupado pelas forças nazis, onde a maior parte passa apenas por um interrogatório de identidade. Nos dias que se seguem, cinco pessoas são mesmo libertadas. No entanto, para alguns estavam reservadas várias sevícias no sentido de se apurar a sua pertença à Resistência, sem que se obtivessem resultados positivos, ao mesmo tempo que a reclamação e pedido de libertação de Acácio Pereira junto das autoridades portuguesas não tem qualquer sucesso.



DEPORTADOS PORTUGUESES NA II GUERRA MUNDIAL

DO INTERNAMENTO EM FRANÇA AOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NAZIS

De facto, no pós-guerra, o próprio comandante da Gestapo em Agen, Zorn, acabará por admitir que aquelas prisões não passavam «de uma medida preventiva de segurança» no âmbito de uma estratégia que visava aterrorizar a população, de forma a que esta deixasse de se solidarizar com os resistentes.

Enquanto os detidos mais suspeitos são levados para a prisão de Saint-Michel em Toulouse, os restantes, devido ao seu elevado número, são enviados para **Compiègne**, sendo colocados, a 30 de maio, a bordo de vagões de carga. No entanto, estes homens só ali chegam a 3 de junho, pois o transporte faz um desvio para recolher os prisioneiros políticos da Cadeia de Eysses, entre os quais está o português Luiz Ferreira.

A estadia no Campo de Royallieu-Compiègne será curta. A 18 de junho, pela manhã, após cada um ter recebido um quilo de pão e um pedaço de salsicha, os homens que restavam de Lacapelle-Biron, entre eles André de Sousa, Joaquim Sequeira e Acácio Pereira, e um outro português de nome Manuel Pires, embarcam num novo comboio, que levará 2139 homens, em média 100 por vagão, em direção ao Campo de Concentração de Dachau, onde chegam a 20 de junho de 1944.

O **Campo de Concentração de Dachau**, a funcionar desde 22 de março de 1933, foi o primeiro campo de concentração nazi (o único que durou todo o período do Terceiro Reich) e tinha como função inicial receber prisioneiros políticos. Como refere Nikolaus Wachsmann, no livro «KL – A História dos Campos de Concentração Nazis», «os campos de concentração encarnaram o espírito do nazismo como nenhuma outra instituição» do regime. «Constituíram um sistema de domínio distinto» e «acabaram por refletir as obsessões da liderança nazi, tais como a criação de uma comunidade nacional uniforme através da eliminação de todos os estranhos políticos, sociais e raciais, [...]». Com o tempo, estas obsessões moldaram o sistema [concentracionario] e conduziram à massificação das detenções, das privações e das mortes nos campos»,

André de Sousa, uma Rusga pela Memória

Sedielos (Peso da Régua), 17-05-1911 | Toulouse, 26-05-1960



como se assistiu em Dachau.

Instalado nas dependências de uma fábrica de munições abandonada, o Campo de Dachau localizava-se a 15 km a noroeste de Munique, no sul da Alemanha. As principais funções do campo foram alargadas para incluir o trabalho forçado e a partir de 1941 passou a ser usado para extermínio em massa (possuía uma câmara de gás e quatro fornos crematórios) não só dos presos políticos ou de guerra, mas também de judeus. Dachau controlava cerca de trinta subcampos onde mais de 30000 prisioneiros trabalhavam quase exclusivamente para a produção de armamento de guerra. Segundo contas do Memorial do campo, cerca de 200 mil pessoas de toda a Europa foram para ali levadas. Destas, cerca de 40000 acabaram por perecer.

Quando o transporte chega, a 20 de junho de 1944, à estação de Dachau, os prisioneiros, entre eles André de Sousa, são obrigados a ir a pé até ao campo que fica a 4 km de distância. À sua chegada, são

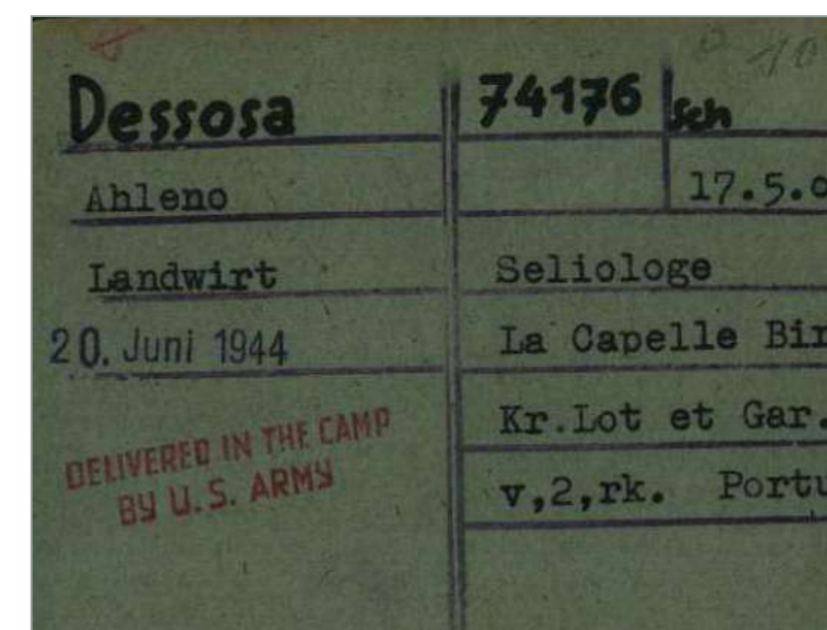
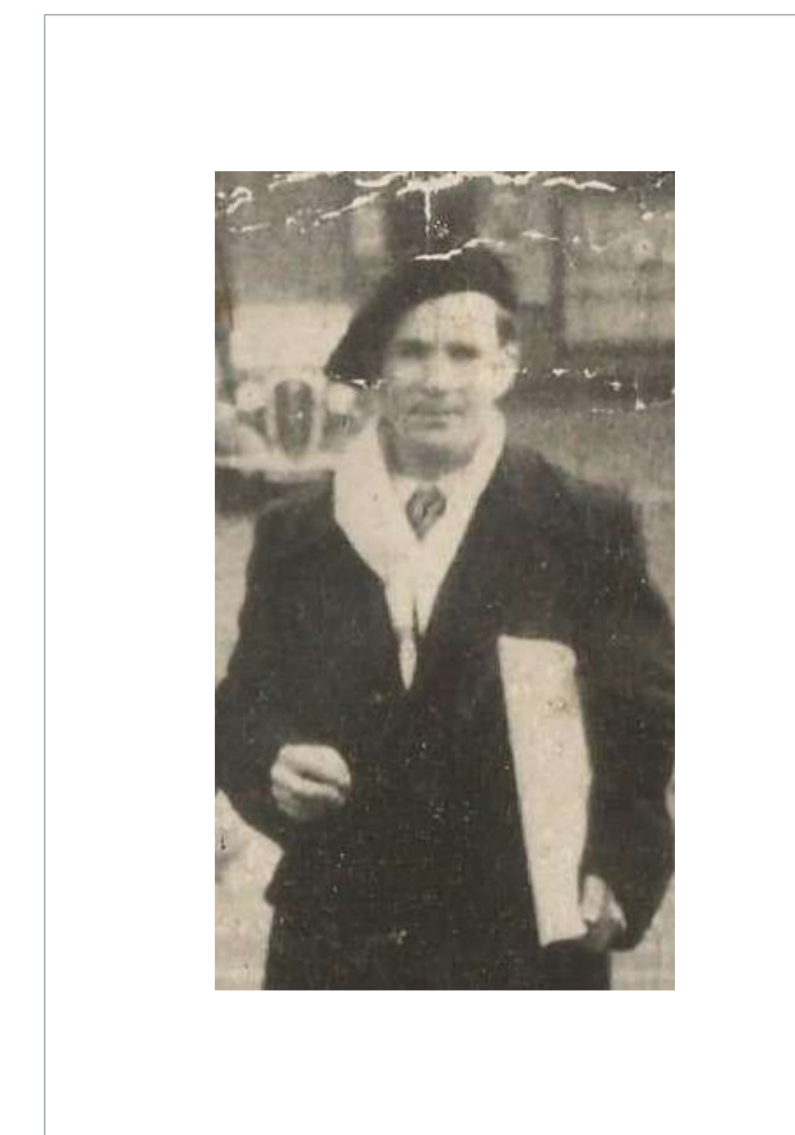


Figura 7. Campo de Concentração de Dachau, s/d (Fonte: <http://www.dw.com/>).

Figura 8. Registo de André de Sousa em Dachau, s/d (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen).



André de Sousa, s/d.

elaboradas as listas do campo e as fichas individuais de prisioneiros, onde o português, de 1,53m, cabelo castanho e olhos azuis acinzentados, é registado como agricultor recebendo o número de matrícula 74176. André de Sousa é enviado depois para o maior subcampo de Dachau, **Allach**, aberto a 19 de março de 1943, que fornecia mão-de-obra para a BMW, que produzia e reparava motores dos aviões de guerra alemães.

A 6 de fevereiro de 1945, André de Sousa é transferido de novo para Dachau, por não ser necessário o seu trabalho em Allach, e ali fica até ser libertado pelo exército americano, a 29 de abril de 1945.



Ao contrário do que a maioria dos documentos conservados pelos arquivos franceses revelam, Domingos Fernandes da Cunha nasceu a 27 de dezembro de 1903, e não de 1904, às oito horas da manhã, em Cabanelas, no lugar de Lagoa, Vila Verde, distrito de Braga, sendo filho de João Luís da Cunha e Maria Fernandes, jornaleiros. Através do seu registo de batismo, verificou-se também que Domingos foi batizado no dia seguinte, na Igreja Paroquial de Santa Eulália, tendo como padrinho o seu avô materno, Domingos Fernandes, e como madrinha Rosa Rebelo.

Não tendo sido possível encontrar qualquer seu familiar, os dados sobre a história de vida de Domingos da Cunha ficam restritos às informações contidas na documentação descoberta. Assim, nada se conhece sobre a sua infância e juventude em Portugal, sabendo-se apenas que se casou, com 20 anos, a 7 de setembro de 1924, com Violante dos Santos, na freguesia de Olival, em Gaia, que foi pai por quatro vezes e que ainda antes de emigrar terá cumprido o serviço militar em Portugal.

Não se sabendo a data nem os motivos da sua emigração para França (provavelmente económicos uma vez que é caracterizado em diversos documentos como não tendo fortuna), encontra-se uma primeira referência de que já estaria neste país, especificamente na cidade de Tours, em 1928 (terá sido condenado a seis meses de prisão por agressões pelo Tribunal Correccional de Tours).

De acordo com o seu registo individual, estabelecido no momento de uma das suas detenções no início dos anos 40, Domingos da Cunha é caracterizado como tendo porte largo, face rosada e arredondada, cabelo e olhos castanhos. Media 1,60m e trabalhava como pedreiro ou «pedreiro por empreitada» como é referenciado num comprovativo de emprego de trabalhador estrangeiro de 1936 passado por uma empresa de transportes e trabalhos públicos de Tours, por um período de seis meses.

Em França, terá vivido em Paris, na Rua des Fountains, n.º 4, e mais

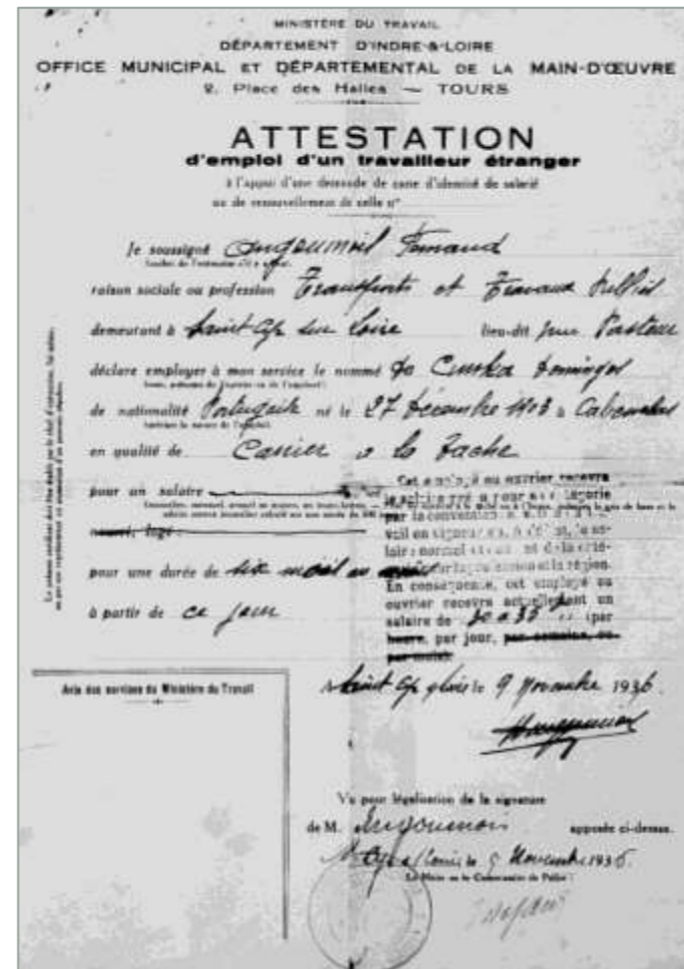


Figura 1. Certificado de emprego de trabalhador estrangeiro passado a Domingos da Cunha em Tours, 1936 (Fonte: Arquivos Departamentais de l'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>).

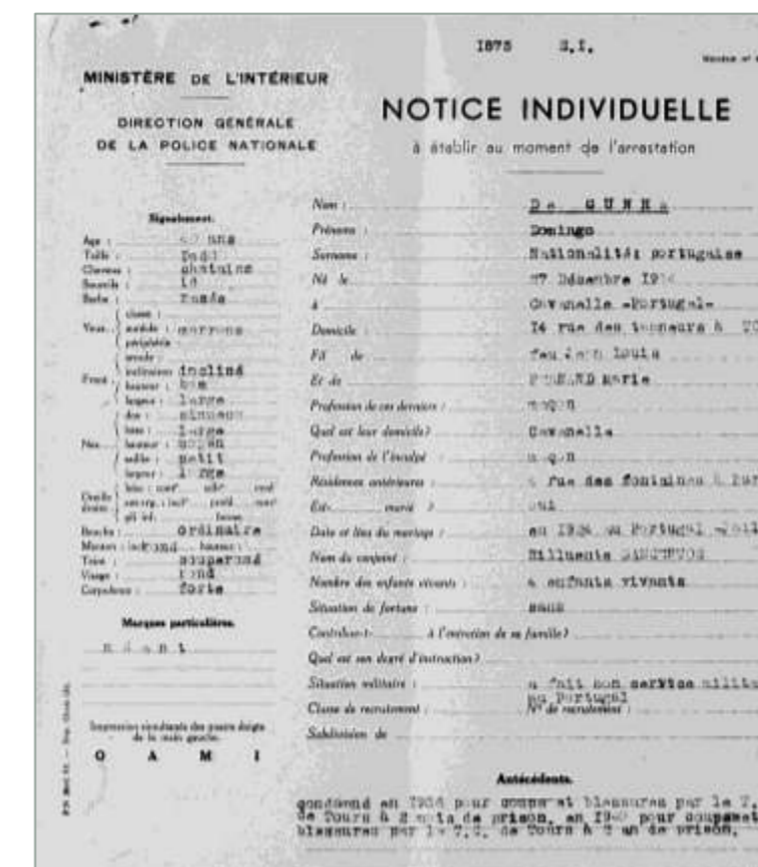


Figura 2. Ficha Individual de Domingos da Cunha elaborada pela Direção Geral da Polícia Nacional aquando da sua detenção, Anos 1940 (Fonte: Arquivos Departamentais de l'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>).

tarde em Tours, na Rua des Tanneurs, n.º 14, onde, segundo o município de Tours, vivia, em 1939, um *logeur* (alugador de quartos mobilados) de nome Darrien, pelo que se pressupõe que Domingos da Cunha viveria ali num quarto alugado.

O seu percurso de vida em França foi extremamente conturbado, tendo Domingos da Cunha sido detido por diversas vezes, pelo menos desde 1928 como já referido. Tendo em conta a informação contida num Boletim de Verificação de Dados Judiciários de 1943, bem como noutros documentos, o português volta a ter registo criminal em 1936, novamente por agressões, sendo condenado a dois meses de prisão pelo Tribunal de Tours. Dois anos depois, em janeiro de 1938, Domingos é novamente condenado a oito meses de prisão por roubo e violência, pelo Tribunal de Orléans. No decorrer deste período de detenção é

Domingos da Cunha, o «Arruaceiro» Cabanelas (Braga), 27-12-1903 | ?, ?

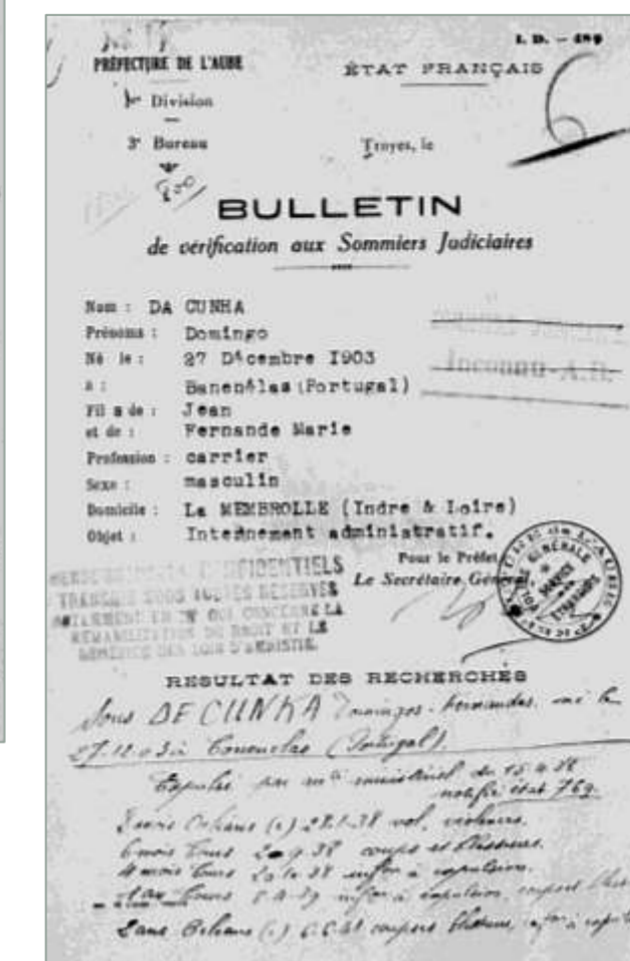
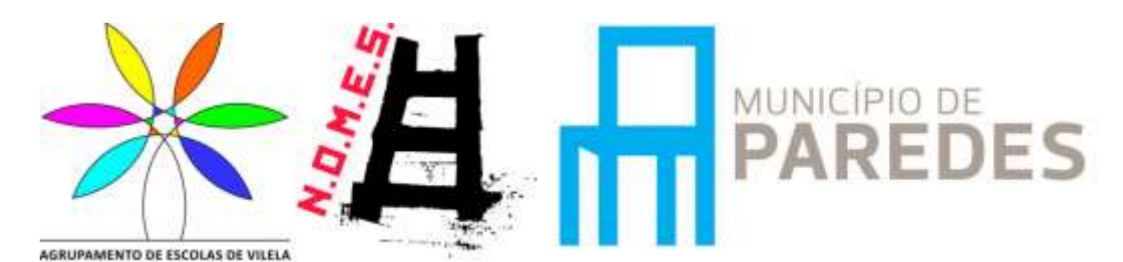


Figura 3. Boletim de Verificação de Dados Judiciários sobre Domingos da Cunha, 1943 (Fonte: Arquivos Departamentais de l'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>).



Domingos da Cunha, 1944.

decretada a sua expulsão por mandato ministerial de 15 de abril de 1938. Mal termina o cumprimento da primeira pena de 1938, é novamente preso a dois de setembro, por um período de seis meses, de novo pelo Tribunal de Tours. Devido a esta reincidência, a 20 de outubro de 1938 é condenado a mais quatro meses, pelo mesmo Tribunal, por infração ao mandato de expulsão. Em abril de 1939, provavelmente na prisão ou em fuga, Domingos da Cunha volta a ser condenado por agressões e infração ao mandato de expulsão, por um ano, ainda pelo Tribunal de Tours.



PROFET DE LA COUR D'APPEL
d'ORLÉANS
Orléans, le 3 novembre 1942

Service des étrangers
Strangers Indésirables

Le PROCUREUR GÉNÉRAL
à Monsieur le Préfet de L'AUBE

J'ai l'honneur de vous faire parvenir les renseignements que vous avez bien voulu me demander au sujet du nommé DA CUNHA Domingos Fernandes, né le 27 Décembre 1902 à Barcelos (Portugal), condamné le 6 Juin 1941 à une peine d'expulsion par la Cour d'Appel d'Orléans pour outrage et blessures volontaires et infraction à l'arrêté d'expulsion.

Les faits ayant motivé sa condamnation sont les suivants :

Le 21 Janvier 1941, DA CUNHA et sa compagne se trouvant dans l'impossibilité de régler leur dette, en raison de la care de Cher furent invités à dîner et à passer la nuit chez un de leurs compatriotes le sieur LOUÏS. Une discussion eut lieu entre eux au sujet de la dette, DA CUNHA brandit un couteau et en frappa à plusieurs reprises son compatriote dans la tête.

Incapable de songer, il consentit à être enfermé en prison à l'expiration de 15 Avril 1939 qui lui avait été notifié le 28 du même mois.

DA CUNHA est représenté comme un individu particulièrement violent. Il avait précédemment subi les condamnations suivantes :
2 septembre 1938 - 6 mois pour outrage
20 Octobre 1938 - 4 mois d'expulsion à l'expiration
6 Avril 1939 - un an pour outrage et infraction à l'arrêté d'expulsion.

J'estime qu'il s'agit d'un étranger indésirable dont l'internement est obligatoire en attendant que son expulsion soit rendue possible.

Le Procureur Général,
Signé : Illisible.

Pour copie conforme,
Le Chef de Division,
Signé : Illisible.

Service des étrangers
Strangers Indésirables

PROFET DE L'AUBE

J'ai l'honneur de vous adresser, sous ce pli, établie en double exemplaire, l'expulsion d'un arrêté d'internement administratif que j'ai été autorisé à arrêter dans votre ressort, indésirable sur le territoire Français :

DA CUNHA Domingos Fernandes, sujet portugais, né le 27 Décembre 1902 à Barcelos (Portugal).

L'internement, arrêté par arrêté administratif du 15 Avril 1942, condamné le 6 Juin 1941 par la Cour d'Appel d'Orléans pour outrage et blessures volontaires et infraction à l'arrêté d'expulsion, avec libération de la Maison Centrale de Clairvaux le 1er Décembre 1941.

DA CUNHA restera interné jusqu'à ce que son expulsion soit rendue possible.

Ce-ci, copie du rapport de M. le Procureur Général pris la Cour d'Appel d'Orléans concernant cet étranger.

Le Préfet,
Le Procureur Général,
Signé : Illisible.

Service des étrangers
Strangers Indésirables

PROFET DE L'AUBE

J'ai l'honneur de vous adresser, sous ce pli, établie en double exemplaire, l'expulsion d'un arrêté d'internement administratif que j'ai été autorisé à arrêter dans votre ressort, indésirable sur le territoire Français :

DA CUNHA Domingos Fernandes, sujet portugais, né le 27 Décembre 1902 à Barcelos (Portugal).

L'internement, arrêté par arrêté administratif du 15 Avril 1942, condamné le 6 Juin 1941 par la Cour d'Appel d'Orléans pour outrage et blessures volontaires et infraction à l'arrêté d'expulsion, avec libération de la Maison Centrale de Clairvaux le 1er Décembre 1941.

DA CUNHA restera interné jusqu'à ce que son expulsion soit rendue possible.

Ce-ci, copie du rapport de M. le Procureur Général pris la Cour d'Appel d'Orléans concernant cet étranger.

Le Préfet,
Le Procureur Général,
Signé : Illisible.



Figura 4. Relatório do Procurador-Geral do Tribunal da Relação de Orléans ao Prefeito de L'Aube sobre a situação de Domingos da Cunha, 3 de novembro de 1942 (Fonte: Arquivos Departamentais de l'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>).
Figura 5. Despacho da Prefeitura de L'Aube que determina o internamento administrativo de Domingos da Cunha, 24 de novembro de 1942 (Fonte: Arquivos Departamentais de l'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>).

A **Prisão Central de Clairvaux** surgiu no início do século XIX, durante a reforma judicial napoleónica. Assim, a prisão é estabelecida na Abadia de Clairvaux, aproveitando o facto deste espaço fechado ter sido abandonado aquando da expulsão das ordens religiosas após a Revolução Francesa, e recebe os primeiros presos a 3 de Outubro de 1814. Durante a II Guerra Mundial, para além dos presos comuns, recebeu presos políticos, comunistas, sindicalistas, judeus e combatentes da Resistência.

Face à eminência da sua libertação de Clairvaux, a 1 de dezembro de 1942, o Prefeito de L'Aube, a 24 de novembro de 1942, tal como já foi referido, decreta o internamento administrativo deste estrangeiro indesejável, aplicando as disposições de uma circular ministerial de 31 de outubro de 1941 onde este internamento já tinha sido decidido, até que a sua

Domingos da Cunha, o «Arruaceiro» Cabanelas (Braga), 27-12-1903 | ?, ?

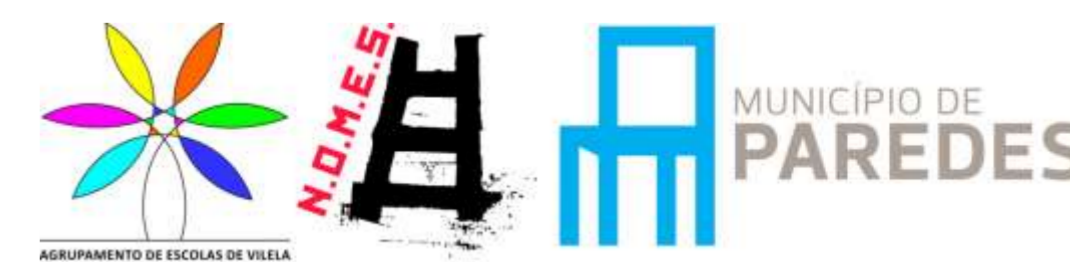
Figura 6. Ofício do Prefeito de L'Aube dirigido às autoridades governamentais em Paris sobre a situação de Domingos da Cunha, novembro de 1942 (Fonte: Arquivos Departamentais de l'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>).
Figura 7. Prisão Central de Clairvaux, s/d (Fonte: <http://prisons-cherche-midi-mauzac.com/>).



Domingos da Cunha, 1944.

expulsão fosse possível. É ainda referido que esta expulsão, face às circunstâncias que se viviam, não era fácil de se realizar.

Assim, entre novembro de 1942 e 23 de novembro de 1943, Domingos da Cunha terá estado internado no **Campo de Rouillé**, situado em Vienne. Este campo, classificado como Centro de Internamento, funcionou entre 6 de setembro de 1941 e 11 de junho de 1944 e recebeu, essencialmente, opositores políticos, negociantes do mercado negro, criminosos de direito comum e estrangeiros indesejáveis.



Esta suposição deriva de uma lista de transferência de prisioneiros para o Campo de Voves datada de 23 de novembro de 1943, onde consta que Domingos da Cunha terá sido para ali transferido vindo de Rouillé.



Figura 8. Campo de Internamento de Rouillé, s/d (Fonte: <http://www.vrid-memorial.com/>). Figura 9. Campo de Internamento de Voves, s/d (Fonte: <http://coursiersdesdeuxguerres.1x.net>).

O Campo de Internamento de Voves foi construído à saída da cidade com o mesmo nome, a 25 km a sul de Chartres, num antigo campo de prisioneiros de guerra. Em 1939, funcionou como um centro de instrução de defesa antiaérea mas, após a derrota francesa em junho de 1940, as autoridades ocupantes passaram a utilizá-lo como campo de prisioneiros de guerra franceses. No final de 1941, o campo passa a receber os opositores ao regime de Vichy, transformando-o num Centro de Internamento.

Durante o seu internamento em Voves, a 28 de dezembro de 1943, o Prefeito Delegado do Secretário-Geral da Polícia prescreveu a libertação de Domingos da Cunha com a condição expressa que este regresse a Portugal. Assim, a 12 de janeiro de 1944, o Prefeito de L'Eure-et-Loir escreve ao Cônsul Geral de Portugal em Paris a dar-lhe conta desta decisão e a solicitar-lhe que o informe das condições em que esta transferência se possa vir a realizar.

O Cônsul, em ofício enviado a 21 de janeiro de 1944, informa o Prefeito de L'Eure-et-Loir que, naquelas circunstâncias, o Consulado apenas fornece ao interessado o Passaporte ou outro documento que este necessite, dado que os procedimentos relativos à transferência são da responsabilidade das autoridades francesas, em articulação com as

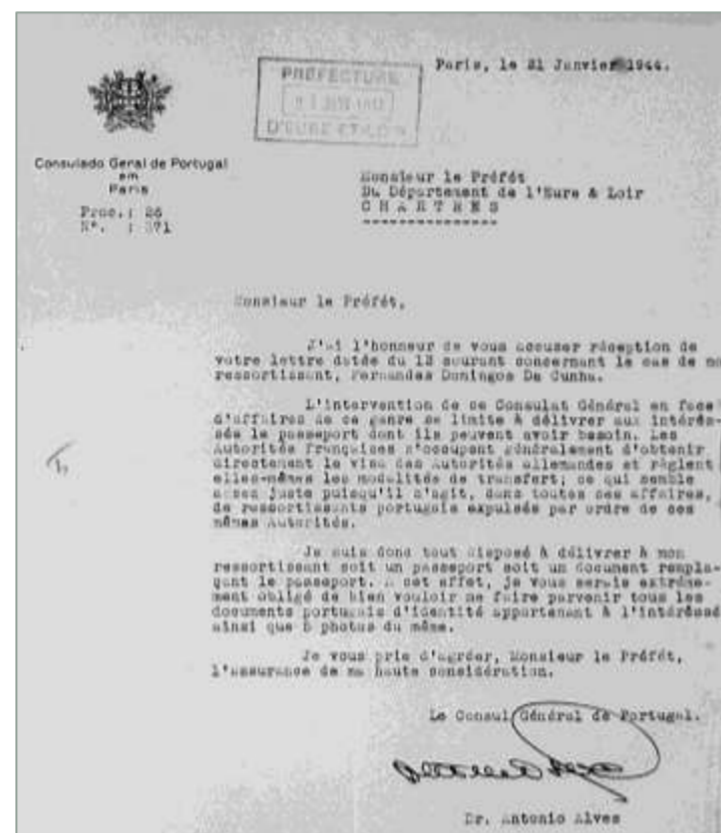
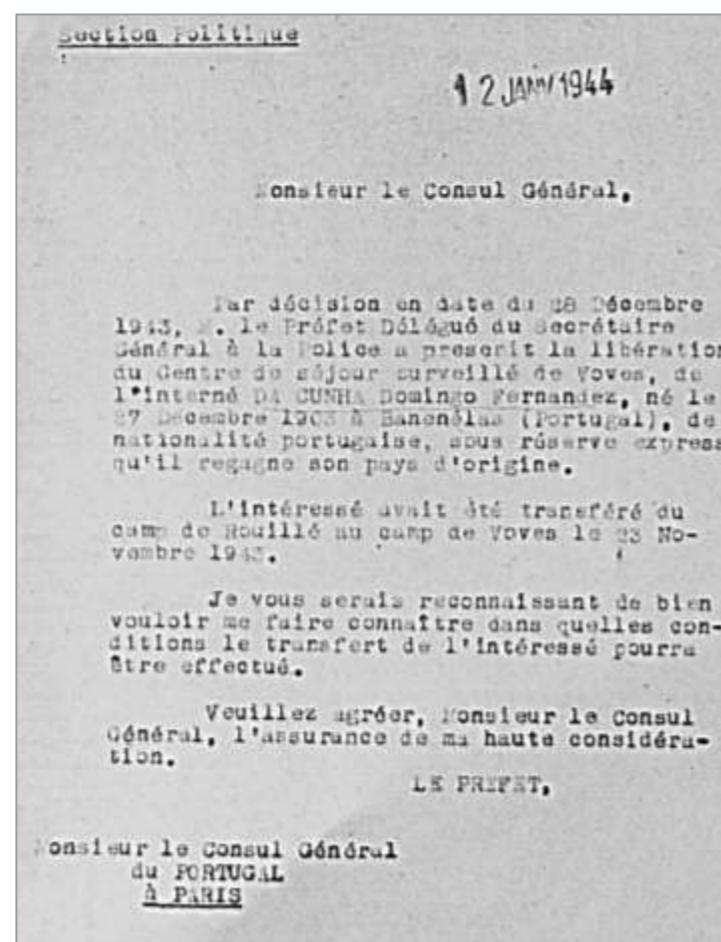


Figura 10. Comunicação do Prefeito de L'Eure-et-Loire ao Cônsul Geral de Portugal em Paris sobre a libertação de Domingos da Cunha e os procedimentos para a sua expulsão, 12 de janeiro de 1944 (Fonte: Arquivos Departamentais de L'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>). Figura 11. Ofício do Cônsul de Portugal em Paris sobre os procedimentos a ter quanto à expulsão de Domingos da Cunha, 21 de janeiro de 1944 (Fonte: Arquivos Departamentais de L'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>).

autoridades alemãs. É neste contexto que, a 17 de fevereiro de 1944, o Consulado português em Paris elabora a Guia de Repatriação n.º 46, com fotografia, relativa a Domingos Fernandes da Cunha e que deveria servir de Passaporte até à fronteira portuguesa.

Domingos da Cunha, o «Arruaceiro»

Cabanelas (Braga), 27-12-1903 | ?, ?

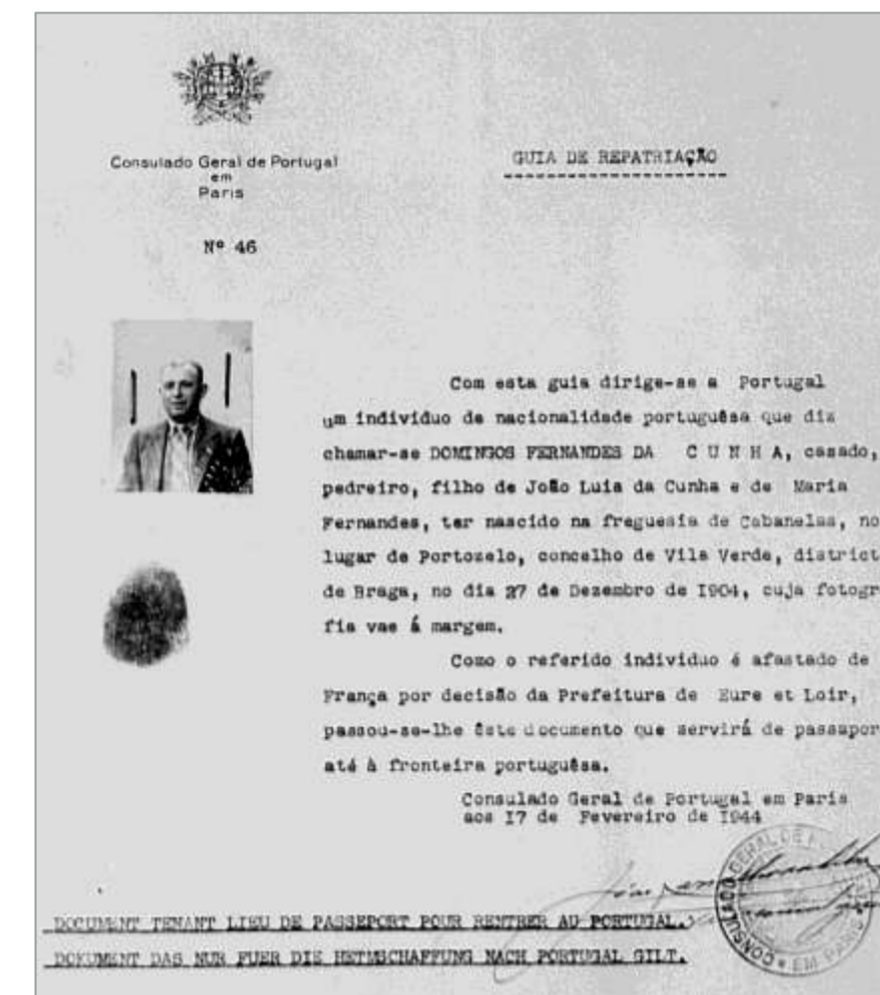


Figura 12. Guia de Repatriação de Domingos da Cunha, 17 de fevereiro de 1944 (Fonte: Arquivos Departamentais de L'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>).

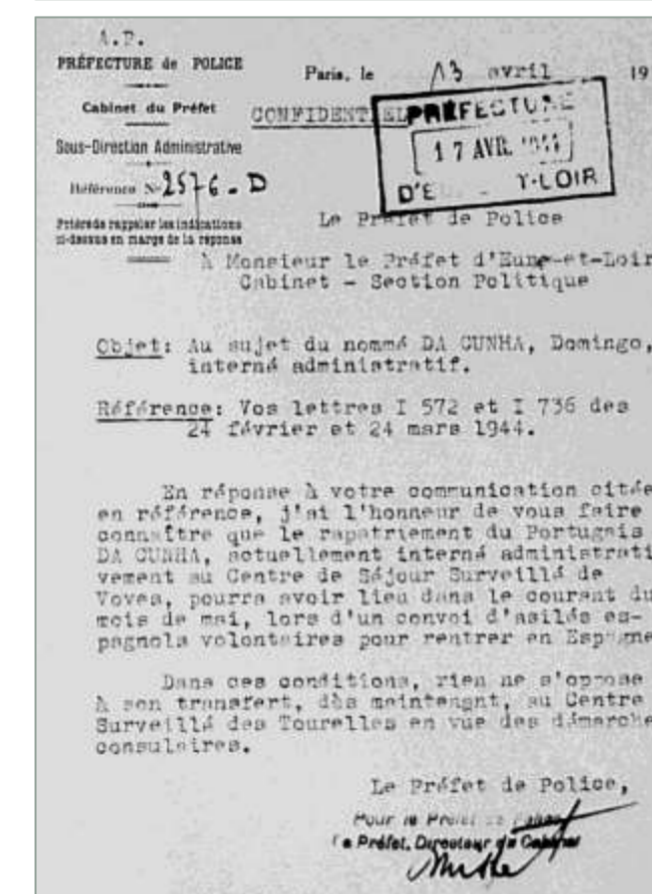
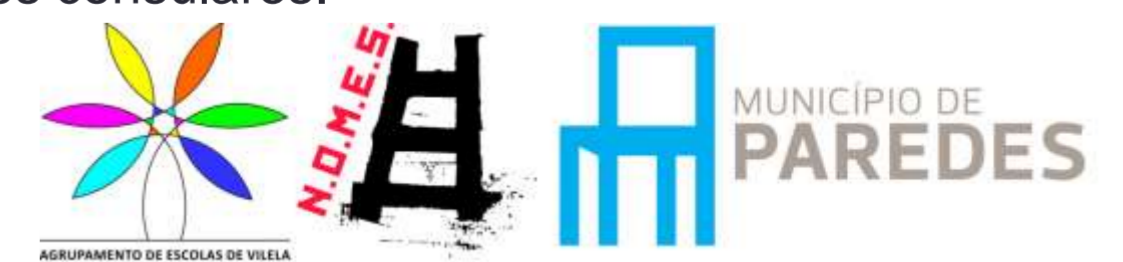


Figura 13. Ofício do Prefeito da Polícia sobre o agendamento do repatriamento de Domingos da Cunha, 13 de abril de 1944 (Fonte: Arquivos Departamentais de L'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>).



Domingos da Cunha, 1944.

De facto, a expulsão de Domingos da Cunha esteve agendada para março e depois para maio de 1944, segundo ofícios do Prefeito da Polícia dirigidos ao Prefeito d L'Eure-et-Loire. A 13 de abril de 1944, é mesmo referido que o repatriamento «poderia ter lugar durante o mês de maio quando um comboio de asilados espanhóis voluntários entrasse em Espanha». Em consequência disto, o português poderia ser transferido para o Campo de Internamento de Tourelles, tendo em vista os procedimentos consulares.



Tal como aconteceu com Richard Lopes, os eventos históricos ditaram o destino de Domingos da Cunha. Como consequência de uma espetacular evasão de 42 detidos, na noite de 5 para 6 de maio de 1944, a 9 de maio, o Campo de Voves volta a ser entregue às autoridades alemãs e os 405 internados que restam no campo, entre os quais Richard Lopes e Domingos da Cunha, são levados para o Campo de Royallieu em Compiègne, campo de trânsito em direção aos campos de concentração nazis e onde Domingos recebe o número de matrícula 35082.

A partir daqui, o percurso de vida de Domingos da Cunha torna-se cada vez mais opaco por falta de documentação. Sabe-se que ele é um dos 2004 homens de Compiègne que parte no transporte de 21 de maio de 1944, em direção ao **Campo de Concentração de Neuengamme**. Sabe-se que aqueles 2004 prisioneiros são transportados em vagões de transporte de animais, cerca de uma centena por vagão, e 49,7% destes deportados (997) desaparecerão ou morrerão após a deportação. Sabe-se que neste comboio seguiam dois prisioneiros identificados como portugueses, Paulo da Silva e Manuel Barreira Gomes, e três nascidos em Portugal mas naturalizados como franceses, Domingos da Cunha, Richard Lopes e Manuel João. Sabe-se que o transporte chega ao Campo de Concentração de Neuengamme três dias depois, a 24 de maio de 1944 e que rapidamente, a maioria destes prisioneiros é afeta a vários *Kommandos* (de trabalho) do campo, organizando-se três grandes transferências, uma para Watenstedt, outra para Fallersleben e outra para Bremen-Farge. Sabe-se que não se encontra qualquer referência



Figura 14. Prisioneiros a executar trabalho forçado em Neuengamme, s/d (Fonte: <http://www.annefrank.org/>).

Domingos da Cunha, o «Arruaceiro»

Cabanelas (Braga), 27-12-1903 | ?, ?

Letra : D	N o m et Prénoms	Date et Lieu de naissance	Date d'arrivée	Nº de Mat.	Kommandos	Adresses
D A S A T	Jean	20.12.1907 Bantou (Rheo.Pyr.)	7. 6.44	33-639	Porta	+ 3-5-45 bain de Neueng.
DALIMONT	Benoit Henri	10. 4.1901 Salindriac- Vezze(Sud)	24. 5.44	31.048	Bremen-Farge	disparu
DA CAMPO	Louis	12. 8.1919 Vie (Italia)	31. 7.44	40.156	Bremen-Osterort	+ 17.5.45 Stenbourg- Unterstedt
D A C H E T	Albert	7. 4.1915 Clermont- Ferrand (P.d.F.)	19. 2.44	26.628	Dispar.	Straf..... BREMEN-OSTER- ORT
DACHEUX	Louis	2. 8.1902 Commelette (Somme)	18. 7.44	disparu	épouse/Mme Juliette D.- Place de la Dounerie à Hurel/Cantal
DA COSTA	Benoit	1.10.1922 Espos (Portugal)	17.10.44	50.035	Neueng-Vorsten	disparu
DACOURA	Dominique	27.12.1904	24. 5.44	(Portugalia)
D A S S E T	Charles	16.10.1901 Bardouze (Gir.)	24. 5.44	disparu	épouse/Mme Laurence D.- 210,24 Gardard à Bordeaux(Gir.)

Figura 15. Lista alfabética anual, compilada no após-guerra, referente a prisioneiros franceses de Neuengamme ali chegados em 1944 (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen).



Domingos da Cunha, 1944.

à atribuição de um número de matrícula a Domingos da Cunha em Neuengamme e por conseguinte não se encontra qualquer ficha individual do campo sobre este deportado, embora o seu nome conste de uma lista alfabética anual, compilada no após-guerra, referente a prisioneiros franceses de Neuengamme ali chegados em 1944.

Terá Domingos da Cunha chegado a Neuengamme ou ter-se-á evadido? Terá o português, tão problemático e «arruaceiro», morrido durante a viagem ou à chegada ao campo? O seu destino permanece desconhecido. Na aldeia onde nasceu, Cabanelas, apenas se conseguiu saber que Domingos nunca mais lá voltou e no averbamento aditado ao seu registo de batismo pode ler-se que o seu casamento foi dissolvido devido à morte da esposa, em 18 de outubro de 1985, o que poderia fazer supor que o português ainda estaria vivo. No entanto, presume-se apenas que tal informação foi assim redigida porque em Portugal se desconhecia em absoluto o que lhe havia acontecido por terras de França.

Autor.

Deolinda Ribeiro, 12.º VE. Agrupamento de Escolas de Vilela, 2015/2016.

Fontes, Bibliografia e Webgrafia.

Arquivos Departamentais de l'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>.
Arquivo do Memorial do Campo de Concentração de Neuengamme. *International Tracing Service* (ITS), Bad Arolsen (Alemanha).
CARVALHO, Patrícia. *Portugueses nos Campos de Concentração Nazis*. Lisboa: Vogais Editora, 2015.
ACHSMANN, Nikolaus. *KL – A História dos Campos de Concentração Nazis*. Lisboa: D. Quixote, 2015.

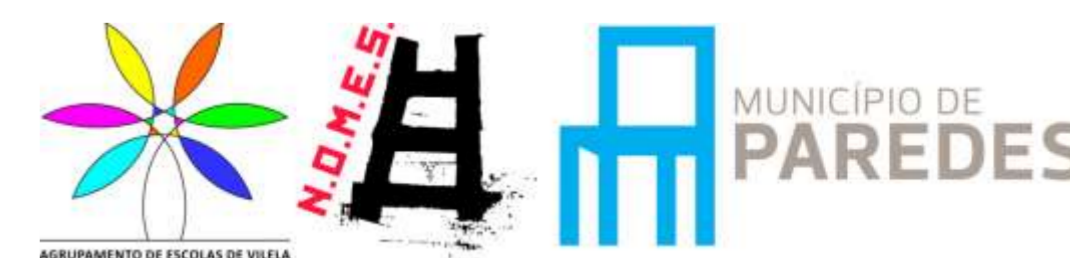




Figura 1. Passaporte de Júlio Laranjo, 1925.

Júlio Leal Laranjo nasceu em Santiago (Alcácer do Sal), a 24 de fevereiro de 1919, fruto do casamento de José Laranjo e Ana Maria Leal, em 1914, em Vieira de Leiria. Deste casamento, nasceram ainda em Portugal também duas meninas: Maria (1916-2003) e Zulmira (1922-1937).

Em 1925, com apenas 6 anos, cabelos loiros e um olhar entre o espanto e a seriedade, é atribuído a Júlio o seu primeiro passaporte, que a sua filha Sylvie Morel-Laranjo ainda conserva, válido por um ano, para que pudesse ir «para a companhia dos seus pais» em França, acompanhado pela sua irmã Maria, os dois entregues aos cuidados de um tal José Fernandes. O pai havia-se instalado em Noyon, onde procurava uma maior estabilidade financeira para sustentar a família, e agora todos ali se reuniam. Já em França, a família aumenta e é em Noyon e depois em Morlincourt que nascem Lucile (1926-2014), Pierre Lucien (1929-1999) e Arsène (1932-2006), a quem são dados nomes bem franceses. Por decreto de 1 de março de 1934, toda a família Laranjo se naturaliza francesa, usufruindo do estatuto da Lei da Nacionalidade de 1927, que havia sido promulgada para promover o aumento populacional em França após a Grande Guerra, atraindo os imigrantes.

Não conhecendo mais pormenores da vida do pai e seus familiares antes da guerra, Sylvie sabe apenas que Júlio, como francês, é mobilizado, com

Júlio Laranjo, Resistir por amor à Liberdade

Santiago (Alcácer do Sal), 24-02-1919 | Ribecourt, 15-12-1997

vinte anos, através do Centro de Recrutamento de Beauvais, para as Forças Armadas francesas em 1939, tendo cumprido o serviço militar na Força Aérea até 1942, obtendo a posição de Cabo. Terá estado destacado na Base Aérea de Chartres, e segundo a sua ficha médica elaborada aquando do seu repatriamento dos campos de internamento e o seu processo de obtenção da Carta de Combatente, terá integrado o *Groupe de Bombardement I/32* que fez missões em Casablanca.

Regressado do serviço militar em 1942, a documentação preservada sobre Júlio Laranjo e o testemunho da sua filha mais nova, Sylvie, revelam que ele tem vários empregos entre 1942 e 1943 (operário metalúrgico, trabalhador agrícola, operário especialista num depósito de munições e operário numa refinaria de açúcar em Crisolles) e que se junta à Resistência francesa, a 15 de agosto 1943, com apenas 23 anos, sendo o único elemento da família a fazê-lo. Júlio irá pertencer ao grupo *Organisation Civile et Militaire* (OCM), «por amor à liberdade» e «porque se recusava a ser submisso», como menciona Sylvie.

A OCM foi fundada em Paris em 1940 em resultado da fusão de diversos grupos. O objetivo deste movimento, que se organizava como um corpo militar dependente de uma estrita hierarquia, era estabelecer uma organização paramilitar clandestina capaz de

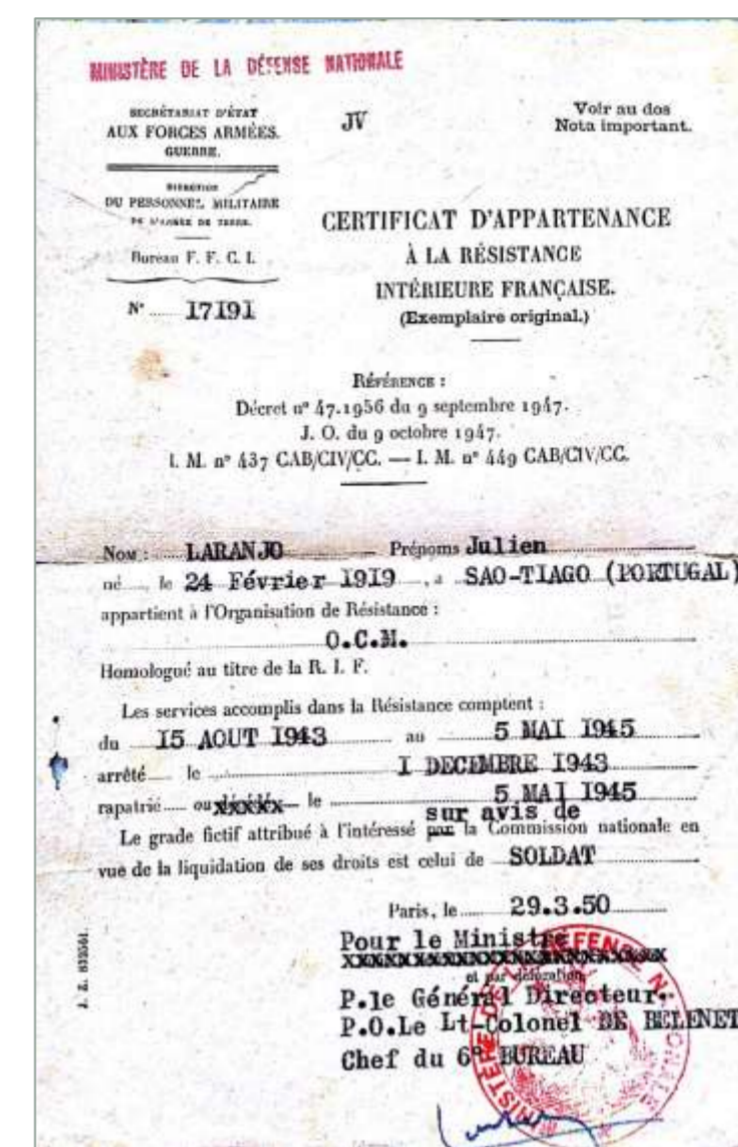
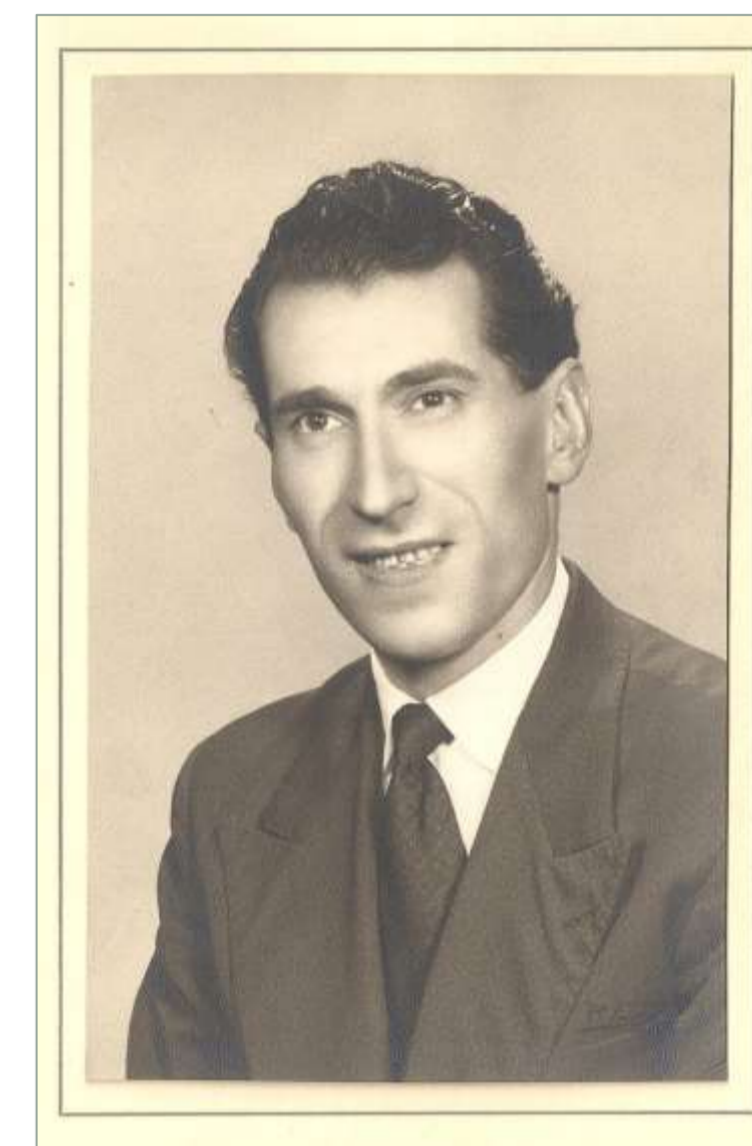


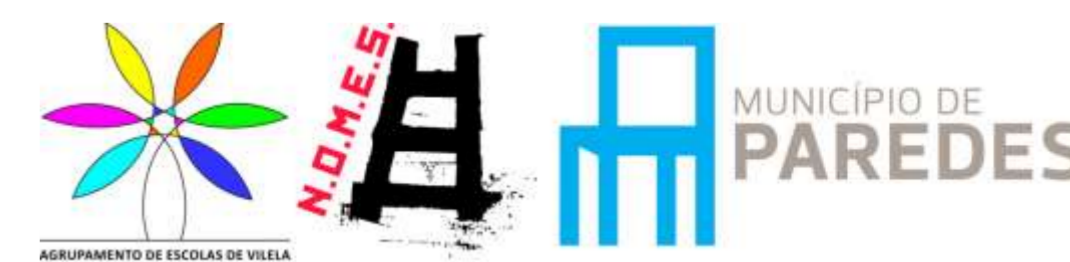
Figura 2. Certificado de pertença à *Organisation Civile et Militaire*, 1950.



Júlio Laranjo, Anos 60.

constituir uma força de oposição ao ocupante e um apoio interno à ofensiva aliada.

Júlio foi capturado, em Morlincourt, pela Gestapo, a 1 de dezembro de 1943, pelo fabrico de documentos de identidade falsa para membros da Resistência, bem como por ser desobediente a todo o tipo de trabalho para os alemães. Sylvie acredita que ele soubesse quem o havia denunciado, mas nunca o mencionou. No entanto, no seu processo da atribuição do título de Deportado Resistente, é mencionado que ele terá sido denunciado por um camarada a quem ele forneceu uma falsa carta de identidade.



O **Campo de Concentração de Mauthausen** foi criado em 1938, na Áustria, devido à sua proximidade às pedreiras. Concebido como uma estrutura para durar, como refere Nikolaus Wachsmann, este campo, como todos os que foram criados na segunda metade dos anos 30, foi planeado como uma «pequena cidade de terror» que albergaria imensos reclusos, sendo «passível de expansão em qualquer altura»: «o terror ilimitado requeria campos ilimitados». Este terá sido construído, inicialmente, para o extermínio dos prisioneiros, no entanto, em 1943, devido à falta de mão-de-obra e à necessidade de uma maior produção de armamento, cada vez mais prisioneiros foram utilizados para trabalhos forçados. Este é, tal como Auschwitz, por exemplo, um dos campos mais temidos e brutais: turnos de doze horas de trabalho por dia, em condições de subalimentação; castigos corporais; fome constante e a permanente ameaça da morte caracterizavam o dia-a-dia do campo. Somente cerca de metade dos 200 mil prisioneiros enviados para Mauthausen e para os seus subcampos sobreviveu.

A 8 de março de 1944, Júlio Laranjo é novamente transferido, desta vez para o subcampo ou **Kommando de Steyr-Münichholz**, a cerca de 30 km a sul de Mauthausen, onde se trabalhava na produção de armamento, motores de aviões e trens de aterragem. Steyr abriu oficialmente a 14 de março de 1942 embora a empresa Steyr-Daimler-Puch AG já trabalhasse com mão-de-obra escrava de Mauthausen desde 1941. Este campo seria de pequenas proporções, albergando entre 1000 e 2000 presos.



Figura 9. Prisioneiros de Mauthausen durante as chamadas, 1942-1944 (Fonte: <https://www.mauthausen-memorial.org>).

Júlio Laranjo, Resistir por amor à Liberdade

Santiago (Alcácer do Sal), 24-02-1919 | Ribecourt, 15-12-1997

WSW		2		64	
5386	Laplagne André	21.12.01	Landwirt	Gusen 6/4.45	
864	Laranjo Julien	24.2.19	Koch	Steyr	
855	Latapie Paul	4.6.05	Angest.	2.4.45, gest.	
866 Sch. Fr.	Laurie re Anatole	5.5.98	Landwirt	2.12.44, gest.	

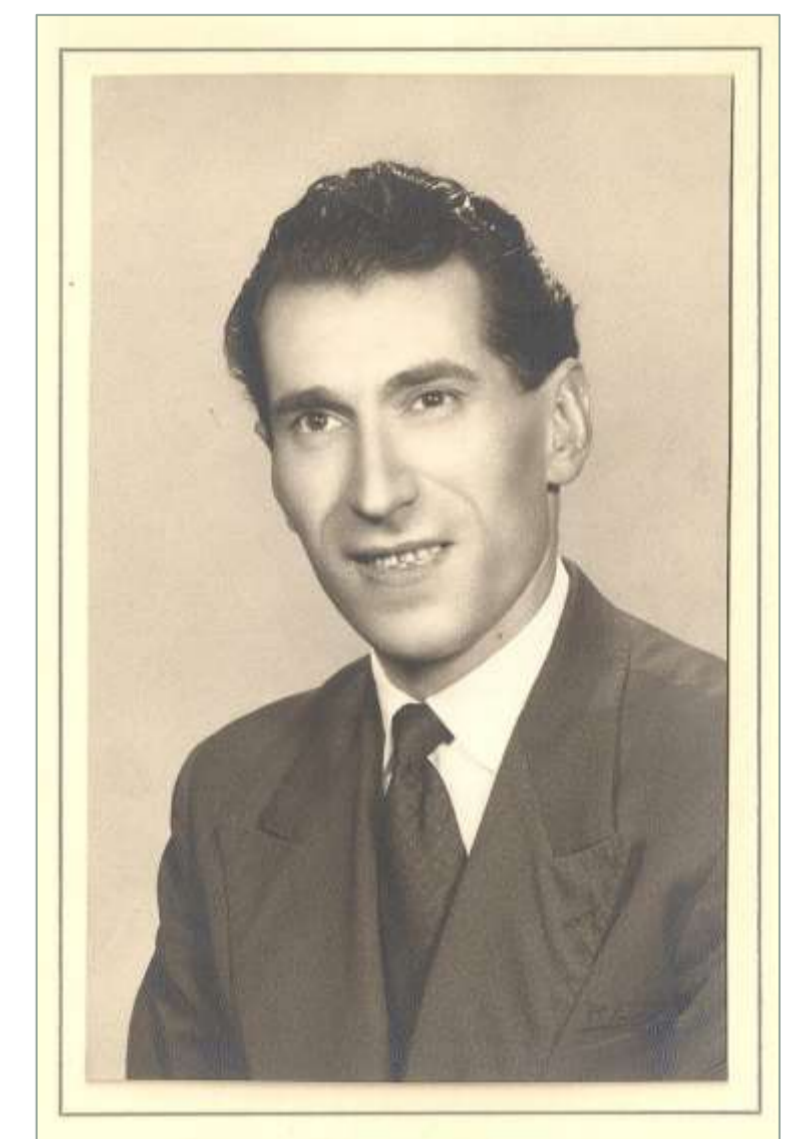
Steyr é o local onde a estadia de Laranjo é mais longa, perdurando, ao que parece, até 6 de abril de 1945, quando terá dado entrada no **subcampo de Gusen**, considerado o pior complexo de Mauthausen. Gusen I situava-se a cerca de 10 km a norte do campo principal e terá ficado operacional em maio de 1940, estando associado ao trabalho nas pedreiras e a partir de 1943 à produção de armamento. De modo a proteger esta produção dos bombardeamentos aéreos, os prisioneiros de Gusen I são obrigados a escavar túneis perto do campo, acabando por ser criado um novo subcampo – Gusen II –, em março de 1944, que serviu como um campo improvisado até ao fim da guerra. Gusen II teria entre cerca de 12 e 17 mil prisioneiros e não possuía as instalações básicas. Pouco depois, em dezembro, foi construído o subcampo Gusen III, perto de Lungitz, a partir de infraestruturas de fábricas da área.

Desconhece-se se Júlio esteve em Gusen I, II ou III, mas sabe-se que, para além de durante todo o período de deportação ter passado pelos Blocos 14, 15, 19 e 21, regressa ao campo central de Mauthausen a 28 de abril de 1945 e que a 5 de maio



Figura 10. Lista de prisioneiros de Mauthausen afetos a diversos subcampos, s/d (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen).

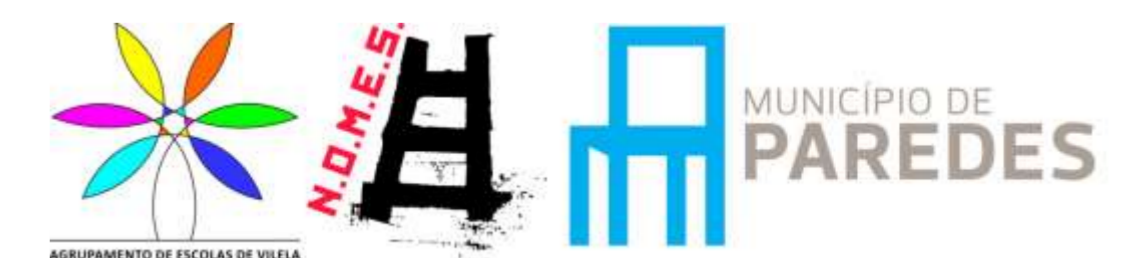
Figura 11. Hotel Lutetia em Paris, 1940-50 (Fonte: <http://www.memoirevive.org>).



Júlio Laranjo, Anos 60.

é ali libertado pelas tropas americanas. Neste mesmo campo, passaram também pelo menos outros cinco portugueses: Abel de Carvalho, António Ferreira, Tomás Vieira, Delfim Ribeiro da Cunha e João Fernandes. Somente Júlio Laranjo e João Fernandes sobreviveram.

No dia 19 de maio de 1945, os ex-prisioneiros já estavam a ser repatriados. Muitos deles, incluindo Júlio, foram encaminhados para o Hotel Lutetia, em Paris, o principal centro de repatriamento francês, onde foram apoiados pela Cruz Vermelha e se «sentiram novamente vivos», como refere Sylvie Laranjo.



Construído em 1910, em pleno bairro de Saint-Germain-des-Prés, o Hotel Lutetia usufruiu do dinamismo artístico de Paris entre as duas guerras, tendo recebido diversas personalidades ligadas à cultura da época. Durante a ocupação alemã, o Hotel foi usado como sede da *Abwehr*, serviço de informações do Estado-Maior alemão, tendo, em 1945, sido requisitado para funcionar como o principal local de acolhimento de deportados em França, após se ter verificado que a Estação d’Orsay, que estava a ser usada para esse efeito, não tinha as condições necessárias para prestar cuidados médicos nem condições de alojamento temporário.

Ao Lutetia, os deportados chegavam com variadas e complicadas condições de saúde tais como anemia, raquitismo, dores musculares, tuberculose, tifo, entre outras, e com vários traumas psicológicos que, a muitos, acompanharão durante a vida. Após a sua chegada, era-lhes feito um exame médico e um «interrogatório», para perceber por onde e o que passaram e para se verificar se criminosos de guerra não se misturavam entre eles. Os recém-chegados estavam ansiosos por procurar parentes, amigos, tanto nas listas como no centro de acolhimento.

Embora a ficha médica elaborada aquando do seu repatriamento no Lutetia não identifique problemas graves, o certo é que Júlio Laranjo sofreu várias repercussões a nível físico e, possivelmente, a nível psicológico. No certificado médico do Centro de Reformas de França de 1967, ele reúne os requisitos necessários à aplicação de uma pensão temporária de “100%+15%”. São relatados vários problemas, como a «astenia dos deportados» (estado de fraqueza generalizado), que o afetou a 80%; problemas digestivos e dores difusas na coluna com um grau de incapacidade de 25%; bronquite crónica (incapacidade de 20%); possuía somente sete dentes no maxilar superior; sofria de múltiplas cáries e infeções dentárias; taquicardia e dificuldade em respirar em caso de esforço; nevralgias; conjuntivite; dores de pés e artroses; e uma laringite crónica, possuindo as cordas vocais inflamadas. Júlio tinha, então, apenas 48 anos.



Júlio Laranjo, Resistir por amor à Liberdade

Santiago (Alcácer do Sal), 24-02-1919 | Ribecourt, 15-12-1997



Apesar destes problemas de saúde, Júlio Laranjo retomará a sua vida após a guerra de uma forma o mais normal possível. Irá trabalhar numa empresa de produtos químicos e casa-se pela primeira vez, em 1948, com Monique. Deste casamento nasceram Edwige, Josée e Beatrice. Entretanto, divorcia-se e volta a casar, a 23 de fevereiro de 1963, com Geneviève, com quem teve uma filha, Sylvie.

Devido ao seu contributo na Resistência, em 1966 é-lhe concedida a Medalha Militar e a Cruz de Guerra 1939-1945 com Palma, sendo ainda ordenado Cavaleiro da Legião de Honra em 1974. Obtém ainda o título de Deportado Resistente em 1952, de Combatente Voluntário da Resistência em 1953 e de Combatente em 1958. Tendo falecido a 15 de dezembro de 1997, em Ribecourt, para onde foi viver após o segundo casamento, Sylvie lembra-o como alguém que quase não falava do seu papel na Resistência nem da deportação, por uma questão de pudor, que não suportava roupas às riscas, pelas razões óbvias, e que era muito altruísta. Apesar de tudo por que passou, Júlio não sentia qualquer rancor ou ódio em relação a isso.

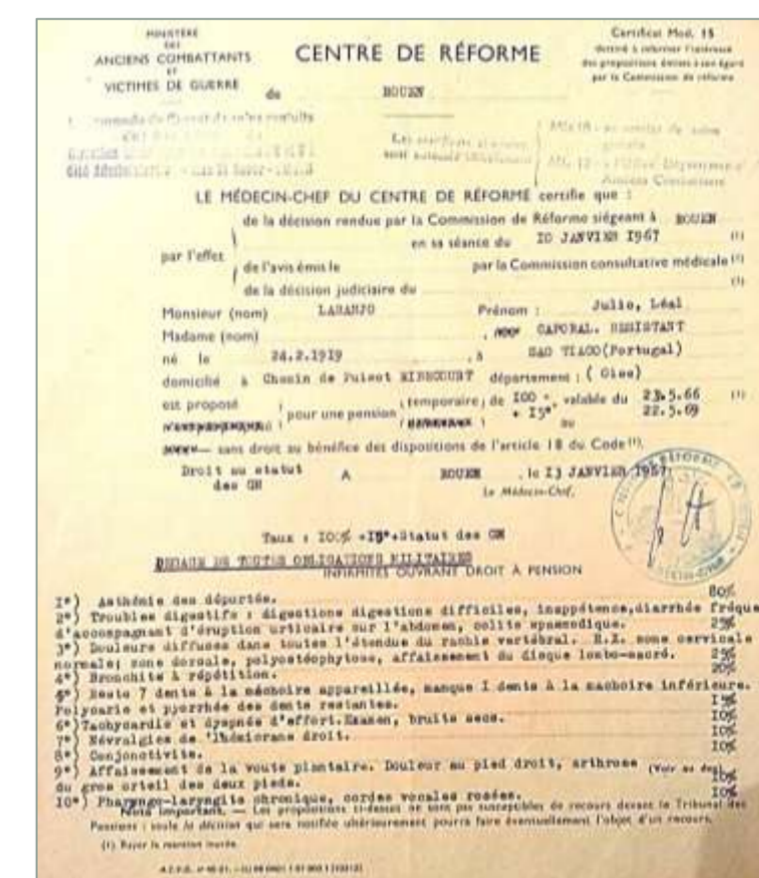
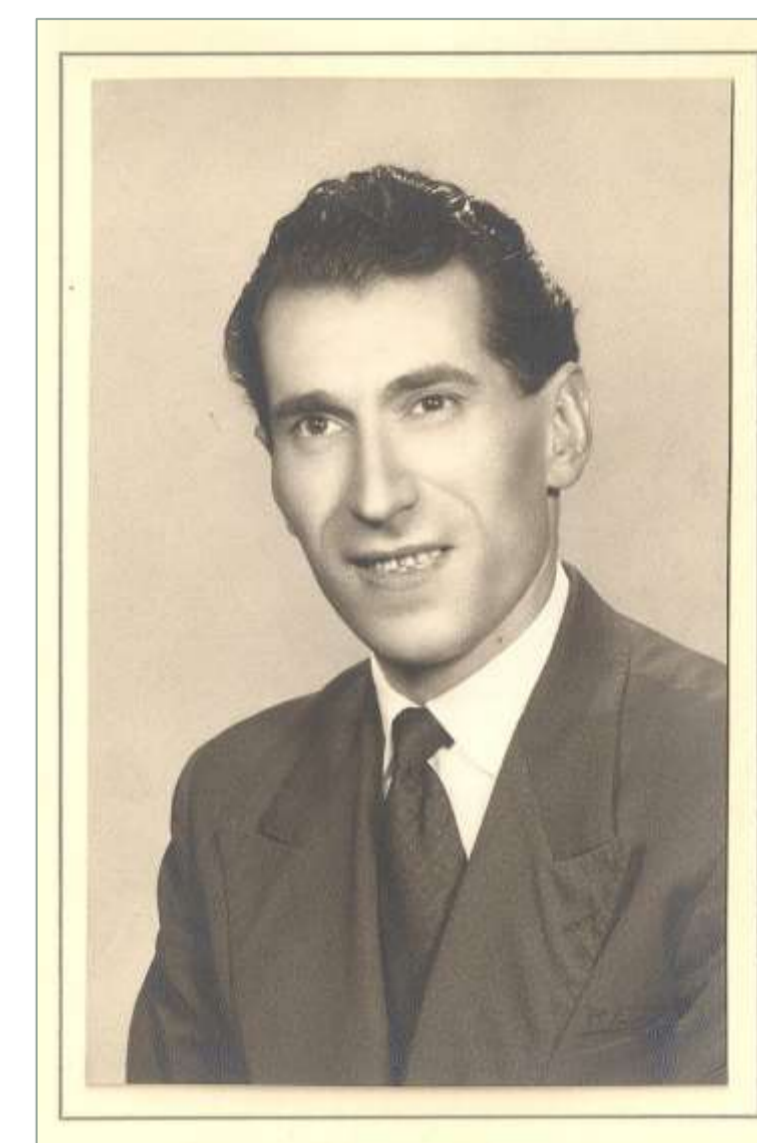


Figura 12. Certificado de atribuição da Medalha Militar, 1966. Figura 13. Cartão de Deportado Resistente, 1952. Figura 14. Certificado médico do Centro de Reformas francês, 1967.



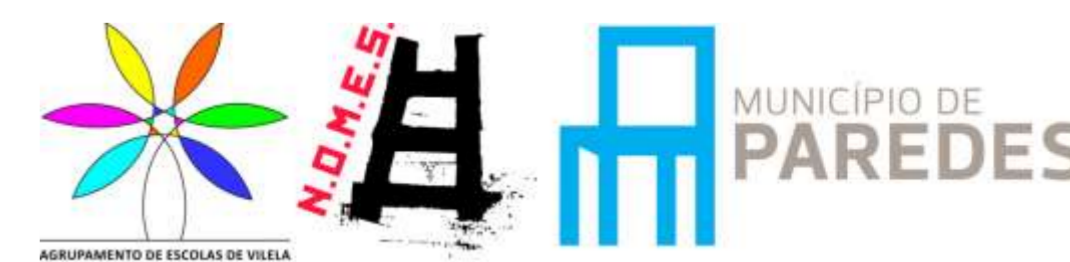
Júlio Laranjo, Anos 60.

Autor.

Ana Beatriz Seródio, 12.º VD. Agrupamento de Escolas de Vilela, 2015/2016.

Fontes, Bibliografia e Webgrafia.

- Arquivo pessoal e depoimentos de Sylvie Morel-Laranjo recolhidos por correio eletrónico entre fevereiro e maio de 2016.
- Arquivo do Memorial do Campo de Concentração de Buchenwald.
- Arquivo do Memorial do Campo de Concentração de Mauthausen.
- Arquivo do *Service Historique de la Défense, Pôle des Archives des Victimes des Conflits Contemporains* (SHD, PAVCC), França.
- International Tracing Service* (ITS), Bad Arolsen (Alemanha).
- CARVALHO, Patrícia. *Portugueses nos Campos de Concentração Nazis*. Lisboa: Vogais Editora, 2015.
- WACHSMANN, Nikolaus. *KL – A História dos Campos de Concentração Nazis*. Lisboa: D. Quixote, 2015.
- <http://lutetia.info/>
- <https://www.mauthausen-memorial.org>



Amélia Martins tinha dezasseis anos quando viu o tio, Luiz Ferreira, pela primeira vez, em 1968. Este regressava a Portugal, a Santa Maria de Airão (Guimarães), onde viviam os irmãos, após mais de quarenta anos de ausência, uma semana após a morte do pai. Tendo regressado a Portugal de comboio, Luiz traz consigo a sua bicicleta, pois desconhecia se existiam transportes públicos até à sua terra natal, e é montado nessa bicicleta que os irmãos o encontram, de regresso de uma visita ao túmulo dos pais e de uma antiga namorada.

Apesar do longo afastamento e da completa ausência de notícias, Luiz parecia estar ciente do que se passava na sua aldeia: sabia da morte dos pais e da morte de uma antiga namorada. Alguém o informaria mas não a família, ao que sabe Amélia, pois apenas uma vez o pai tentara escrever ao irmão para uma morada francesa dada por um conterrâneo que lhe havia dito que o irmão estava em França e era do sindicato. A carta nunca chegaria às mãos de Luiz.

Por ser o irmão que, na altura, tinha melhores condições de vida, é também o pai de Amélia Martins que hospeda Luiz em sua casa naquelas duas ou três semanas de visita. Durante aqueles dias, Amélia recorda-se de que nada é revelado sobre o seu percurso pelos campos de internamento franceses nem pelos campos de concentração nazis. Eram tempos ainda de Ditadura em Portugal e, como membro do Partido Comunista Francês, Luiz não arrisca. Prefere observar como se vivia em Portugal. Só quando regressa uma segunda vez, já após a Revolução de 25 de abril de 1974, é que começa a contar à sobrinha, quer pela proximidade relacionada com a estadia em sua casa quer pela curiosidade que Amélia revela, a sua história.

Luiz Ferreira nasceu a 18 de outubro de 1902, em S. Paio de Figueiredo, no distrito de Braga, em tempos difíceis. S. Paio de Figueiredo fica a cerca de 10 km de Guimarães e era então uma zona muito pobre e muito

Luiz Ferreira Martins, o *Homem da Bicicleta*¹

S. Paio de Figueiredo (Guimarães), 18-10-1902 | Lyon, 20-09-1991

isolada. Os seus pais chamavam-se Lourenço Ferreira (Laurent nos documentos franceses) e Joana Oliveira (Jeanne) e estes tinham sido jornaleiros de terras antes de Lourenço Ferreira se estabelecer como funileiro. Como conta a sua sobrinha, Amélia Martins, para retratar aquele tempo onde quase tudo falta, no dia de casamento, a mãe de Luiz Ferreira vestiu uma roupa emprestada e de tarde ainda foi trabalhar meio-dia ao jornal. O casal teve seis filhos.

Sempre inconformado, Lourenço Ferreira aprendeu em Guimarães a arte de funileiro que ensina aos seus três filhos rapazes, enquanto as raparigas foram encaminhadas para as fábricas têxteis. Era um tempo em que, apesar de obrigatória, a escola ficava sempre em segundo lugar, na medida em que os pais recorriam ao trabalho dos filhos para aumentar os poucos rendimentos da família. Luiz Ferreira terá frequentado apenas a primeira ou a segunda classe tendo aprendido a ler e a escrever.

Já com a sua própria oficina, por conta própria, a vida continua difícil para Lourenço Ferreira e os seus filhos. Mais tarde, Luiz recorda junto da sobrinha que o pai o fazia trabalhar muito e que uma vez se tinha virado contra ele com um martelo da oficina para lhe bater.

É neste contexto de dificuldades económicas que Lourenço Ferreira decide emigrar para Inglaterra.

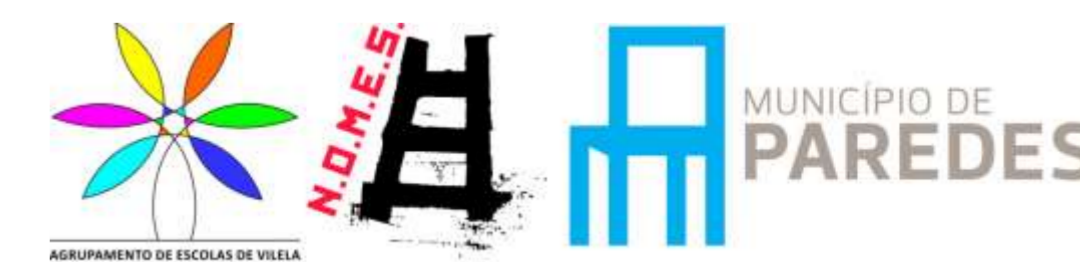


Luiz Ferreira, s/d.

Primeiro foi sozinho, mas depois, devido às queixas de Joana relativamente ao filho mais velho, que fugia de casa para o Porto, Luiz Ferreira junta-se ao pai naquela aventura por terras britânicas.

Não tendo a experiência corrido muito bem, os dois regressam a Portugal e depois voltam a partir, desta vez para França, em 1923 (de acordo com um documento constante do seu processo de atribuição do título de Deportado Resistente).

¹ Título da Conferência dinamizada pelo Agrupamento de Escolas Francisco da Holanda, em 23 de abril de 2015.



Luiz Ferreira Martins, o *Homem da Bicicleta*

S. Paio de Figueiredo (Guimarães), 18-10-1902 | Lyon, 20-09-1991

nascimento da Segurança Social em França, pela semana de 40 horas de trabalho, pelas primeiras férias pagas, concluindo que, antes de 1932, em França «não faltava trabalho, mas a vida era pouco menos miserável que em Portugal».

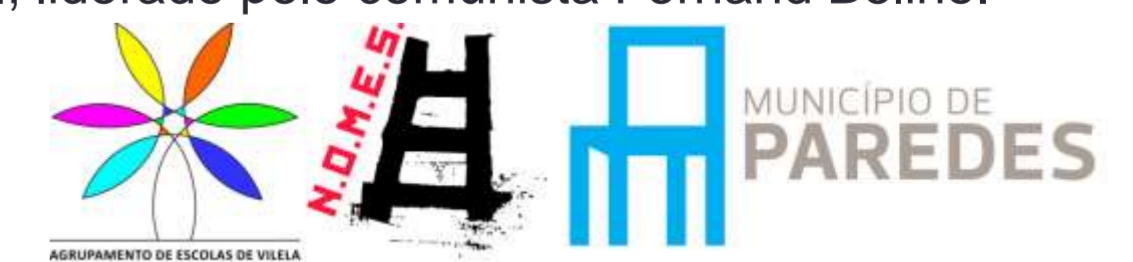
Lyon, nos anos 30, era uma cidade de grande tradição industrial e contava com mais de 500 mil habitantes. Apesar de tendencialmente burguesa, os bairros mais populares e as comunas mais industriais desenvolveram uma forte implementação dos partidos de esquerda, principalmente do P.C.F., de tal forma que, em 1935, Camille Joly, comunista, é eleito Presidente da Câmara da pequena cidade de Villeurbanne, nos arredores de Lyon (para onde Luiz Ferreira irá viver após a guerra). A todo este envolvimento, que inclui a ajuda aos espanhóis afetados pela Guerra Civil e o apoio aos voluntários que irão combater neste conflito, também não será alheio o triunfo da Frente Popular (coligação de partidos de esquerda) em França, em



Luiz Ferreira, s/d.

1936, e o facto de, em Villeurbanne, se ter realizado o VIII Congresso Nacional do Partido Comunista Francês, entre 22 e 25 de janeiro de 1936.

Terá sido, pois, neste contexto que o português Luiz Ferreira se voluntaria, entre 23 de outubro de 1936 e novembro de 1938, para participar pelo P.C.F. na Guerra Civil de Espanha onde sofreu uma fratura na parte inferior da coxa direita. Para tal, usou o nome de código Simon, inspirado no nome de uma namorada francesa, Julie Simon. Na luta contra os Franquistas, o português integrou o Batalhão André Marty (franco-belga), da 12.ª Brigada Internacional, liderado pelo comunista Fernand Belino.



Este livro é da época da minha juventude de militância do partido época ainda havia muitas apresentações entre a esquerda e os fascistas
Eu já militava desde 1932
participou o nascimento da segurança social de 40 horas de trabalho se começou a discutir-se então a médicos hospitais e reformas antes não havia nada
Também foi em 36 que arranjamos a semana de 40 horas antes a semana era de 48 horas
e quinze dias de férias mais tarde 3 semanas
2 meses de férias se podíamos arranjar depois dos anos 1950
já se foi uma batalha social que durou muitos anos
antes de 1932 não faltava trabalho mas a vida era pouco menos miserável que em Portugal
Estas vantagens sociais obtinidas de fontes lúcras carregadas sobre a s'abitação sobre tudo sobre a burguesia
na França sempre se defendeu não caiu do céu ali os anos 30 mas manifestações e muitos mortos a maior foi 1934 3 mortos

Figura 1. Testemunho escrito de Luiz Ferreira sobre a sua militância no Partido Comunista Francês. Figura 2. "Pavilhão" da Cellule Belmont n.º 6, do Partido Comunista Francês, entre os fotografados identificam-se Julie Simon (3.º a contar da direita) e Luiz Ferreira (1.º à direita). Figura 3. Confraternização do Partido Comunista Francês.



Foi então que um desentendimento entre os dois, cuja causa nunca foi revelada por Luiz à sua sobrinha favorita, resultou num afastamento familiar que durou mais de quarenta anos. Lourenço regressa a Portugal sozinho e a mulher conta apenas que «o rapaz fugiu». Enquanto o pai retoma a arte de funileiro, Luiz estabelece-se em Lyon, como operário no ofício de canalizador, vivendo, pelo menos no período imediatamente anterior à guerra, no n.º 32, da Rua de Marseille.

Apesar de não se conhecerem pormenores desta fase da vida de Luiz, sabe-se que terá sido por esta altura (finais dos anos 1920) que ele terá conhecido pessoas, com as quais se identificou, que o levaram para o Partido Comunista Francês (P.C.F.) de tal forma que ele deixou escrito que já «militava desde 1932». A adesão ao P.C.F. terá começado pela participação em festas do partido pois, como ele estava só, era uma forma de arranjar amigos. De referir que, enquanto esteve em Portugal, nunca teve atividade política, até porque em Portugal se vivia uma época de Ditadura. Sobre esta militância, Luiz refere que participou na luta pelo



Figura 4. Greve de junho de 1936, no Office des Tramways de Lyon (O.T.L.) (Fonte: <http://www.archives-lyon.fr>).

Esta participação foi patrocinada e organizada pelo P.C.F. e estes jovens foram lutar contra o Fascismo até às últimas consequências.

Com os seus companheiros de armas, Luiz Ferreira terá recebido, durante algumas semanas, formação militar antes de partir para os campos de batalha (Madrid, La Coruña, El Jarama, Guadalajara). No entanto, algumas vitórias dos Republicanos não conseguirão evitar o curso da guerra, tanto mais que a origem eclética destes voluntários não os faz soldados de elite. No final de 1938, as Brigadas Internacionais são dissolvidas e Luiz regressará a Lyon. Apesar de terem perdido esta guerra, Luiz Ferreira falava frequentemente destes tempos, dos amigos que ali fez, dos problemas que enfrentaram, tanto mais que vários regressaram com diversos ferimentos.



Figura 5. Combatentes da Guerra Civil de Espanha, entre os quais Luiz Ferreira Martins, em cenário de conflito armado.

Figura 6. Grupo de combatentes das Brigadas Internacionais, numa trincheira, entre eles Luiz Ferreira Martins.



Figura 7. Medalha do Cinquentenário para os antigos voluntários de Espanha.

Após o seu regresso a França, Luiz continua a sua atividade política em Lyon, que será reforçada quando a II Guerra Mundial se inicia, uma vez que o Partido Comunista participará na ação da Resistência Francesa.

Luiz Ferreira Martins, o *Homem da Bicicleta*

S. Paio de Figueiredo (Guimarães), 18-10-1902 | Lyon, 20-09-1991



Figura 8. Lyon sob ocupação nazi, junho de 1940 (Fonte: <http://www.chrd.lyon.fr>).

Durante a II Guerra Mundial, Lyon conheceu vários destinos. A 19 de junho de 1940, as tropas alemãs entram na cidade e ocupam-na, uma primeira vez, por dezanove dias. No dia seguinte ao estabelecimento da linha de demarcação entre a França ocupada e a França «livre» de Vichy, a poucos quilómetros a Norte de Lyon, as tropas alemãs retiram-se. A cidade fica, então, sob a administração de uma delegação especial estritamente submetida à autoridade prefetoral. Em julho de 1941, um conselho municipal é restabelecido e confiado ao industrial Georges Villiers.

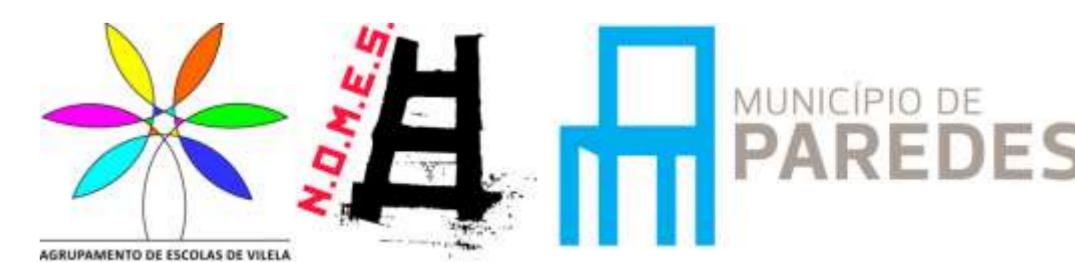
Metrópole da zona livre, a Resistência organiza-se bem cedo em Lyon. A ausência dos ocupantes (que contudo ali têm os seus informadores e agentes) e a relativa tolerância dos serviços de Vichy poderão ser fatores favoráveis para esta situação. Inicialmente através de iniciativas isoladas que se agrupam pouco a pouco nos primeiros movimentos, enriquecidas pela passagem por Lyon de elementos vindos de todos os quadrantes geográficos e políticos, assim se foi reforçando uma vontade generalizada de oposição ao



Luiz Ferreira, s/d.

regime e recusa de submissão ao inimigo.

Entre o Outono de 1940 e a Primavera de 1941, aparecem vários panfletos e pequenos jornais clandestinos em Lyon, tendo sido nesta cidade que surgem os três principais jornais e movimentos clandestinos da zona sul («Combat»; «Libération» e «Franc-Tireur»), de tal forma que, em 1942, Lyon, ainda na zona livre (é de novo ocupada a 11 de novembro de 1942, após o desembarque aliado no Norte de África), torna-se a capital da Resistência.



Apesar do combate do Partido Comunista Francês aos nazis apenas se ter intensificado após a invasão da URSS a 22 de junho de 1941 pelas tropas alemãs, devido ao pacto germano-soviético de não-agressão, de facto, Luiz Ferreira foi preso a 15 de outubro de 1940, no n.º 13 da Rua Creuzet, em Lyon, em casa de um camarada do Partido, de nome Paul Mari, após uma armadilha montada pela polícia francesa. Luiz Ferreira ter-se-á ali dirigido para levantar panfletos e jornais anti Vichy e contra as tropas ocupantes.

Após interrogatório, como conta o próprio Luiz Ferreira, em audição realizada em 16 de setembro de 1950, no âmbito do seu pedido de atribuição do título de Deportado Resistente, o português é levado para a **Prisão de St. Paul**, em Lyon, onde terá permanecido até 20 de janeiro de 1942. Em St. Paul, seriam internados, entre setembro de 1940 e dezembro de 1941, os estrangeiros (e os judeus que tinham adquirido nacionalidade francesa pela comissão de revisão de naturalização), os prisioneiros políticos e os resistentes trazidos pela milícia e pela SPAC (Secção Política Anticomunista).

Figura 9. Excerto do processo de Luiz Ferreira para obtenção do título de Deportado, 1948 (Fonte: SHD, PAVCC).

Figura 10. Apontamento manuscrito de Luiz Ferreira, no interior do livro «La Déportation», sobre a Resistência.

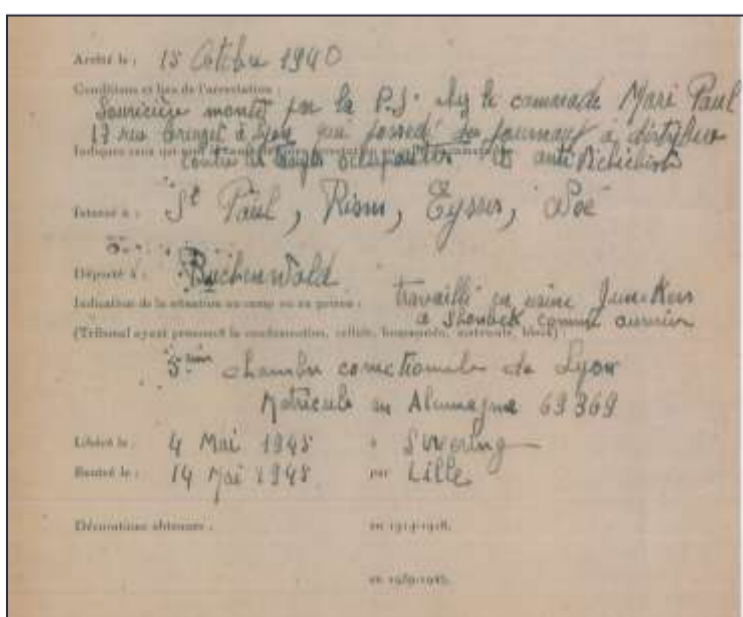


Figura 11. Prisão de St. Paul (Fonte: <http://elisal Lyon.tumblr.com>).

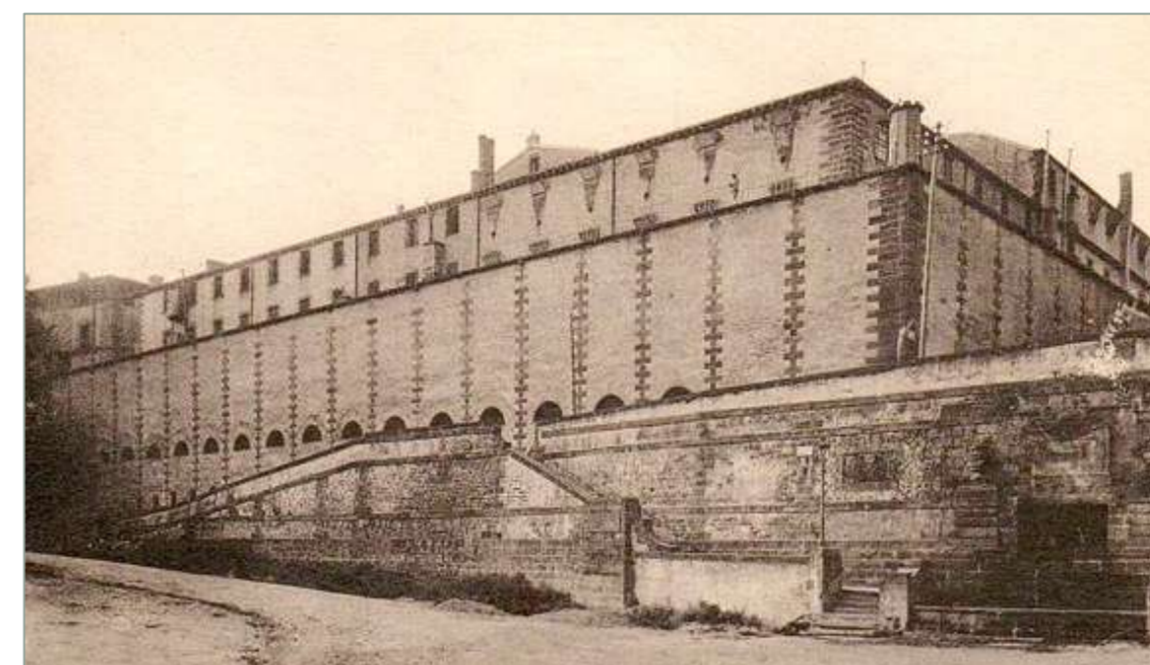
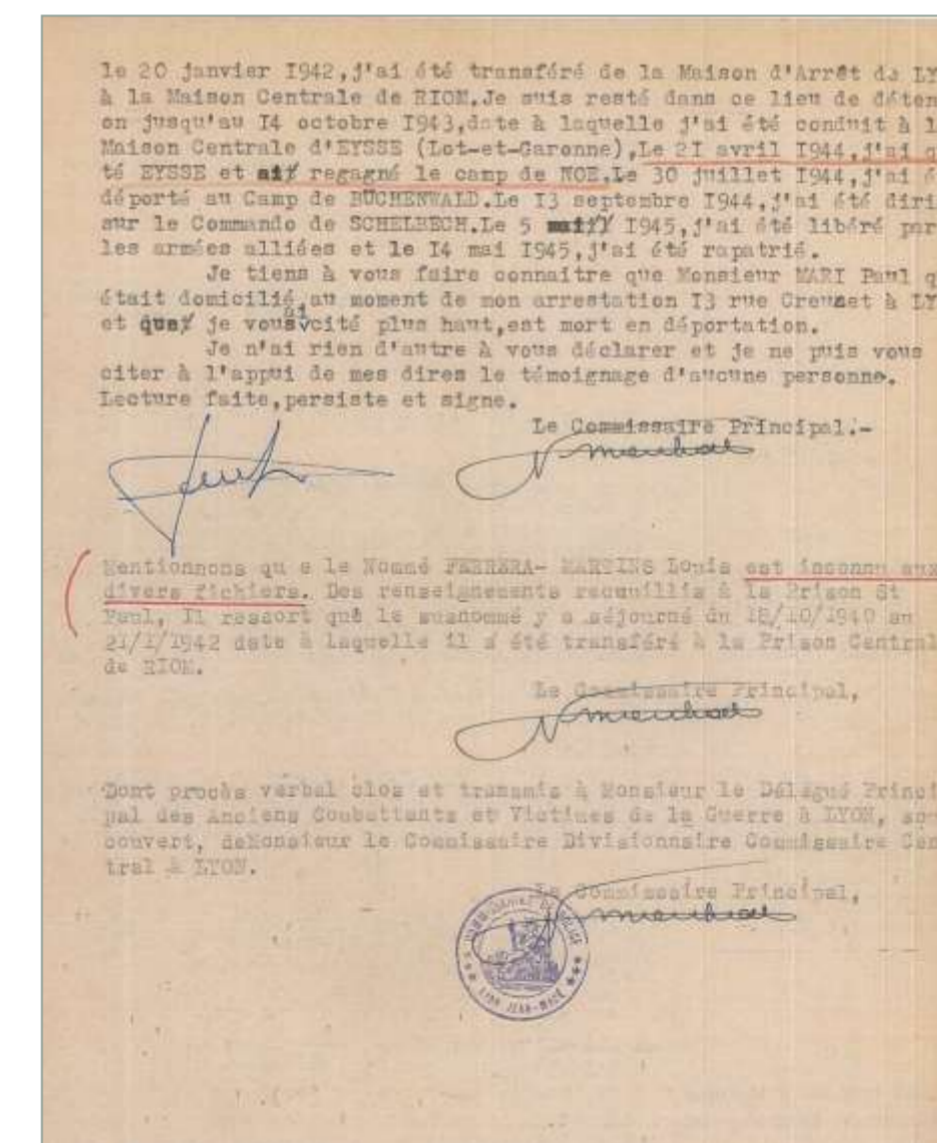
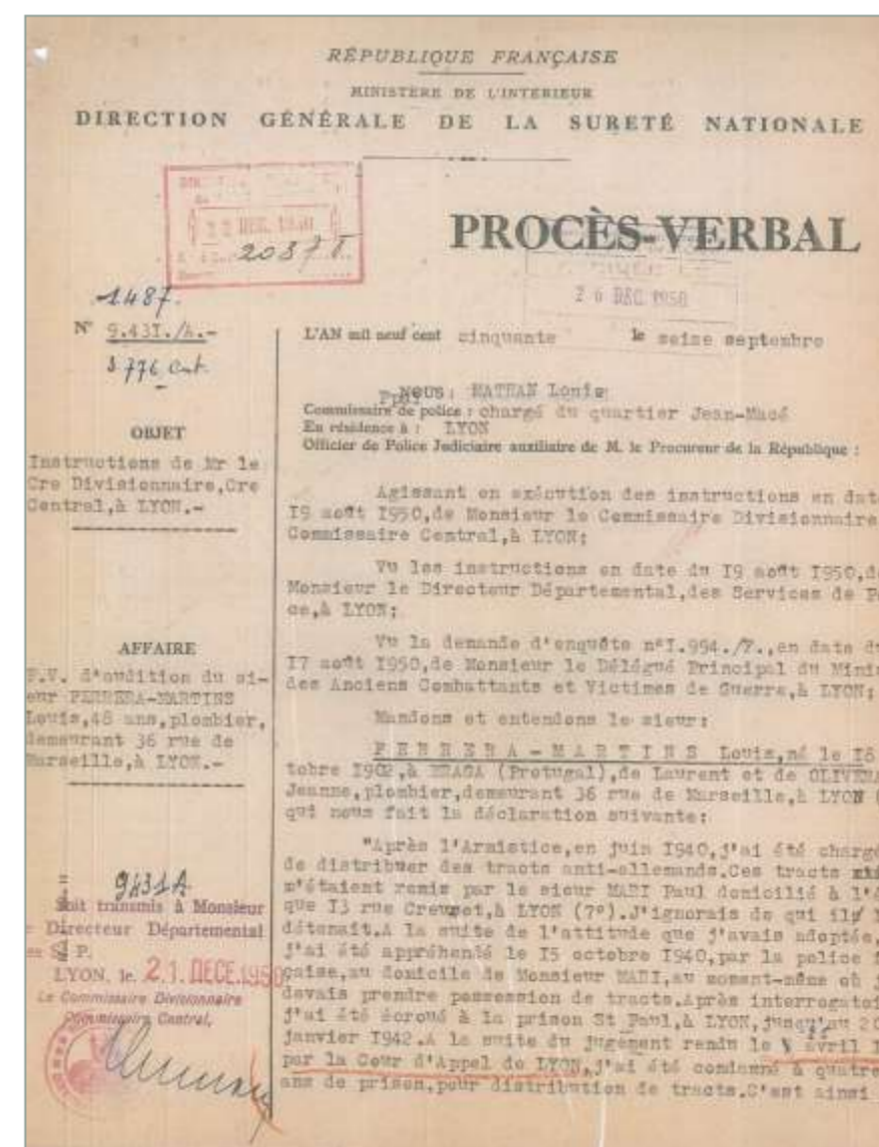


Figura 12. Prisão de Riom (Fonte: <http://www.ajpn.org>).

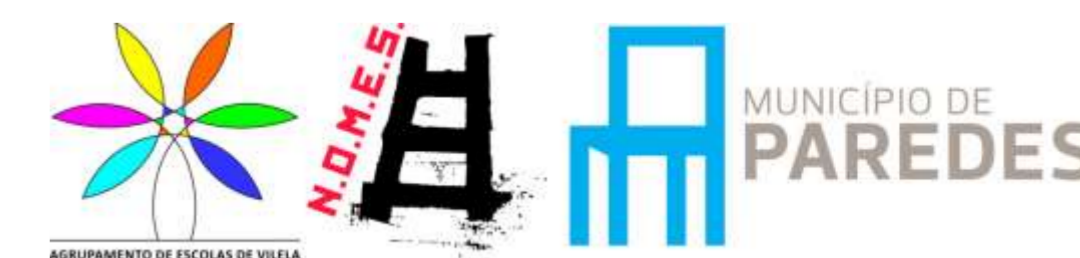
Nesse período de tempo, terá sido julgado pelo Tribunal da Relação de Lyon, tendo sido condenado, a 26 de abril de 1941, a quatro anos de prisão, por distribuição de panfletos considerados antinacionais. A 20 de janeiro de 1942, Luiz foi transferido para a **Prisão Central de Riom**, criada em 1820 num antigo mosteiro do séc. XII, tendo ali permanecido até 15 de outubro de 1943, dia em que foi conduzido para a Prisão Central de Eysses.



Figuras 13 e 14. Depoimento de Luiz Ferreira no âmbito do processo para obtenção do título de Deportado Resistente, 1950 (Fonte: SHD, PAVCC).



Luiz Ferreira, s/d.



Numa cópia de 1955 do registo de admissão de Luiz na Prisão Central de Eysses em 1943, surge ainda a indicação de condenação por roubo, no entanto, manuscritamente, foi feita a anotação de que tal facto não foi dado como provado, tendo apenas o português sido apanhado, aquando da sua detenção, com um saco cama e coberturas militares.

A **Prisão Central de Eysses**, instalada no edifício de uma antiga Abadia beneditina próxima de Villeneuve-sur-Lot, foi convertida no final do séc. XIX numa colónia correcional destinada a menores delinquentes, destino que a ocupa até setembro de 1940, data a partir da qual começa a receber detidos políticos, sob os auspícios de Pétain. No entanto, é em outubro de 1943, através de uma circular assinada pelo Secretário-geral da Polícia, René Bousquet, e quando Luiz Ferreira é para lá transferido, que Eysses se torna numa local de detenção estratégico para onde são enviados todos os condenados por ações de Resistência da zona sul, como forma de reação e repressão perante o início do volte-face da guerra.

Ao contrário do esperado, a concentração de mais de mil homens de origens geográficas, sociais e políticas diferentes resultará, em apenas cinco meses, na criação de um espírito comunitário e solidário fortíssimo, que se refletirá numa intensa ação de resistência dentro da prisão. Os detidos reorganizam-se, praticam ginástica para restabelecer a sua força física, criam uma universidade popular dentro da prisão, fazem circular jornais clandestinos e, graças ao apoio da Resistência local, recebem não só complementos alimentares mas também armas com o objetivo de ali se criar um Batalhão da Resistência das F.F.I. (*Forces Françaises de l'Intérieur*). Um comité clandestino é formado, composto por patriotas de vários movimentos da Resistência, de modo a preparar um plano de evasão coletiva que os levasse a reunir-se com os resistentes da região.

Luiz Ferreira Martins, o *Homem da Bicicleta*

S. Paio de Figueiredo (Guimarães), 18-10-1902 | Lyon, 20-09-1991



Figura 15. Cópia do Registo de Admissão de Luiz Ferreira na Prisão Central de Eysses em 1943, 1955 (Fonte: SHD, PAVCC).

Figura 16. Prisão Central de Eysses (Fonte: <http://www.eysses.fr>).



Luiz Ferreira, s/d.

É neste ambiente que Luiz Ferreira reencontra vários camaradas das Brigadas Internacionais (alguns deles acompanham-no neste percurso de detenção desde 1940), nomeadamente o comandante Fernand Belino, da 12.ª Brigada Internacional.

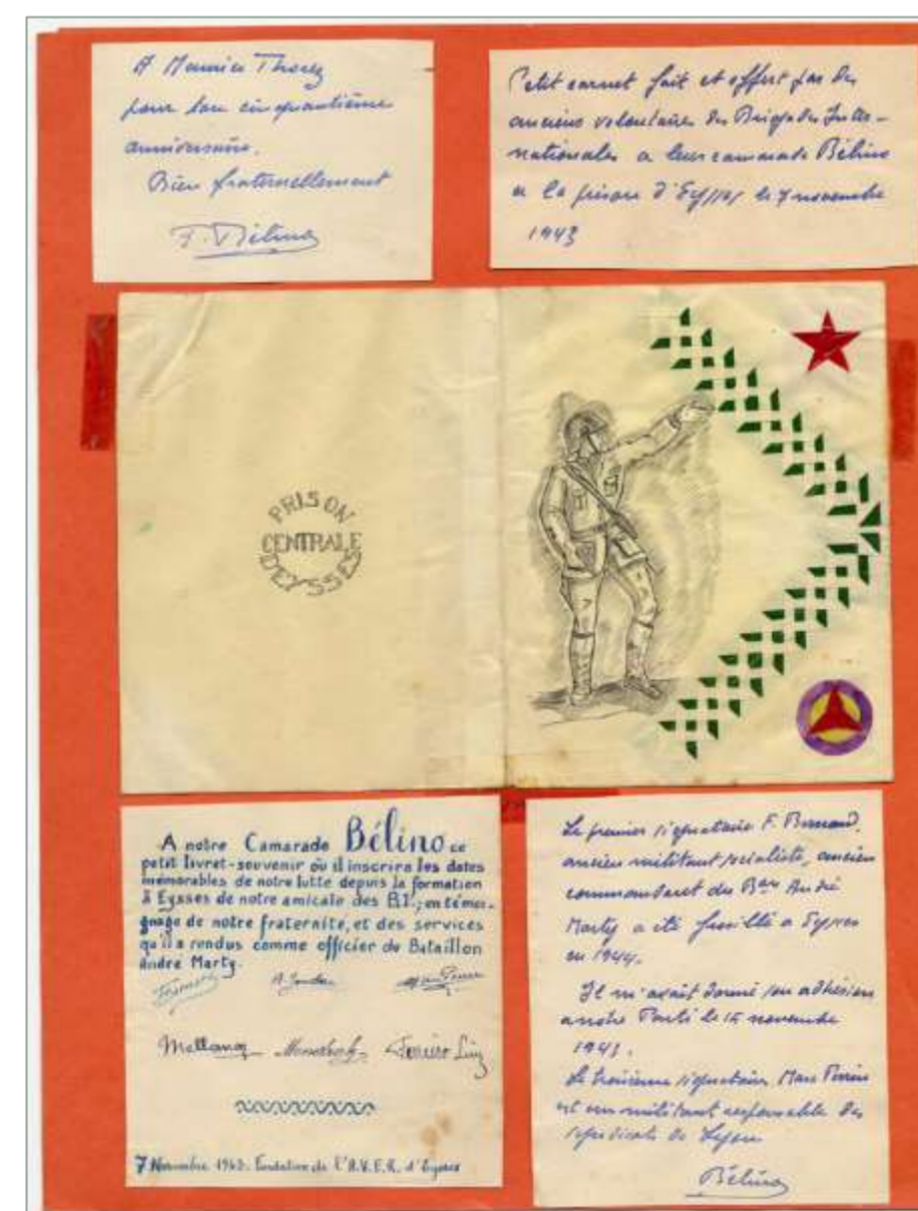
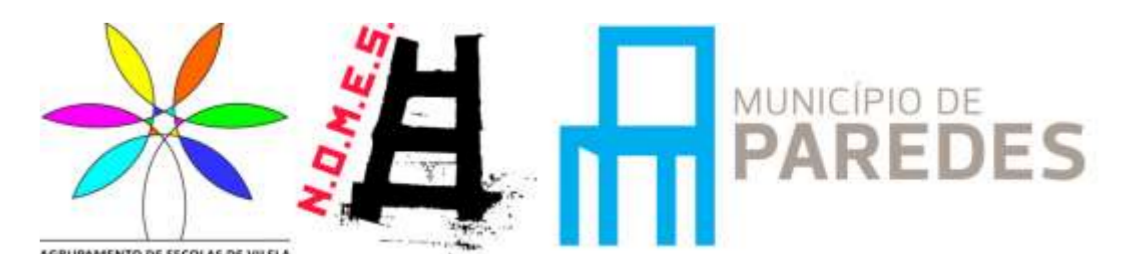


Figura 17. Capa do Caderno de memórias oferecido por Luiz Ferreira e outros prisioneiros a Fernand Belino, na prisão de Eysses, 1943 (Fonte: <http://museedelaresistanceenligne.org/>).

A Belino, o português e cinco outros detidos (Fernand Bernard, Aldo Jourdan, Marc Perrin, Joseph Mellano e Richard Mendrok) oferecem, a 7 de novembro de 1943, um pequeno caderno de memórias para que este «ali inscreva as datas memoráveis da nossa luta depois da formação em Eysses da nossa Amicale das Brigadas Internacionais [...]: em testemunho da nossa fraternidade e dos serviços que este prestou como oficial do Batalhão André Marty». A capa deste caderno, num outro conjunto de dedicatórias, será posteriormente oferecida a Maurice Thorez, Secretário-Geral do Partido Comunista Francês, em 1950, pelo seu cinquentenário.



Je soussigné Chabert Jean Louis ancien P.F.F. ancien député
 fédéraliste (carte n° 111507674) démissionnant le 17 de la République a
 assisté la Demi-Lune (D.M.) attesté sur l'homme qui s'appelle FERREIRA -
 MARTINS LUIS a été arrêté le 15 octobre 1940 et condamné à quatre
 années de prison pour avoir diffusé tracts et journaux appartenant
 à la résistance contre l'occupant et le gouvernement de Vichy
 qui nous avons été détenus ensemble du 15 octobre 1940 au 20 janvier
 1942 à la prison St Paul
 du 21 janvier 1942 au 15 octobre 1943 à la centrale de Reims,
 du 17 octobre 1943 à avril 1944 à la centrale d'Eysses
 qui son attitude a toujours été celle d'un bon résistant.
 Le 21 février 1954
 Chabert

Je soussigné Perry Jean Louis, époux, domestique,
 7 rue Guillot à Lyon 7^e, et lieutenant au bataillon
 P.F.F. de la Centrale d'Eysses, cavié au gueson, député
 fédéraliste à Sackau (matricule 1111773), certifie sur
 l'homme qui s'appelle FERREIRA MARTINS LUIS a
 été arrêté le 15 octobre 1940 et condamné à quatre
 années d'emprisonnement pour diffusion de tracts et
 journaux appartenant à la résistance et à l'insubordination
 contre l'occupant et le gouvernement de Vichy.
 Les détenus ensemble du 15 octobre 1940
 au 21 janvier 1942 à la prison St Paul,
 du 21 janvier 1942 au 15 octobre 1943 à
 la prison Centrale de Reims et du 17 octobre 1943 à
 avril 1944 à la Centrale d'Eysses, son attitude a
 toujours été celle d'un véritable patriote et d'un
 bon résistant, d'autant plus qu'il a fait toute
 adhésion les armes à la main sans jamais
 à la révolte des détenus de la centrale d'Eysses.
 Pour lui à qui doit.
 Le 05 février 1954
 Perry

Figuras 18 e 19. Testemunhos de antigos prisioneiros de Eysses e seus camaradas da Resistência sobre o seu percurso e o seu papel durante a revolta da prisão, 1952 e 1954. (Fonte: SHD, PAVCC).

A 19 de fevereiro de 1944 dá-se, então, a insurreição no interior da Prisão Central de Eysses, quando o Diretor da Prisão e um inspetor da administração penitenciária são feitos reféns pelos prisioneiros. Rapidamente, estes tentam tomar a prisão mas é dado o alarme. Durante mais de dez horas, os prisioneiros lutam e tentam resistir, entre eles Luiz Ferreira (facto que, muitos anos depois, será fundamental para ele finalmente obter o título de Deportado Resistente). No entanto, o reforço das tropas alemãs condenou ao fracasso a tentativa de evasão, obrigando os detidos a negociar a rendição – a entrega dos reféns em troca da ausência de sanções. Cessam os combates mas, dois dias depois, apesar das promessas das autoridades, é nomeado um Tribunal Marcial que condenará à morte 24 detidos, sendo doze fuzilados ainda na prisão a 23 de fevereiro de 1944.

A 30 de maio de 1944, os restantes prisioneiros são entregues aos nazis e levados para o Campo de Noé, tendo como objetivo final entregá-los a um «lugar mais terrível que a morte», os campos de concentração de Dachau ou Buchenwald na Alemanha. A propósito de uma fotografia destes prisioneiros, em que Luiz acreditava que se encontrava ele também, escreve que lhes «cortaram os cintos das calças» para os obrigar a levar uma mão a segurar as calças para não as deixarem cair e «outra em cima da cabeça».

Luiz Ferreira Martins, o Homem da Bicicleta

S. Paio de Figueiredo (Guimarães), 18-10-1902 | Lyon, 20-09-1991

60

Quando os alemães levaram os 1400 prisioneiros de la centrale d'Eysses para os campos d'Helmbach

Cortaram os cintos das calças

Eles uma mão por não deixar cair as calças e a outra mão em cima da cabeça como podiam foto e a mais a chicotada

Sobre os 1400 prisioneiros 1100 eram comunistas com bastantes comunistas cada dia

Mais dans le livre, sur la déportation, un dossier d'un ancien prisonnier de la centrale d'Eysses, sur la route de Lyon pour aller à Dachau (Paris pour un prisonnier qui est mort le 21 mai 1944)



Figura 21. Campo de Noé (Fonte: <http://www.ajpn.org>).

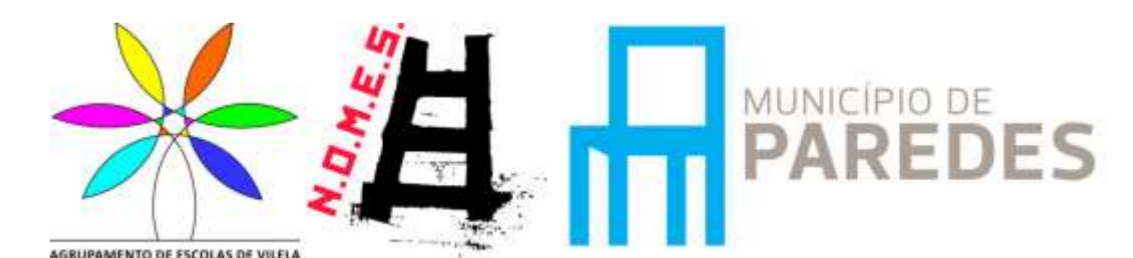
Figura 20. Apontamento manuscrito de Luiz Ferreira, no interior do livro «La Déportation», sobre a sua ida para o Campo de Noé antes a 30 de maio de 1944.



Luiz Ferreira, s/d.

O Campo de Noé, perto de Toulouse, foi criado em 1937 e transformado em campo de internamento em 1940, tendo-se tornado, em 7 de fevereiro de 1941, num «campo-hospital», destinado a residentes com mais de 60 anos de idade e a pessoas com deficiências. Continha um centro de fisiologia (ramo da medicina que estuda e previne a tuberculose), composto por várias colónias isoladas do resto do campo, e preparado para receber 150 tuberculosos. As condições de vida, aceitáveis no início, foram-se degradando rapidamente em consequência de uma insuficiência do abastecimento. Esta escassez de alimentos piorou ainda mais o estado médico de alguns pacientes, de tal forma que, a partir de 1943, o campo deixou de ter a função de hospital, tendo recebido, entre 1942 e 1943, muitos judeus.

Mas Noé foi apenas um campo de trânsito para estes prisioneiros. A 31 de julho de 1944, Luiz Ferreira e muitos prisioneiros de Eysses são deportados para o Campo de Concentração de Buchenwald, na Alemanha, onde chegam a 5 de agosto de 1944. Este transporte (I.252) sai de Toulouse com 1088 homens e 103 mulheres a bordo entre os quais cinco homens nascidos em Portugal (Luiz Ferreira, António Ribeiro, Aníbal dos Santos, Cândido Ferreira e Venâncio Dias). Destes cinco homens apenas um não sobreviverá à guerra, Cândido Ferreira.



Nas suas anotações à sobrinha, Luiz referiu que, neste comboio, os vagões tinham uma lotação de “8 cavalos ou 40 homens” mas na realidade «chegámos a estar 120 em cada carruagem».

Buchenwald, o maior campo de concentração em território alemão, começou a ser construído a 16 de julho de 1937, perto da cidade de Weimar, tendo nesse mesmo ano recebido os primeiros detidos, transferidos de Sachsenhausen. Ao longo do tempo, o complexo concentracionário de Buchenwald, que sustentava no seu portão a inscrição *Jedem Das Seine* («A cada um o que lhe é devido»), foi crescendo até se tornar no epicentro de 136 subcampos e o local de detenção de cerca de 250 mil pessoas, desde membros da Resistência, comunistas, testemunhas de Jeová, alguns criminosos de delito comum, homossexuais e, claro, judeus. Estima-se que mais de 56 mil pessoas terão ali morrido.

Buchenwald, a par com Dachau, foi o destino de muitos portugueses deportados de França. Para além dos quatro já mencionados que iam no mesmo transporte de Luiz Ferreira, o Arquivo do Campo e Memorial de Buchenwald identifica mais seis nomes como portugueses que ali terão chegado entre o final de 1943 e agosto de 1944: Augusto Rodrigues (Cascais); Manuel Alves (Vila Verde); João Faria de Sá (Vila Nova de Famalicão); Prosper Colomar (Lisboa); Emílio Pereira (Vila Verde) e Duarte da Paixão (Trancoso).

Em Buchenwald, Luiz surge referenciado como prisioneiro político e recebe o número 69369. Nessa altura, a sua ficha no campo indica que media 1,58 m, pesava 61 kg, era louro, esguio, tinha olhos castanhos e não tinha todos os dentes. Para além disso, falava francês, português e espanhol. Já a ficha médica do campo, elaborada a 6 de agosto de 1944, indicava que ele tivera um acidente em 1925 que lhe deixara a mão esquerda danificada e que, em 1937, sofrera uma fratura na parte inferior da coxa direita, que foi classificada como ferimento de guerra, o que

Luiz Ferreira Martins, o *Homem da Bicicleta*

S. Paio de Figueiredo (Guimarães), 18-10-1902 | Lyon, 20-09-1991

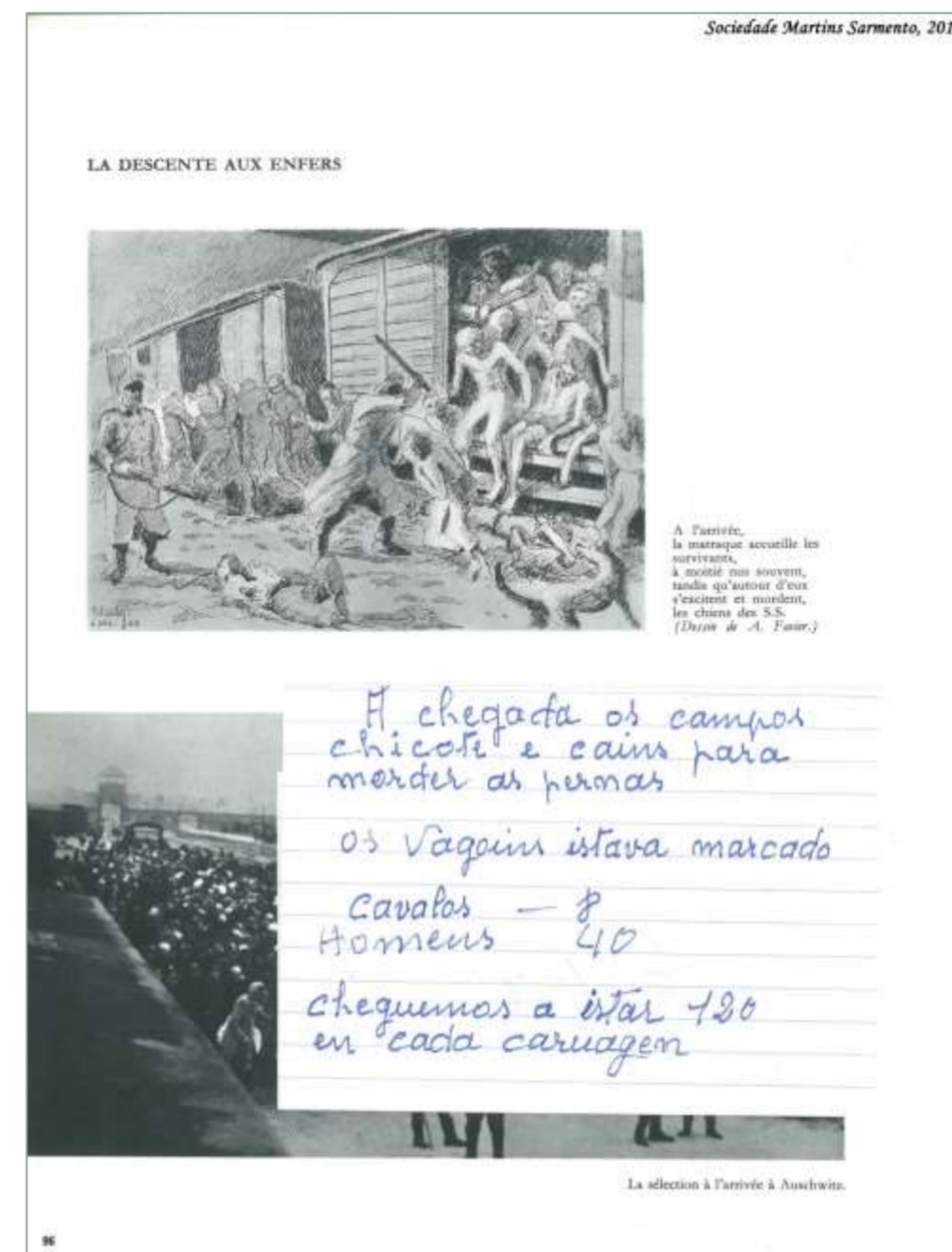


Figura 23. Ficha de identificação individual de Luiz Ferreira no campo de concentração de Buchenwald, 1944 (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen).

Figura 22. Apontamento manuscrito de Luiz Ferreira, no interior do livro «La Déportation», sobre o transporte e a chegada a Buchenwald, a 5 de agosto de 1944.

Figura 24. Ficha médica de Luiz Ferreira no campo de concentração de Buchenwald, 1944 (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen).



Luiz Ferreira, s/d.

remetia para a sua presença na Guerra Civil de Espanha.

Ainda nas suas anotações deixadas a Maria Amélia, Luiz destaca, na chegada ao campo, «o chicote e os cães para morder as pessoas» bem como o processo de desinfeção, pois escreve: «quando cheguei a Buchenwald (...) também nos introduziram numa sala de banhos muito parecida [refere-se a uma foto de

Auschwitz] mas como nessa altura precisavam de gente para trabalhar, escapámos». Luiz salienta também o período de quarentena a que os prisioneiros estavam sujeitos quando chegavam ao campo, referindo que tinham de passar 40 dias pelo «pequeno campo de Buchenwald (...) antes de ter direito a entrar no grande campo».

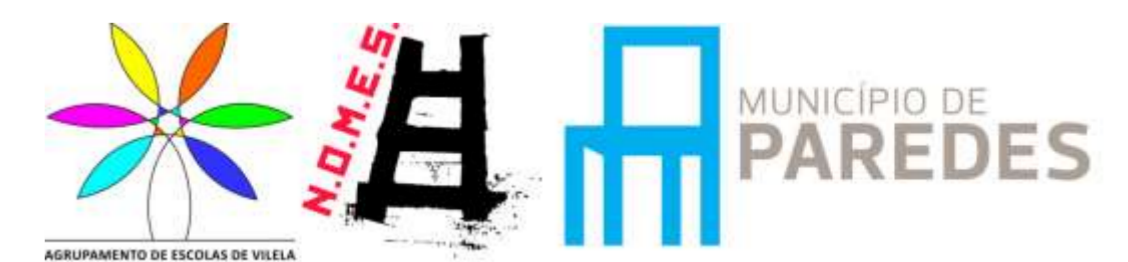




Figura 25. Apontamento manuscrito de Luiz Ferreira, no interior do livro «La Déportation», sobre o período de quarentena no «pequeno campo» de Buchenwald.

Figuras 26 e 27. Lista da distribuição dos 1080 prisioneiros recém chegados a Buchenwald pelos Blocos 51 e 52, 13 de agosto de 1944 (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen).

De facto, Buchenwald estava dividido em três sectores, o «grande campo» para prisioneiros mais antigos, o «pequeno campo» para os períodos de quarentena e o «acampamento» para os prisioneiros polacos. Neste pequeno campo, a 6 de agosto de 1944, Luiz será um dos 580 prisioneiros vindos no seu transporte a ser colocado no Bloco 52, um longo barracão de madeira com cerca de quarenta metros de comprimento e oito a dez metros de largura.

Face a estas condições, não é de estranhar que, relativamente às instalações do campo de Buchenwald, o destaque de Luiz seja dado exatamente às condições do Bloco 52 e aos seus «chalits [beliches] de 4 andares, em cada separação cinco lugares, mas em agosto de 44 estávamos 70 mil em Buchenwald, em lugar de 5 pessoas colocaram 10 entre cada separação». Luiz compara os prisioneiros a sardinhas em que «à direita como à esquerda, tinham sempre um par de pés diante do nariz, mas com a fome que tínhamos não se sentia o perfume».

Também salientou as diversas atrocidades que eram cometidas contra os prisioneiros, desde as experiências médicas em cobaias humanas até às cansativas chamadas acompanhadas pelo som da orquestra do campo,

Luiz Ferreira Martins, o *Homem da Bicicleta* S. Paio de Figueiredo (Guimarães), 18-10-1902 | Lyon, 20-09-1991



Figura 28. Apontamento manuscrito de Luiz Ferreira, no interior do livro «La Déportation», sobre as condições do Bloco em Buchenwald.



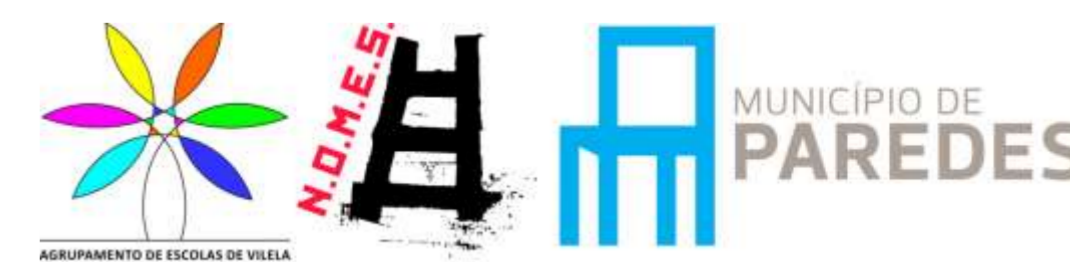
Luiz Ferreira, s/d.

não ficando alheio relativamente às loucuras de Ilse Koch, mulher do comandante de Buchenwald, entre 1937 e 1941, Karl Koch, que fazia candeeiros e outros objetos com pele humana e que «quando via um prisioneiro com uma bonita tatuagem logo o mandava matar para confeccionar objetos de casa».

Durante o tempo em que esteve em Buchenwald, Luiz passou fome, como recorda a sua sobrinha Amélia Martins, que afirma que ele pesava 45 quilos no final

Figura 29. Ficha médica de Luiz Ferreira elaborada pelo Centro de Acolhimento de Lille, a 14 de maio de 1945 (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen).

da guerra. De facto, a sua ficha médica elaborada no Centro de Acolhimento de Lille, a 14 de maio de 1945, dez dias após a sua libertação, regista que ele pesaria 56 quilos e terá tido um emagrecimento global de 12 quilos durante o período de deportação. Sobre esta situação, a sua sobrinha reconta a história do gato: o tio e outro prisioneiro caçaram o gato da mulher de um dos guardas do campo e comeram-no. De resto, o que os prisioneiros teriam para comer era um caldo aguado e pão e sal quando conseguiam roubar estes ingredientes.



A 13 de setembro de 1944, Luiz foi transferido para o subcampo de Schönebeck, também denominado *Kommando Julius*, criado em março de 1943 e localizado a 20 km a sudeste de Magdeburg, e onde funcionava a fábrica Junkers que produzia peças para aviões. Os presos que ali trabalhavam eram selecionados entre os profissionais mais qualificados. Os horários de trabalho eram de doze horas por equipa (uma de dia e outra de noite), com duas pausas com uma duração máxima de três quartos de hora. Apesar de o trabalho não ser demasiado duro, segundo os testemunhos dos prisioneiros, já a supervisão dos civis alemães era extremamente violenta não hesitando estes em bater nos prisioneiros. Por seu turno, os trabalhadores franceses, sempre que possível, abrandavam a produção no sentido de uma discreta sabotagem.

A 11 de abril de 1945, o *Kommando* de Schönebeck começa a ser evacuado, numa das marchas de morte mais longas e mortais (cerca de 400 km, em vinte e três dias), primeiro para o campo de Sachsenhausen, que é também evacuado entre 20 e 21 de abril, e depois para Parchim, onde a 4 de maio são libertados pelas tropas americanas. Cerca de 600 dos 1100 prisioneiros de Schönebeck haviam, entretanto, morrido.

Apesar de tudo o que lhe aconteceu, Luiz era uma pessoa alegre, como relata a sua sobrinha. Na altura em que o conheceu já não lhe encontrou um tom de revolta e mágoa quando falava destes acontecimentos, o que aliás se pressente no relato que faz da sua libertação: «Depois de 27 dias de marcha, Schönebeck, Berlim, Sachsenhausen (Parchim), aqui os soviéticos encontraram os americanos e fomos libertados. Para mim era o último dia. Se tinha de andar mais um dia também tinha direito a um tiro na cabeça. Era a sorte de todos os que não podiam andar mais».

Após o repatriamento para França, a 13 de maio de 1945, via Lille, Luiz retomou a sua vida.



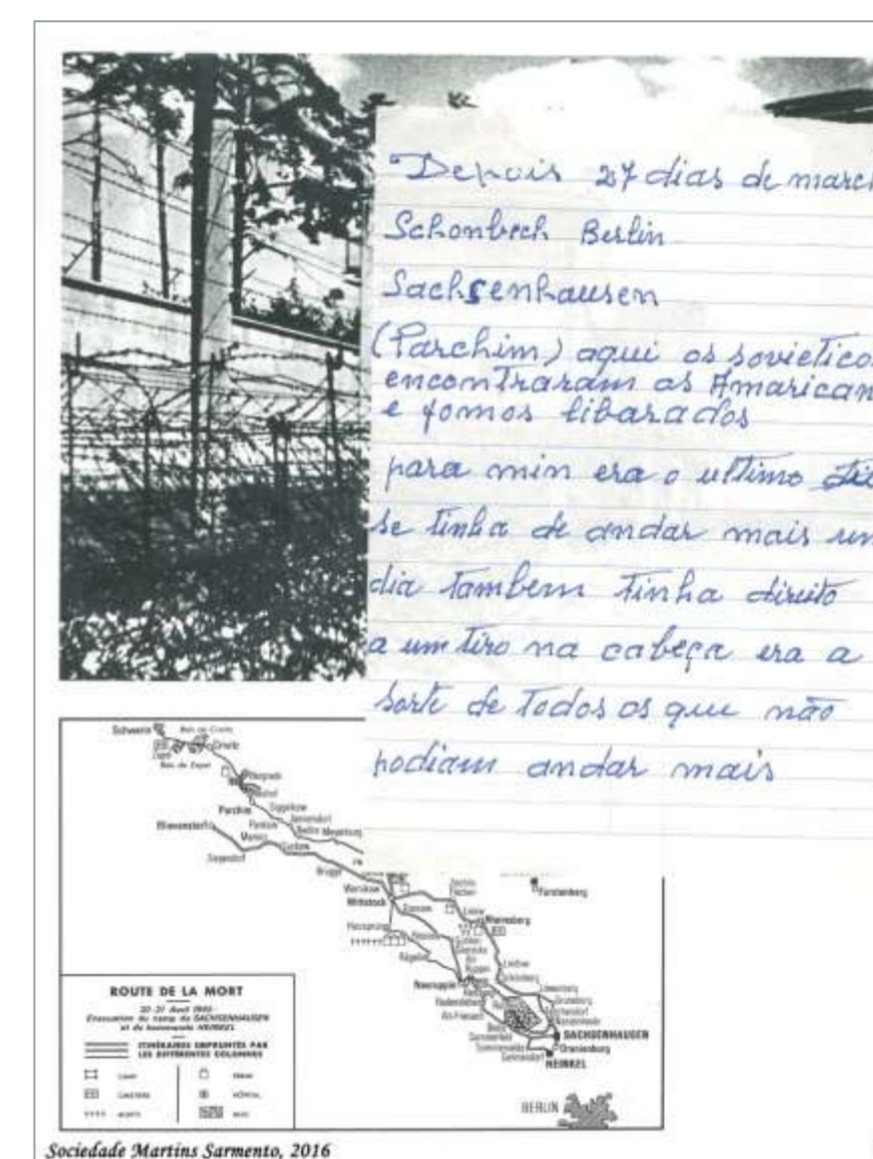
Figura 33. Luiz Ferreira e Julie Simon, s/d.

Luiz Ferreira Martins, o *Homem da Bicicleta*

S. Paio de Figueiredo (Guimarães), 18-10-1902 | Lyon, 20-09-1991

Transport Schönebeck		
12. September 1944		
1036	Bensaouze	69813
27265	Lavrenko	815
36232	Almeida	370
37775	Albala	64
49156	Don	240
52111	Gomajuk	864
54261	Schachgolakij	665
54297	Iwila	7541
58348	Karalin	75416
59560	Larsonis	75429
59516	Lapenloep	75426
59508	Larsonis	75426
59513	Patia	75426
59615	Lorenz	77322
59607	Carvera	802
59605	Correio	70653
59608	Poyen	240
59693	Tyre	274
59702	Tarvelin	375
59707	Perrin	249
59711	Bergve	282
59718	Nelson	590
59770	Perreus	605
59780	Saurin	671
59807	Alvard	676
69813	Marchand	78693
815	Clement	729
370	Miron	878
64	More	808
240	Blas	758
864	Arvand	765
665	Chaise	986
7541	Bensaouze	995
75416	Bensaouze	997
75429	Briga	8015
75426	Prans	927
75426	France	977
7865	Boabd	998
77322	Guida	81656
802	Trolidone	672
70653	allment	100
240	Cardivel	127
274	Deleagues	162
375	Vassou	207
249	Carment	214
282	Labours	215
590	Blahard	235
605	Neumann	443
671	Quvaca	417
676	Rehlin	8412
		8412

Figura 30. Lista do transporte de prisioneiros para o *Kommando* de Schönebeck, 12 de setembro de 1944 (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen). Figura 31. Apontamento manuscrito de Luiz Ferreira, num mapa dos campos satélites de Buchenwald com a indicação das datas da sua deportação, e evacuação. Figura 32. Apontamento manuscrito de Luiz Ferreira, no interior do livro «La Déportation», sobre a marcha da morte, após a evacuação de Schönebeck.



Luiz Ferreira, s/d.

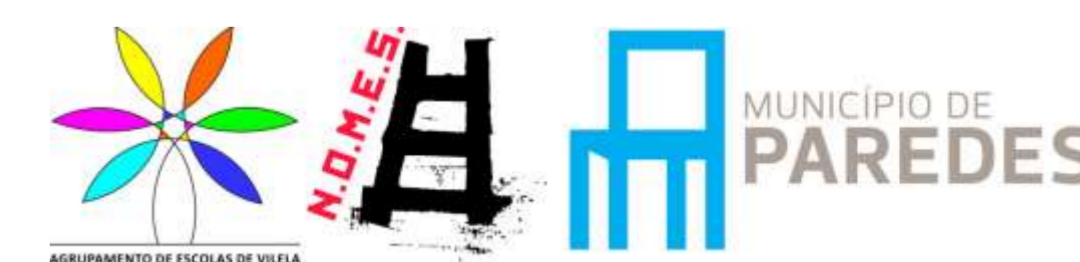


Figura 34. Luiz Ferreira junto ao portão de Buchenwald, s/d.

Voltou a trabalhar na mesma fábrica para o mesmo patrão. Reencontrou a sua companheira, Julie Simon, com quem voltou a viver, apesar de ela ter estado com outra pessoa durante a sua ausência. Não chegou a casar, pois Julie entretanto morre de cancro de fígado. Retomou a vida partidária e terá iniciado a atividade sindical por esta altura.

A mágoa «de certo teve-a, logo a seguir», mas Amélia já não a viu. O tio tinha «necessidade de falar disto. Ele precisou de mim para poder falar destas coisas». Foi, assim, que Amélia Martins se tornou na guardiã das suas memórias, tendo-o acompanhado em inúmeras visitas a túmulos e memoriais franceses relacionados com a II Guerra Mundial e às festas do Partido Comunista. Enquanto a saúde lhe permitiu,

Luiz viajou imenso, sempre com o objetivo de conhecer e de recordar o que se tinha passado durante a guerra, tendo mesmo chegado a comentar que preferia ter passado por aquilo que passou do que ter a vida calma mas ignorante dos irmãos. Já com cabelos grisalhos, Luiz Ferreira regressa a Buchenwald e foi fotografado perto da entrada do campo.



Durante vários anos, antes de morrer, Luiz travou ainda uma última luta para lhe ser reconhecido pelo Estado francês o seu papel na Resistência. Tendo conseguido, em 1955, o título de Deportado Político, só em fevereiro de 1986 lhe são atribuídos os títulos de Internado Resistente, Combatente Voluntário da Resistência e Deportado Resistente, bem como a respetiva compensação financeira. Esta demora processual relacionar-se-á com o papel inicialmente dúbio do P.C.F. durante a Guerra, tendo havido necessidade de Luiz Ferreira fazer prova, através de vários testemunhos, do seu papel de Resistente durante a revolta na Prisão de Eysses para conseguir este reconhecimento.

Luiz Ferreira morreu em 1991, com 89 anos, sem ter necessidade de usar a velha arma que conservava com uma bala num gavetão de cima da cómoda da sala, para o caso de entrar em grande sofrimento. Deixou tudo organizado e escrito quanto à sua morte e foi Amélia quem cumpriu a sua última vontade: foi cremado e as suas cinzas espalhadas num jardim de Lyon. Sem túmulo para ser recordado (ele que gostava tanto de visitar estes memoriais), restam agora as suas palavras e as imagens para que não se volte a perder o trilho do Homem da Bicicleta.

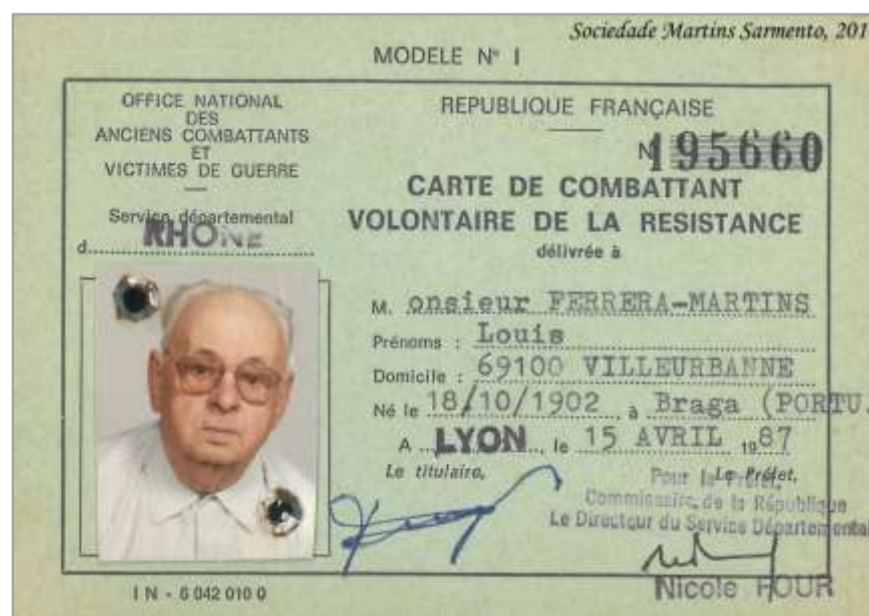


Figura 36. Cartão de Deportado Político, 1955 (Fonte: SHD, PAVCC).

Figura 37. Cartão de Deportado Resistente, 1986.

Figura 38. Cartão de combatente Voluntário da Resistência, 1987.

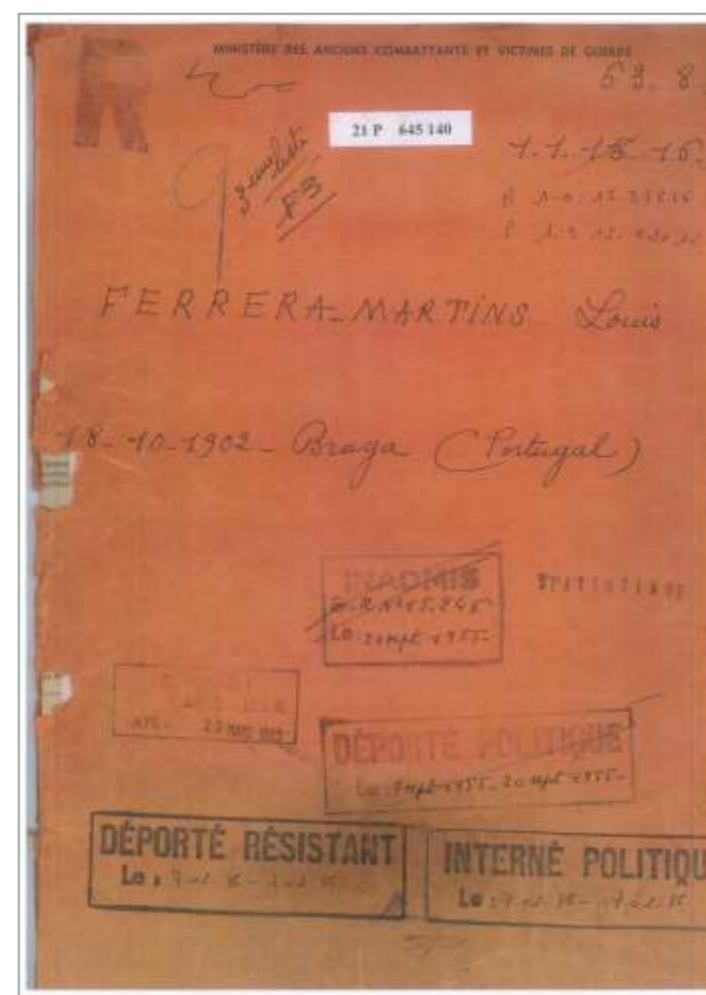


Figura 35. Capa do Processo de Luiz Ferreira enquanto membro da Resistência (Fonte: SHD, PAVCC).



Figuras 39 e 40. Cortejo fúnebre de Luiz Ferreira, 1991.



Luiz Ferreira, s/d.

Luiz Ferreira Martins, o *Homem da Bicicleta*

S. Paio de Figueiredo (Guimarães), 18-10-1902 | Lyon, 20-09-1991

Autores.

Inês Bastos, José Miguel Rocha e Lucas Pinto, 9.º VD. Agrupamento de Escolas de Vilela, 2015/2016.

Fontes, Bibliografia e Webgrafia.

Arquivo pessoal (digitalizado pela Sociedade Martins Sarmento) e entrevista a Amélia Martins, realizada a 02.02.2016.

Arquivo do Memorial do Campo de Concentração de Buchenwald.

Arquivo do *Service Historique de la Défense, Pôle des Archives des Victimes des Conflits Contemporains* (SHD, PAVCC), França.

International Tracing Service (ITS), Bad Arolsen (Alemanha).

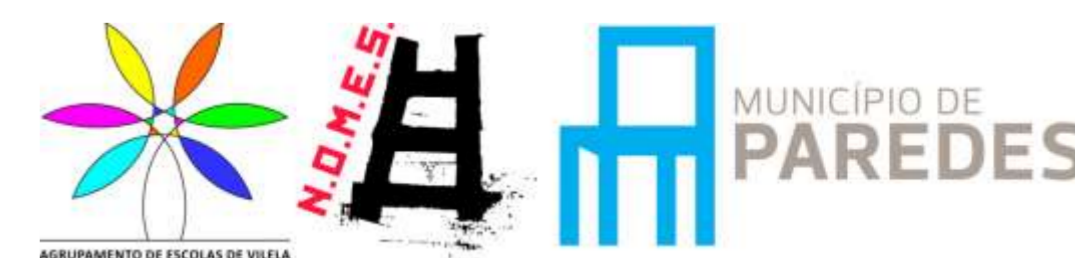
CARVALHO, Patrícia. *Portugueses nos Campos de Concentração Nazis*. Lisboa: Vogais Editora, 2015.

ROUSSET, David. *O Universo Concentracionario*. Lisboa: Antígona, 2016.

WACHSMANN, Nikolaus. *KL – A História dos Campos de Concentração Nazis*. Lisboa: D. Quixote, 2015.

<http://www.ajpn.org>

<http://www.eysses.fr>



Maria d’Azevedo Neves nasceu Maria da Silva, em Gião, concelho de Vila do Conde, no Porto, no dia 21 de fevereiro de 1900, às duas horas da manhã, conforme indica o seu registo de batismo, apesar de toda a documentação encontrada sobre si, quer relativamente à sua deportação, quer no que concerne ao seu pedido de atribuição do título de Deportado Resistente, conter quase sempre a referência de que nasceu em 1901. Maria era filha de Marcelino José Pereira, pedreiro, e de Joaquina da Silva Leite, costureira. Foi batizada a 25 de fevereiro de 1900, na Igreja Paroquial de Santo Estevão de Gião, tendo como padrinhos, Manuel da Silva Moreira, negociante, e Rosa da Silva Leite.

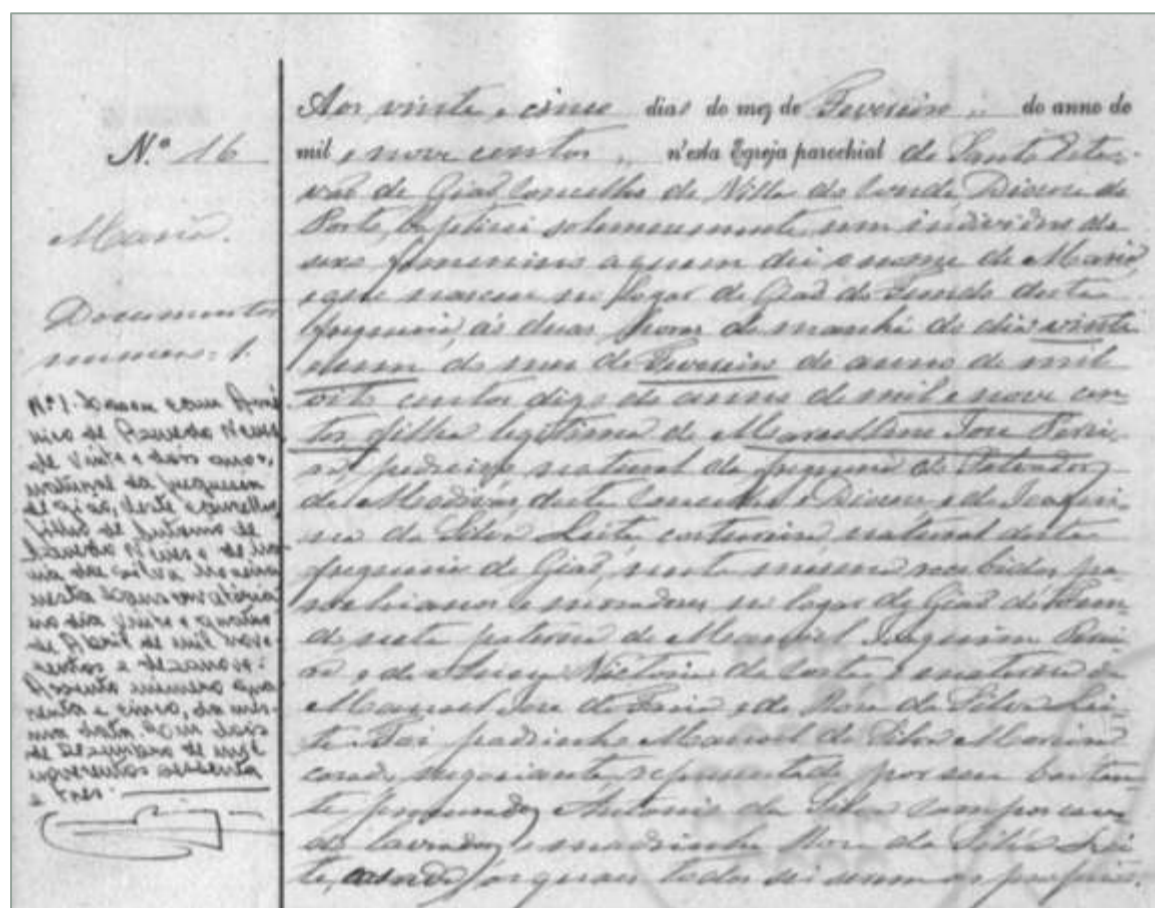


Figura 1. Registo de Batismo de Maria d’Azevedo, 1900 (Fonte: <http://tombo.pt/>).

Da sua infância e adolescência em Gião nada se sabe. Apenas se conhece que Maria casou aos 19 anos com Américo Azevedo Neves, de 22 anos, também natural de

Gião, no dia 24 de abril de 1919, tendo como sogros António de Azevedo Neves e Maria da Silva Moreira.

Ainda que não se saibam as circunstâncias porque nem quando emigram para França, em Albert, cidade para onde o casal vai viver, já em 1923 vivia Joaquim d’Azevedo Neves, irmão do marido, e em 1930 chega outro cunhado de Maria, Marcelino d’Azevedo Neves. É provável, pois, que Maria e Américo tenham chegado nos finais dos anos 20, princípio dos anos 30, tanto mais que os seus cartões de identidade de estrangeiros são-lhes remetidos pelo município de Albert em maio de 1931. O casal viverá no n.º 3 da Rua Gustave Reimann e terá seis filhos: Manuel (1920); Marcel (1921); Maurice (1924); Marie (1930); Christian (1931) e Jeannette (1936). Os três primeiros provavelmente nascidos em Portugal (embora



Figura 2. Câmara Municipal de Albert, 1930 (Fonte: <https://fr.wikipedia.org/>).

Maria d’Azevedo, a Luta enraizada na Família

Gião (Vila do Conde), 21-02-1900 | Albert, 23-06-1986

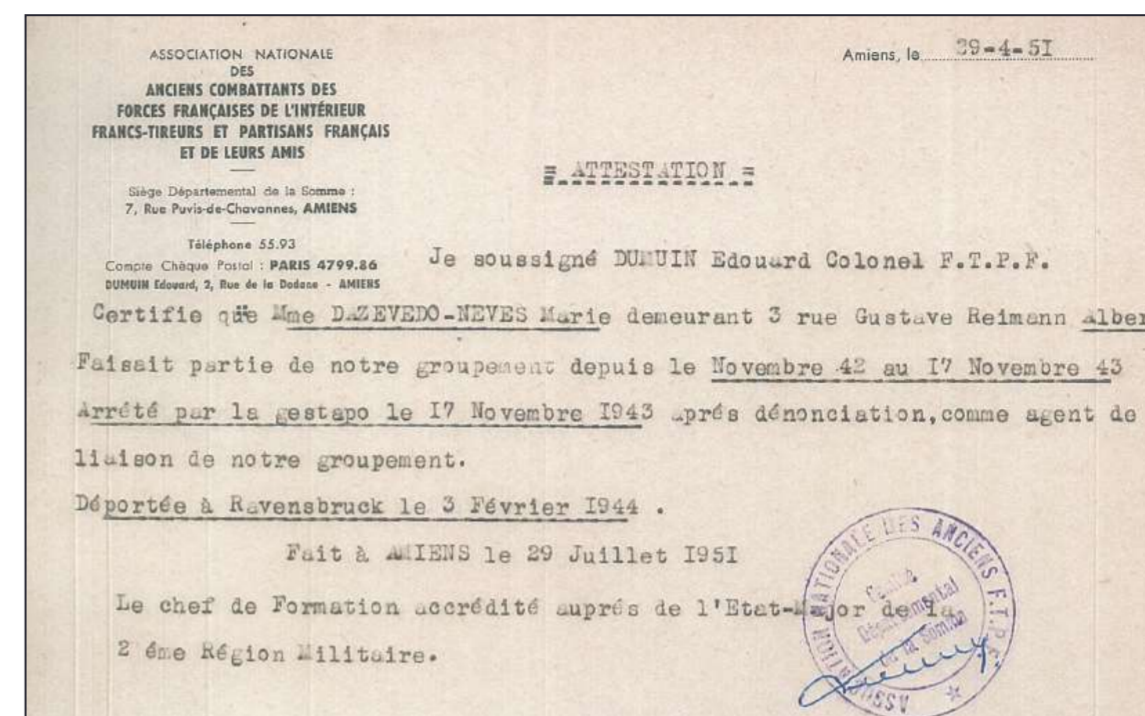


Figura 3. Certificado de pertença às F.T.P.F. por parte de Maria d’Azevedo e motivos da sua prisão em 1943, 1951 (Fonte: SHD, PAVCC).

em toda a documentação referente a Maurice surja Méharicourt como a sua naturalidade, Céline d’Azevedo, bisneta de Maria e neta de Christian confirmou que Maurice nasceu em Portugal), os restantes já nascidos em França.

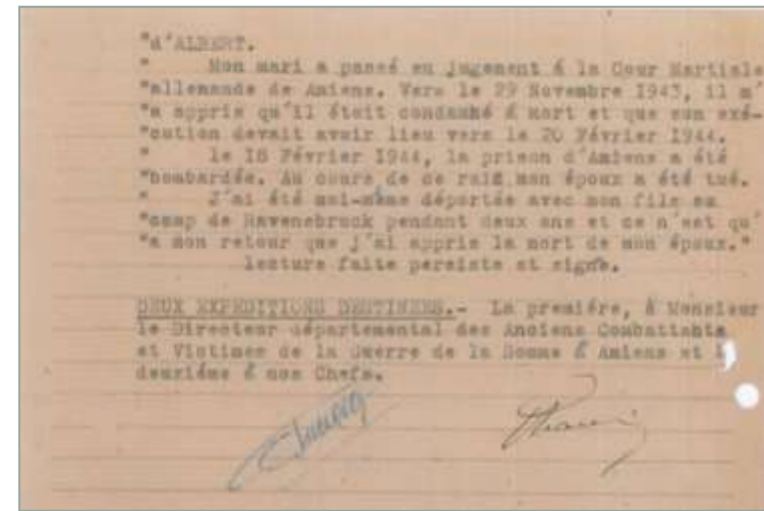
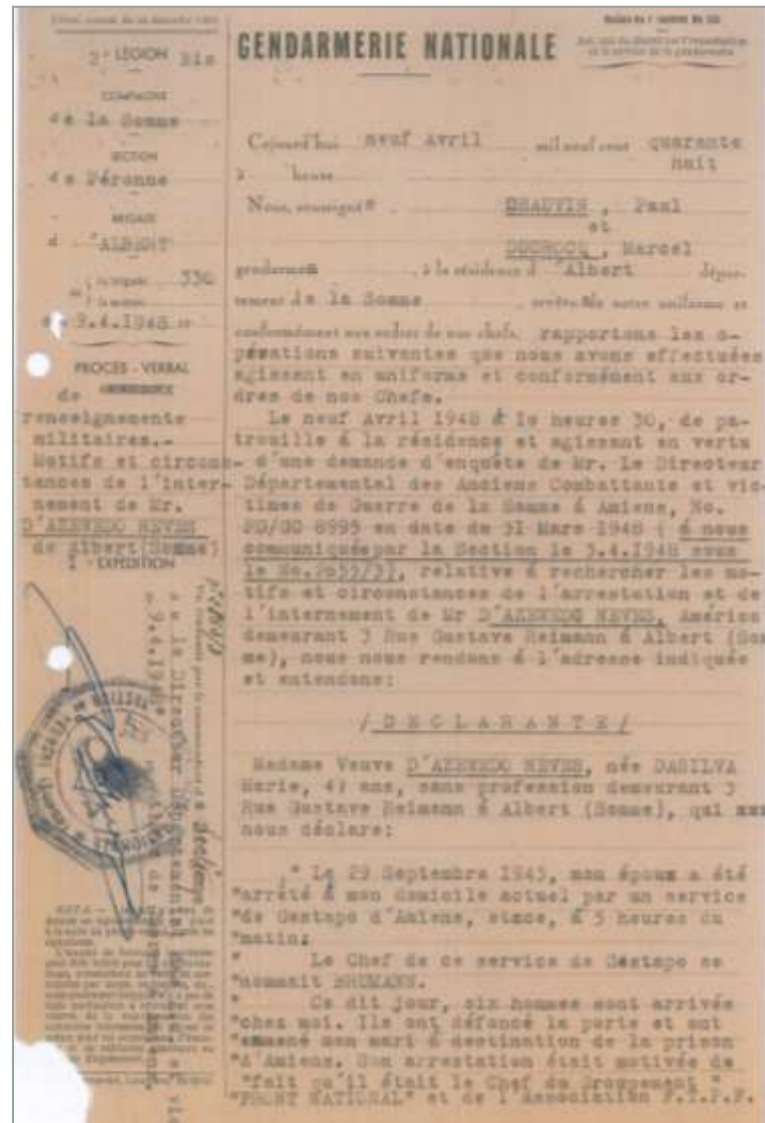
Com pouco mais de 9000 habitantes, no final da década de 30, a pequena cidade de Albert, situada no norte de França, foi ocupada a 20 de maio de 1940 pelas tropas alemãs. Em 1941, ali ocorrem já várias ações da Resistência: folhetos comunistas espalhados pelas ruas, o assassinato de um militar alemão e, no ano seguinte, a criação de um jornal clandestino, o *L'Exploité albertin*. Não deixa, contudo, de ser surpreendente que, esta família de origem portuguesa, provavelmente com a nacionalidade francesa adquirida nos anos 30, com três filhos menores, tenha a luta no seu sangue, de modo que, pelo menos, Maria, Américo e Maurice irão pertencer ao movimento dos *Francs-Tireurs et Partisans Français* (F.T.P.F.), sector de Albert, integrado nas *Forces Françaises de L’Intérieur* (F.F.I.).



Maria d’Azevedo, 1983.

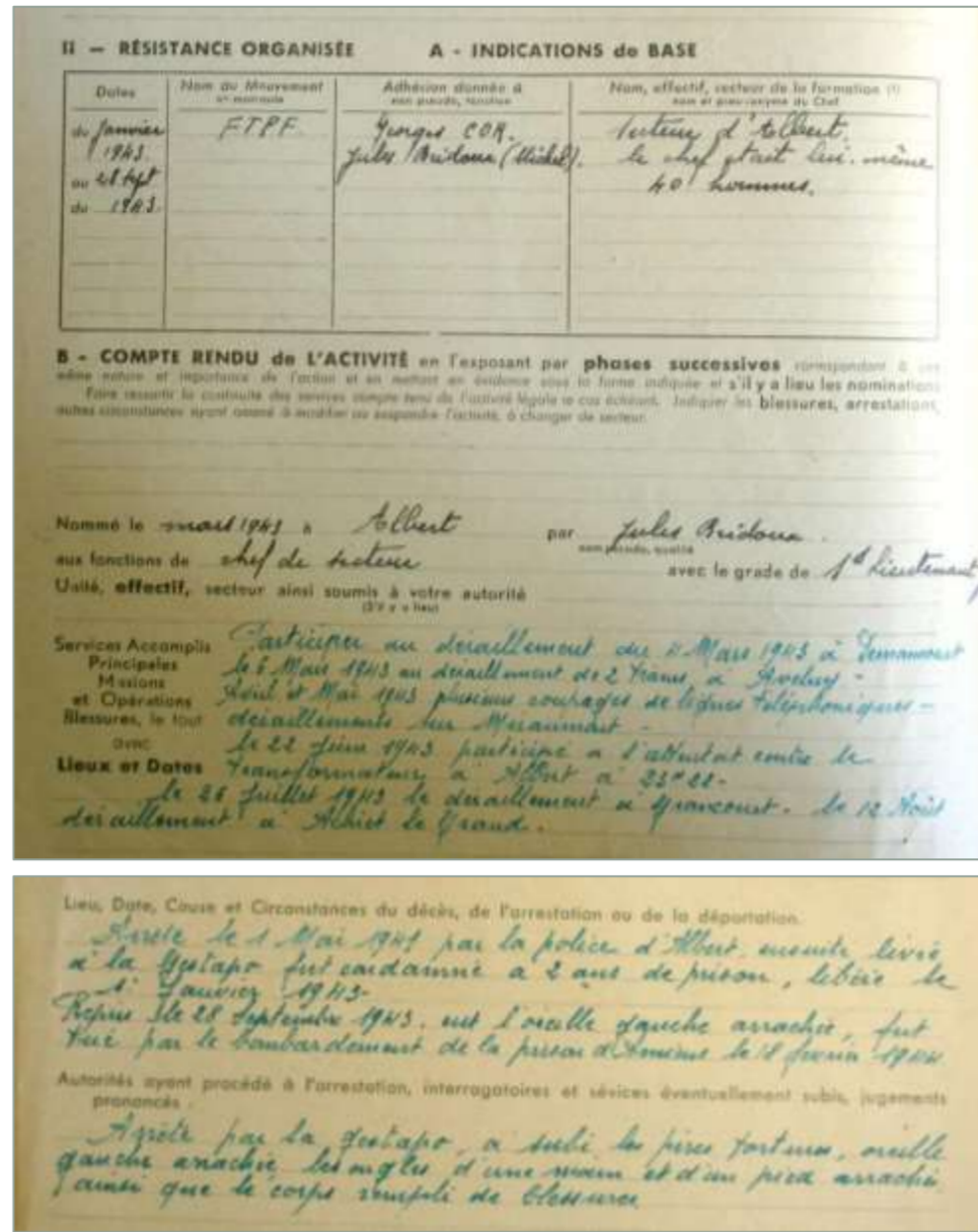
O movimento F.T.P.F. foi criado no Verão de 1941, mas só se expande um ano depois visto que os seus recursos eram limitados e a experiência dos seus membros também. Face ao poder de fogo do inimigo e à fragilidade de armamento das suas tropas era necessário encontrar princípios de funcionamento que evitassem o máximo de perdas. Assim, Charles Tillon, um dos seus líderes, elabora a tática das «gotas de mercúrio»: aceitar o combate em linha apenas em condições desesperadas e adotar uma estratégia em que os elementos se dispersam como pequenas gotas. Isto é, ataques de surpresa, brutais e breves, seguidos de deslocações e desaparecimentos para tornar difíceis as buscas policiais.





Figuras 4 e 5. Depoimento de Maria d'Azevedo sobre o percurso do seu marido na Resistência, 1948 (Fonte: SHD, PAVCC).

Figuras 6 e 7. Descrição das ações de Resistência protagonizadas por Américo d'Azevedo no âmbito do «Grupo Michel» de Jules Bridoux e referência à tortura que sofreu na prisão de Amiens, 1947 (Fonte: SHD, DAVCC).



Maria d'Azevedo, a Luta enraizada na Família

Gião (Vila do Conde), 21-02-1900 | Albert, 23-06-1986



Figura 8. Certificado de pertença às F.T.P.F. por parte de Maurice d'Azevedo e motivos da sua prisão em 1943, 1951 (Fonte: SHD, PAVCC).

Figura 9. Prisão de Amiens durante o ataque da «Operação Jericó», 18 de fevereiro de 1944 (Fonte: <https://en.wikipedia.org/>).



Maria d'Azevedo, 1983.

Através do processo do pedido de atribuição do título de Internado Resistente a Américo d'Azevedo, iniciado em 1955 pela sua esposa, constata-se que o português é detido, pela primeira vez, a 1 de maio de 1941, na Prisão de Amiens, por ações de Resistência, sendo condenado a dois anos de prisão. É libertado, a 1 de janeiro de 1943, por ter sido «perdoado» depois de ter ajudado a extinguir um incêndio na prisão, segundo Gaston Laroche, autor do livro «On les Nommaient des Etrangers». Regressado a casa, quando a mulher e o filho Maurice também já militavam na Resistência, desde novembro de 1942, Américo volta a envolver-se com os F.T.P.F., passando a integrar o «Grupo Michel» de Jules Bridoux, com o nome de código «Augusto», como chefe de sector em Albert e a categoria militar de Subtenente. Entre março e setembro de 1943, participa em diversos descarrilamentos de comboios (em Dernancourt, Aveluy, Miraumont, Grandcourt e Achet-le-Grand), cortes de linhas telefónicas e num atentado contra o transformador de Albert, de modo que é novamente preso, a 29 de setembro de 1943, após denúncia.

Maria d'Azevedo relata, assim, a segunda prisão do marido, em depoimento de 9 de abril de 1948: «o meu marido foi detido no meu domicílio pela Gestapo de Amiens, às cinco horas da manhã. O chefe de serviço da Gestapo chamava-se Brumann. Naquele dia, seis homens en-

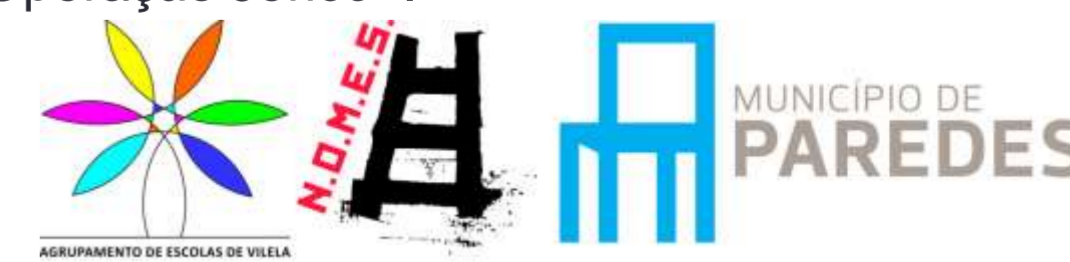
taram na minha casa depois de derrubar a porta e detiveram o meu marido, levando-o para a prisão de Amiens». Na **prisão de Amiens**, Américo é barbaramente torturado (arrancaram-lhe a orelha esquerda e as unhas de uma mão e de um pé) mas «nenhum nome sai da sua boca», refere Gaston Laroche. Foi condenado à morte por um Tribunal Militar Alemão, estando prevista a sua execução para 20 de fevereiro de 1944, conforme relata à mulher a 29 de novembro de 1943, uma vez que Maria e o filho Maurice são presos pela Gestapo, a 17 de novembro, e também eles detidos em Amiens, ela por ser agente de ligação dos F.T.P.F., por albergar patriotas e transporte de armas, ele por ser chefe de grupo dos F.T.P.F. e por ter participado em várias sabotagens.

Enquanto os pais e um dos irmãos mais velhos eram presos, o que teria acontecido às crianças mais novas da família Azevedo? Céline d'Azevedo não sabe o que aconteceu ao avô, Christian, então com onze anos.



Gaston Laroche refere que as crianças ficaram sozinhas em Albert, tendo sido depois acolhidas pela esposa de um deportado. No entanto, no já referido processo de atribuição do título de Internado Resistente ao marido, Maria indica o estatuto de *Pupille de la Nation* para as crianças menores, estatuto criado em 1917, em que as crianças vítimas da guerra ficariam a cargo da Nação.

Por ironia do destino, o suplício de Américo termina a 18 de fevereiro de 1944, sendo um dos 102 prisioneiros vítimas do bombardeamento aliado à prisão de Amiens, na designada «Operação Jericó».



Esta operação da *Royal Air Force*, cujo nome faz referência ao episódio bíblico onde o povo judeu faz soar as trombetas perante a cidade de Jericó provocando a queda dos muros da cidade, destinava-se a libertar elementos da Resistência e prisioneiros políticos que iriam ser executados brevemente, como era o caso de Américo d’Azevedo. Conseguem fugir 260 prisioneiros, 79 dos quais membros da Resistência.

Sem saberem o que entretanto se iria passar com Américo e desconhecendo o seu destino até ao fim da guerra, Maurice d’Azevedo é transferido para o **Campo de Internamento de Royallieu-Compiègne**, a 17 de janeiro de 1944, e Maria a 25 de janeiro, uma semana depois. Situada na cidade de Compiègne, a cerca de 60 km de Paris, a caserna de Royallieu foi construída em 1913. Em junho de 1940, o complexo foi confiscado pelos alemães, para ali internarem prisioneiros franceses e britânicos. Um ano depois, as SS transformaram-no num campo de internamento e de trânsito de tal forma que Compiègne rapidamente se converte no segundo mais importante local de deportação dos opositores do regime de Vichy, depois de Drancy. Entre 1942 e 1944 cerca de 50 mil pessoas foram deportadas em comboios que partiram de Compiègne.

Mãe e filho não se chegam a cruzar neste campo de trânsito, pois Maurice parte, a 22 de janeiro, para Buchenwald e Maria só chega a Compiègne a 25 de janeiro de 1944. É, pois, a partir daqui que os seus percursos divergem, apenas se voltando a encontrar em 1945. Maurice d’Azevedo, com apenas dezanove anos, seguirá, então, no sétimo transporte de Compiègne para Buchenwald, num comboio com 2005 prisioneiros. O trajeto de três dias até Buchenwald foi marcado por 14 evasões em território francês e uma sopa na paragem em Trèves.

Na ficha de identificação individual de Maurice em Buchenwald, o jovem, identificado com o triângulo vermelho de prisioneiro político e elencado no âmbito da *Aktion Meerschaum* (nome de código de uma larga operação de deportações de prisioneiros franceses para os campos de



Figura 10. Campo de internamento de Royallieu-Compiègne, 1940 (Fonte: <http://cercilactu.blogspot.pt/>).

Figura 11. Ficha de identificação individual de Maurice d’Azevedo no Campo de Concentração de Buchenwald, 1944 (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen). Figura 12. Ficha médica de Maurice d’Azevedo no Campo de Concentração de Buchenwald, 1944 (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen). Figura 13. Túnel do Campo de Dora-Mittelbau, julho de 1944 (Fonte: <http://collections.yadvashem.org/>).

concentração de Buchenwald, Mauthausen, Ravensbrück e Sachsenhausen e que foi lançada a partir de 1942), é registado em Buchenwald com o n.º 43118. Fotografado, é descrito como entroncado, pesando 70 kg e medindo 1,71m. Tem olhos castanhos, rosto alongado, nariz grosso, uma boca grande e cabelo preto. Parece ter alguns problemas de saúde: falta-lhe um dente, tem uma úlcera sifilítica nos genitais e os gânglios do pescoço inchados.

Maurice é enviado para o **subcampo de Saalfeld ou Örtelsbruch ou Kommando Laura**, a 25 de março de 1944, situado a 80 km a sudeste de Buchenwald.

Maria d’Azevedo, a *Luta enraizada na Família*

Gião (Vila do Conde), 21-02-1900 | Albert, 23-06-1986

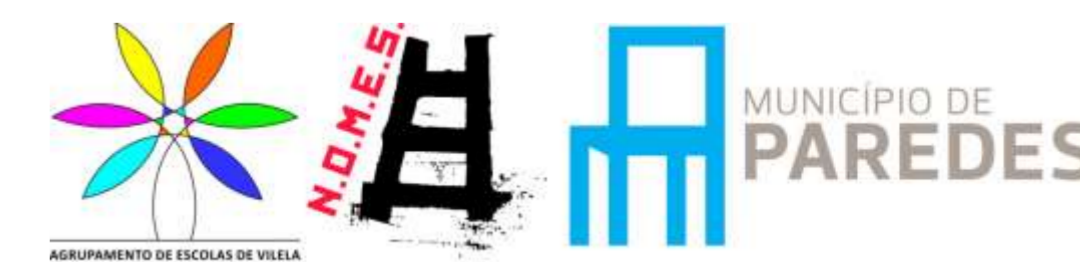
Häftlings-Personal-Karte		Lagerstufe:		Häftl.-No.:	
Fam.-Name: D’Azevedo		Überstellt an KL:		Personen-Beschreibung:	
Vorname: Maurice	am:	an KL:	Größe: 1,71 cm	Gestalt: mittelstark	Fotografiert am:
Geb. am: 21.02.1900 in: Schariacourt	am:	an KL:	Gesicht: knorpig	Augen: braun	
Stand: led. Kinder: ---	am:	an KL:	Nase: dick, gerade	Mund: breit	
Wohnort: Albert, Dép. Somme	am:	an KL:	Ohren: gew.	Zähne: 1 fehlt	
Strasse: Rue Gustave Reimann, 5	am:	an KL:	Haar: schwarz	Sprache: franz., portug.	
Religion: r.k. Staatsang: Frankr.	am:	an KL:	Bes. Kennzeichen: ---		
Wohnort d. Angehörigen: Schwester: Maria d’Azevedo, Albert, s. w. o.	am:	an KL:	Charakt.-Eigenschaften: ---		
Eingewiesen am: 24.1.44	am:	an KL:	Sicherheits-Einsatz: ---		
durch: DSS-Farie Buchenwald	am:	an KL:	Körperliche Verfassung: ---		
Grund: Polit. Franz.	am:	an KL:	Körperliche Verfassung: ---		

Pol. Franz		Name:		Vorname:	
Nr. 43118 d’Azevedo Maurice		Geburtsdatum: 21. JAN 1900		Geburtsort: Schariacourt	
Strafangefichte mit Gefängnisbefehl		Strafmaßnahme:		Strafmaßnahme:	
Monteur kath. led.		Tag		Definit	
Kinderkrankheiten. 1933 w. Schanker. z. St. Halsdrüsenanschwellung.		Tag		Definit	



Maria d’Azevedo, 1983.

Iniciado em setembro de 1943, este subcampo será construído pelos prisioneiros num subterrâneo a 900 m de altitude onde será instalada uma fábrica de produção de oxigénio líquido para alimentação das bombas V2 e ensaios de propulsão. A primeira fase de funcionamento deste *Kommando*, até abril de 1944, e dedicada à construção dos túneis, foi infernal: jornadas de trabalho extenuantes e perigosas, condições de alojamento execráveis em hangares expostos ao vento e ao frio, alimentação sumária e chamadas prolongadas.



Maurice chega ao *Kommando Laura* ainda neste período, sendo transferido para Buchenwald, a 27 de junho, e de novo para Saalfeld, a 13 de julho. A 31 de agosto de 1944, Maurice vai para o **campo de Dora-Mittelbau**. Desde que, na noite de 17 para 18 de agosto de 1943, a fábrica de Peenemünde (no Báltico) fora bombardeada, a produção dos foguetes V2 tinha sido transferida para fábricas subterrâneas na Turíngia, mediante a utilização de mão-de-obra dos prisioneiros. É, assim, que, no final de agosto de 1943, é criado o campo de Dora e construído o «Túnel» para o fabrico dos V2. Constituindo um *Kommando* de Buchenwald, Dora torna-se um campo autónomo a partir de 28 de outubro de 1944.

De Maurice só voltamos a ter notícias, em 28 de maio de 1945, quando regressa a França, repatriado via Hotel Lutetia. Sabe-se ainda que o seu nome consta de um registo de sobreviventes de Buchenwald, sendo, pois, provável que ele estivesse entre os 21 mil prisioneiros libertados pelas tropas americanas, a 11 de abril de 1945. A ficha médica, elaborada no centro de repatriamento, regista um emagrecimento de 15 kg, mais de um mês após a libertação, lesões genitais, fraturas no maxilar, ferimentos por bala, no decorrer de uma tentativa de evasão, entre outras lesões.

Na manhã de 31 de janeiro de 1944, em Compiègne, 959 mulheres são reunidas no centro do campo para serem conduzidas à estação onde são embarcadas em vagões de gado, naquele que será o mais importante transporte de mulheres de todo o período da ocupação alemã em França, o «comboio das 27000», em direção ao Campo de Ravensbrück. Entre elas está Maria d’Azevedo e mais uma portuguesa, Maria Barbosa. Todas ignoram ainda que a viagem durará três dias e três noites e que a viagem será ela mesma uma provação terrível. A falta de água, a falta de oxigénio, a promiscuidade infernal e a ausência de higiene marcá-las-á para sempre.

A 3 de fevereiro de 1944, o comboio chega ao «inferno das mulheres», Ravensbrück, onde estas são registadas com a matrícula da série 27000

Maria d’Azevedo, a *Luta enraizada na Família*

Gião (Vila do Conde), 21-02-1900 | Albert, 23-06-1986

(são registadas entre os números 27030 e 27988), o que dará o nome a este transporte tão particular. Maria d’Azevedo será a prisioneira 27650. Na sua maioria (90%), estas mulheres são resistentes pertencendo a diversas organizações. Algumas estavam encarregues de recrutar novos agentes, outras recebiam os paraquedistas enviados por Londres, outras redigiam, imprimiam ou difundiam folhetos ou jornais clandestinos. Havia ainda algumas que transportavam correio, armas, postos de rádio ou explosivos. Muitas eram ainda aquelas que albergavam resistentes ou guardavam nas suas casas armas (como Maria d’Azevedo).

Situado a cerca de 90 km a norte de Berlim, o **Campo de Ravensbrück** foi criado exclusivamente para mulheres. As primeiras prisioneiras chegaram ali em maio de 1939, e eram, sobretudo, “associais”. Apesar de essencialmente feminino, Ravensbrück haveria de mudar ao longo dos anos de guerra – em abril de

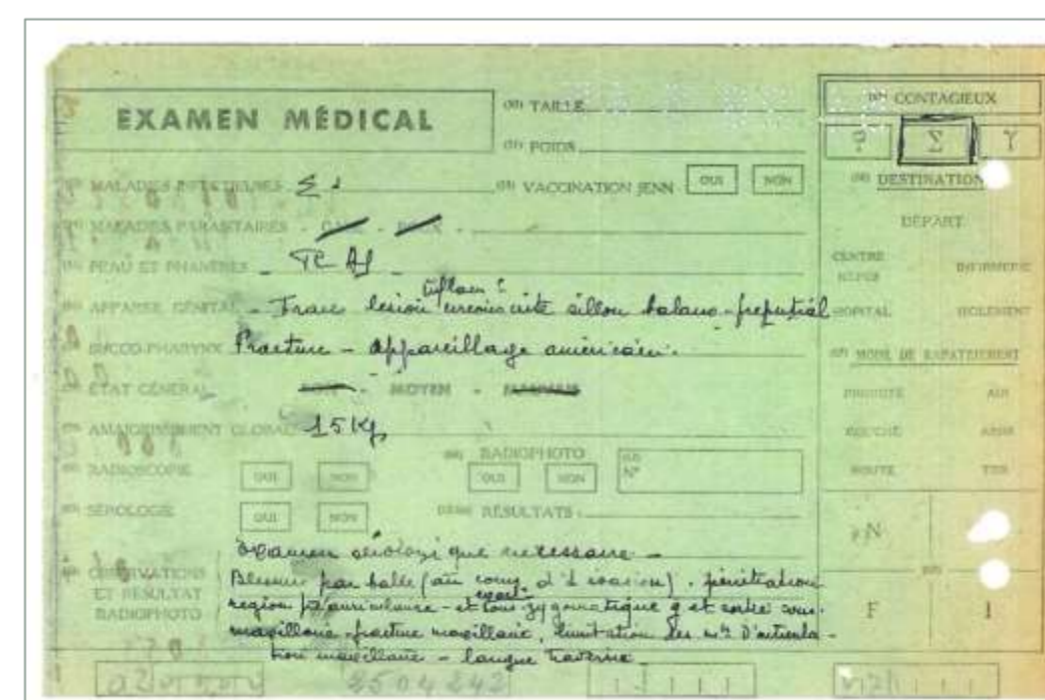


Figura 14. Ficha médica de Maurice d’Azevedo elaborada pelo Centro de Acolhimento de Paris (Lutetia), a 28 de maio de 1945 (Fonte: SHD, PAVCC).



Figura 15. Campo de Concentração de Ravensbrück (Fonte: <http://www.ravensbrueck.de/>).

Figura 16. O interior dos Blocos onde as mulheres dormiam, em Ravensbrück (Fonte: <http://all-that-is-interesting.com/>).



Maria d’Azevedo, 1983.

1941, foi criado na sua área um pequeno campo para homens e, em junho de 1942, abriu um campo para jovens. Devido à localização geográfica, a partir de meados de 1944, Ravensbrück começa a ser inundado de prisioneiros, forçados a abandonar os campos que iam caindo nas mãos dos Aliados. As condições degradaram-se de forma acentuada e a exterminação em massa de prisioneiros passou a fazer parte da rotina do campo.

Depois de chegarem a Ravensbrück, Maria d’Azevedo e as restantes mulheres do comboio terão cumprido os trâmites habituais: recenseamento, período de quarentena,



desta feita nos Blocos 13 e 22, interrogatórios e exames médicos. É neste contexto que são elaboradas a sua ficha individual e ficha médica que revelam a precisão demons-



trada pelos nazis relativamente à descrição dos prisioneiros. Sem fotografia, Maria d'Azevedo surge descrita como tendo 66,5 kg e 1, 56 m de altura, olhos e cabelos castanhos, não necessitaria de esterilização, não sofria de doenças venéreas nem de tuberculose. É ainda referido que Maria tivera oito filhos mas que dois teriam morrido ainda bebés.

A maioria destas mulheres, no entanto, não permanece em Ravensbrück pois são enviadas para *Kommandos* exteriores. Maria d'Azevedo é transferida, a 20 de julho de 1944, para o subcampo de Leipzig-Schönefeld, onde recebe o número 3845, para trabalhar na fábrica de armas HASAG. Este subcampo, a 1 de setembro de 1944, passa a fazer parte do complexo concentracionário de Buchenwald, pelo que aqui são elaboradas novas fichas individuais da prisioneira. A 12 de setembro de 1944, Maria d'Azevedo ainda se encontrava no subcampo Leipzig.

O *Kommando de Leipzig ou Kommando HAZAG* denominava-se assim devido ao nome de uma indústria local, a fábrica HAZAG, que pertencia a Hugo Schneider. A fábrica tinha sido bombardeada, no início de 1944, e o objetivo deste *Kommando* era a sua reconstrução e depois a produção de armas antitanques e obuses. Os trabalhos de reconstrução foram entregues a 80 mulheres do transporte das «27000», entre elas, Maria d'Azevedo, que depois foram afetadas à produção. Eram trabalhos terríveis em condições de grande falta de alimentação. Estas mulheres trabalhavam em dois turnos de 12 horas, uma semana de dia e outra de noite, exceto ao domingo. De uma forma concertada, as prisioneiras francesas sabotavam o ritmo de trabalho o mais possível, recusando melhorias na alimentação proporcionadas pela direção da fábrica.

As mulheres, que foram espalhadas pelo Reich pelos numerosos *Kommandos*, serão vítimas dos esforços paranoicos das SS para evitar que as prisioneiras caíam nas mãos dos aliados. Muitas são levadas nas «marchas da morte», perante o avanço das tropas aliadas, pelo que as mulheres do *Kommando* de Leipzig, como Maria d'Azevedo, abandonam o campo, a 13 de abril de 1945, durante a madrugada e marcham durante várias semanas até que finalmente são libertadas pelas tropas soviéticas, a 4 de maio.

Uma em cada cinco destas mulheres do «comboio das 27000» não regressa da deportação e dez morrem de doenças contraídas durante a deportação, nos meses que se seguem ao seu retorno. Maria de Azevedo regressa através do Centro de Repatriamento de Paris, no Hotel Lutetia, a 21 de maio de 1945, e terá de se readaptar à vida com sentimentos contraditórios: a alegria de encontrar o filho Maurice, a dor perante a notícia da morte do marido. Maria pesava 55 kg, duas semanas após a sua libertação, sofria de escarlatina, disenteria, furúnculos na pele, perdera dois dentes e fora pulverizada com DTT devido a piolhos.

Maria, Américo e Maurice serão reconhecidos pelo Estado francês como resistentes, confirmando-se o quanto esta *luta estava enraizada na família*.

Maria d'Azevedo, a *Luta enraizada na Família* Gião (Vila do Conde), 21-02-1900 | Albert, 23-06-1986

Figuras 17 e 18. Fichas de identificação individual de Maria d'Azevedo no Campo de Buchenwald com referências a Ravensbrück, 1944 (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen). Figura 19. Ficha médica de Maria d'Azevedo elaborada pelo Centro de Acolhimento de Paris (Lutetia), a 21 de maio de 1945 (Fonte: SHD, PAVCC). Figura 20. Cartão de Deportado Resistente de Maurice d'Azevedo, 1954 (Fonte: SHD, PAVCC).



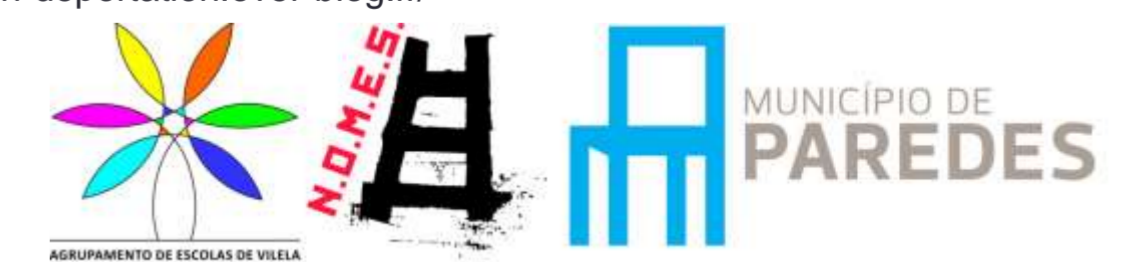
Maria d'Azevedo, 1983.

Autores.

Juliana Cardoso, Margarida Barbosa e Marta Alves, 9.º VD. Agrupamento de Escolas de Vilela, 2015/2016.

Fontes, Bibliografia e Webgrafia.

Arquivo pessoal de Céline d'Azevedo.
Arquivo do Memorial do Campo de Concentração de Buchenwald.
Arquivo do Memorial do Campo de Concentração de Ravensbrück.
Arquivo do *Service Historique de la Défense, Division e Pôle des Archives des Victimes des Conflits Contemporains* (SHD, DAVCC e PAVCC), França.
International Tracing Service (ITS), Bad Arolsen (Alemanha).
CARVALHO, Patrícia. *Portugueses nos Campos de Concentração Nazis*. Lisboa: Vogais Editora, 2015.
LAROCHE, Gaston. *On les nommait des étrangers. Les immigrés dans la Résistance*. Paris: Les Éditions Françaises Réunies, 1965.
WACHSMANN, Nikolaus. *KL – A História dos Campos de Concentração Nazis*. Lisboa: D. Quixote, 2015.
<https://asso-buchenwald-dora.com/>
<http://wagon-deportation.over-blog.fr/>



Michael Fresco, um rosto português no Holocausto

Lisboa, 15-09-1911 | Auschwitz, 24-07-1942

Michael Joseph Fresco nasceu a 15 de setembro de 1911, conforme está registado na Comunidade Israelita de Lisboa. Michael foi um dos seis filhos de Nissim e Sultana Fresco, um casal judeu de Constantinopla (Turquia) que se fixa em Lisboa, ainda no século XIX. Nesta cidade abriram a Merceria Otomana, na Rua de S. Bento, números 708 e 710, onde vendiam produtos alimentares nacionais e estrangeiros nomeadamente carnes e queijos *Kasher*.

Michael tinha um irmão, Alberto, e quatro irmãs: Miriam (sobre quem não foi possível encontrar informações), Rebeca (nascida em janeiro de 1909 e que muda o nome para Raquel após casar com um português pertencente a uma família muito católica e que se tornará governador da província de Lobito em Angola), Vitória (cuja história também permanece desconhecida mas que terá tido uma filha de seu nome Sultana, que foi viver muito nova para Israel) e Mazaltob ou Ventura na tradução portuguesa. Alberto e Mazaltob terão as suas histórias de vida entrecruzadas com a do irmão Michael Fresco.

Da vida em Portugal dos irmãos Fresco, e em particular de Michael, pouco se sabe. Como revelou Alberto Fresco Marques, filho de uma prima de Michael, a Patrícia Carvalho, o que ficou na memória familiar foi a imagem de um Michael «muito extrovertido, muito jovial», a quem os membros da família chamavam «Michael Strogoff», em alusão ao aventureiro e corajoso correio do Czar de Júlio Verne.

A 14 de fevereiro de 1929, o mais velho dos irmãos Fresco, Alberto (nascido em 1898), chega a Nantes, tendo já passado por Hendaia e Marselha. Vive inicialmente num Hotel mas quando o irmão, Michael, chega a Nantes, no dia 29 de abril desse mesmo ano, dá já às autoridades uma morada diferente que será contudo ainda temporária. Mazaltob chegou a Nantes dois anos depois, a 24 de julho de 1931, mas já estaria em França também desde fevereiro de 1929, segundo a sua neta Marianne Nuzzo, provavelmente na casa de outros familiares, uma



Figura 1. Publicidade à «Merceria Otomana» de Nissim Fresco, s/d (Fonte: MUCZNIK: 2012). Figura 2. Nantes, 1930 (Fonte: <http://rikostnaz6.blogspot.pt/>).

Figuras 3 e 4. Ficha de perfil individual de Mazaltob Fresco referente ao seu processo de autorização de residência a estrangeiros, 1933 (Fonte: Arquivos Departamentais de Loire-Atlantique). Figura 5. Ficha de perfil individual de Michael Fresco referente ao seu processo de autorização de residência a estrangeiros, 1935 (Fonte: Arquivos Departamentais de Loire-Atlantique).



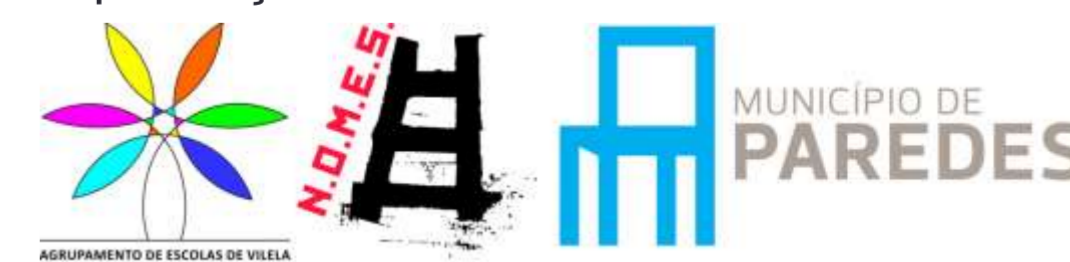
Michael Fresco, 1938.



Em 1931, após a chegada de Mazaltob, os três irmãos viverão juntos na Rua de la Marne, n.º 23, no centro comercial da cidade de Nantes, onde Alberto Fresco se tinha estabelecido como comerciante, abrindo uma loja de malhas, de nome «Hodara et Fresco», no mesmo edifício onde morava, em sociedade com a família Hodara. Mazaltob irá também trabalhar nessa loja como empregada comercial.

Esta loja, contudo, terá um curto período de existência, dado que, como refere Patrícia Carvalho, entra em liquidação judicial em janeiro de 1932, após Alberto ter sido acusado de promoção de concorrência desleal.

vez que teria apenas catorze anos (faria quinze a 23 de abril). Não se conhecem as circunstâncias que motivam os irmãos a emigrar para França mas a ambição de uma vida melhor e a expansão dos seus negócios serão causas prováveis.



Michael Fresco, um rosto português no Holocausto

Lisboa, 15-09-1911 | Auschwitz, 24-07-1942

São anos conturbados para os Fresco, principalmente para Michael que, em 1932, é internado como «alienado» por um período de quase dois meses e que no ano seguinte se vê envolvido, com o irmão, numa falsa acusação de exploração de mulheres e tráfico de estupefacientes. Tudo não terá passado, como conseguiu apurar Patrícia Carvalho, de uma tentativa de vingança contra Michael por parte de um homem que pretendia manter relações sexuais com ele. De facto, a questão da eventual homossexualidade de Michael revelar-se-á determinante para o seu percurso de vida.

Nos anos seguintes, Alberto, que perderá avultadas somas nas mesas de póquer de Nantes mas cuja fortuna não parece desaparecer, irá para Dinard e depois para Paris onde se tornará representante de uma loja de lâmpadas enquanto o franzino Michael se transformará num comerciante ambulante, ligado à venda de baunilha. Terá sido por esta altura que Michael mais se aproxima de Isaac Hodara, judeu de Constantinopla, da sua idade, de tal forma que se tornam companheiros inseparáveis, conforme relata Patrícia Carvalho, sendo frequente a sua presença nos cafés de Nantes, esbanjando dinheiro cuja origem é difícil de determinar.

Após alguns tempos de tranquilidade, o ano de 1939 muda tudo para os Fresco. Mazaltob, com vinte e cinco anos, casa, a 1 de maio, com Giovanni Nuzzo, de trinta e oito anos, um viúvo italiano de Nápoles, iniciando-se uma vida conjugal turbulenta que a neta, Marianne Nuzzo, prefere não recordar. Por um curto período de tempo, Alberto e Mazaltob mudam-se para Dinard, sendo nessa cidade que nasce Michel Nuzzo, o único filho de Mazaltob, a 25 de março de 1940. Giovanni Nuzzo, por ser cidadão italiano, logo inimigo da França, é preso a 11 de junho de 1940, sendo contudo imediatamente libertado após a ocupação alemã de Nantes, a 19 de junho. Mazaltob regressa a Nantes em julho, já separada do marido, e a sua vida oscilará entre as repercussões das medidas antissemitas e uma certa proteção que colherá por ser ainda casada com um católico que partilha dos ideais dos ocupantes.

Nº	Date d'inscription	Noms
141	17 octobre 1940	Fresco, Michael né le 15 septembre 1911 à Lisbonne de Nissim et de Sarah Seltana. Tra le deux cousins. nationalité portugaise citoyenneté commerçant (m. ambulante) Il quitte l'Orléans à Nantes depuis 11 ans 1/2 - en France depuis 11 ans 1/2. religion : israélite -

Figura 6. Registo de Michael Fresco como judeu em Nantes, para cumprimento da Lei de 27 de setembro de 1940, 17 de outubro de 1940 (Fonte: Arquivos Departamentais de Loire-Atlantique).

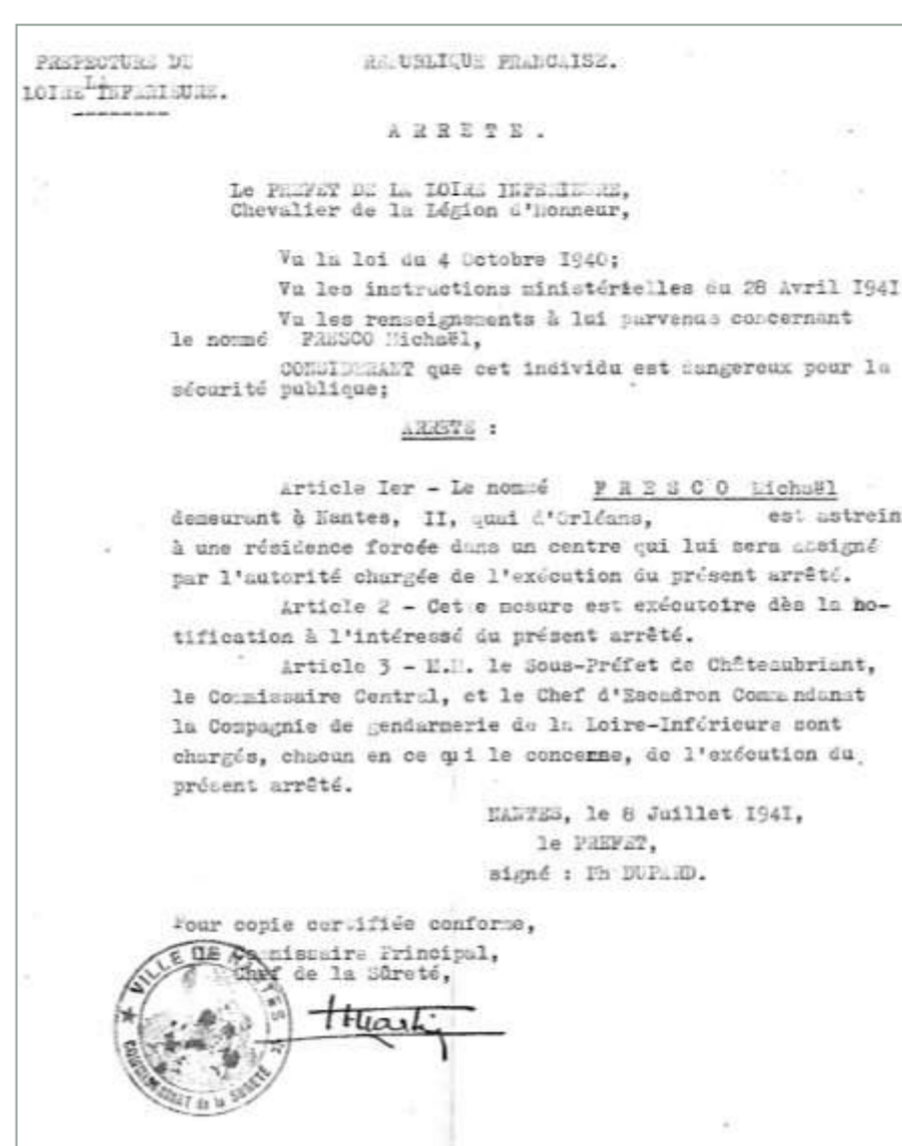


Figura 7. Mandato de internamento de Michael Fresco, 8 de julho de 1941 (Fonte: Arquivos Departamentais de Loire-Atlantique).



Michael Fresco, 1938.

A legislação antissemita foi rapidamente posta em prática pelos alemães em França. A 27 de setembro de 1940, um decreto alemão estabelece o registo obrigatório dos judeus na zona ocupada. É na sequência desta lei que Michael e Mazaltob (não há registos de Alberto) se registam como judeus junto dos serviços administrativos franceses, a 17 de outubro de 1940, apresentando uma nova morada comum: Quai d'Orléans, n.º 11. A 3 outubro de 1940, é aprovado o primeiro *Statut des Juifs* que define legalmente o que é ser «judeu» e os exclui do serviço público e de certas profissões liberais, ao mesmo tempo que se inicia a arianização dos seus negócios. A 4 de maio, nova lei agrava ainda mais a situação dos judeus estrangeiros, autorizando os Prefeitos a poderem interná-los em campos especiais no Departamento onde residam, sendo a aplicação desta medida, dali a uns meses, a determinar o futuro de Michael.

Nos meses seguintes, aprofundam-se as medidas antissemitas e, em 28 de abril de 1941, o Governo francês comunica aos Prefeitos dos Departamentos que chegou o momento de aplicar a lei de 4 de outubro de 1940. A 3 de maio, o Prefeito do Loire-Inférieure avisa as autoridades policiais da região de que precisa de ajuda daquelas forças para escolher alguns judeus, entre os que habitam no Departamento, que pareçam cumprir pelo menos um dos requisitos daquela medida, isto é, que sejam conhecidos por práticas contrárias aos interesses do país, por terem entrado ilegalmente em França ou por serem um fardo para a economia nacional, por falta de recursos.



Como refere Patrícia Carvalho, apesar de Michael Fresco não cumprir qualquer um daqueles requisitos, o seu nome e o de Isaac Hodara são os primeiros nas listas que o Prefeito recebe. A má reputação dos dois amigos, provavelmente associada à sua homossexualidade, bem como um modo de vida que não condiz com os seus recursos, ditarão o seu destino e, a 8 de julho de 1941, o Prefeito decreta o internamento de ambos. Segundo a sua Ficha Individual do Campo de Concentração de Choisel, em Châteaubriant, Michael, a quem é atribuído o número 765, foi detido, a 11 de julho, como «israelita indesejável», sendo o motivo oficial da prisão a prática de mercado negro, a mesma razão atribuída a Isaac, que recebe o número 766.

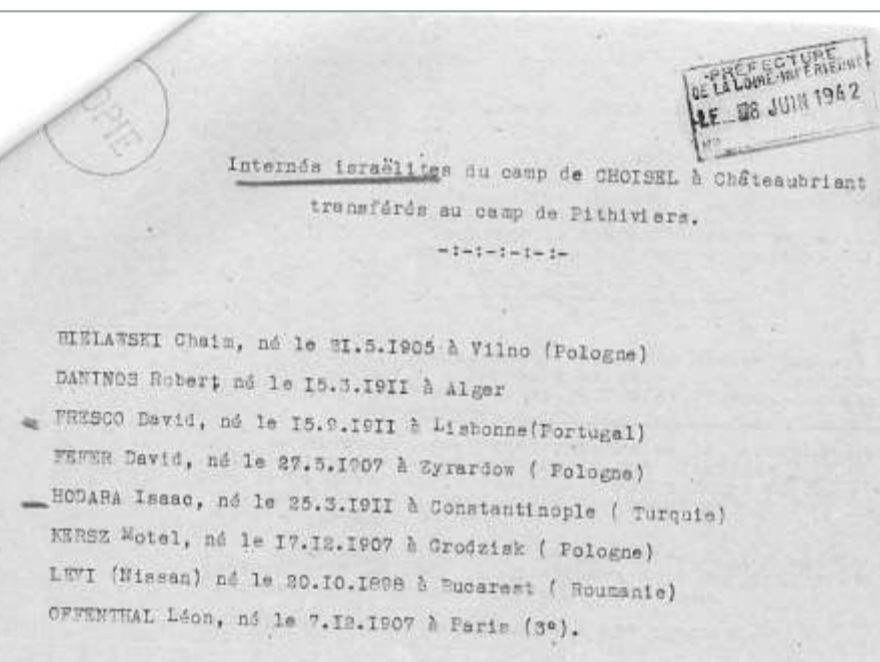


Figura 11. Lista de judeus internados no Campo de Choisel transferidos para o Campo de Pithiviers, s/d (Fonte: Arquivos Departamentais de Loire-Atlantique). Figura 12. Carta do Comandante do Campo de Internamento de Beaune-la-Rolande ao Prefeito Delegado do Loire Inférieure, 3 de abril de 1943 (Fonte: Arquivos Departamentais de Loire-Atlantique).



O Campo de Internamento de Choisel, em Châteaubriant, inicialmente utilizado para acolher prisioneiros de guerra, começa a receber ciganos, indesejáveis, pessoas ligadas ao mercado negro, comunistas e judeus no início de 1941, passando a estar então sob vigilância e alçada administrativa francesa. Após dez meses de internamento, Michael, como todos os judeus que ali se encontravam, incluindo Isaac Hodara, foi transferido para Pithiviers, onde chega a 5 de maio de 1942, no contexto do encerramento daquele campo, entre 1 e 11 de maio de 1942.

O Campo de Internamento de Pithiviers, situado a 80 km a sul de Paris, foi construído no início do conflito para receber prisioneiros de guerra alemães, transformando-se, após a derrota francesa, no local de

Michael Fresco, um rosto português no Holocausto

Lisboa, 15-09-1911 | Auschwitz, 24-07-1942

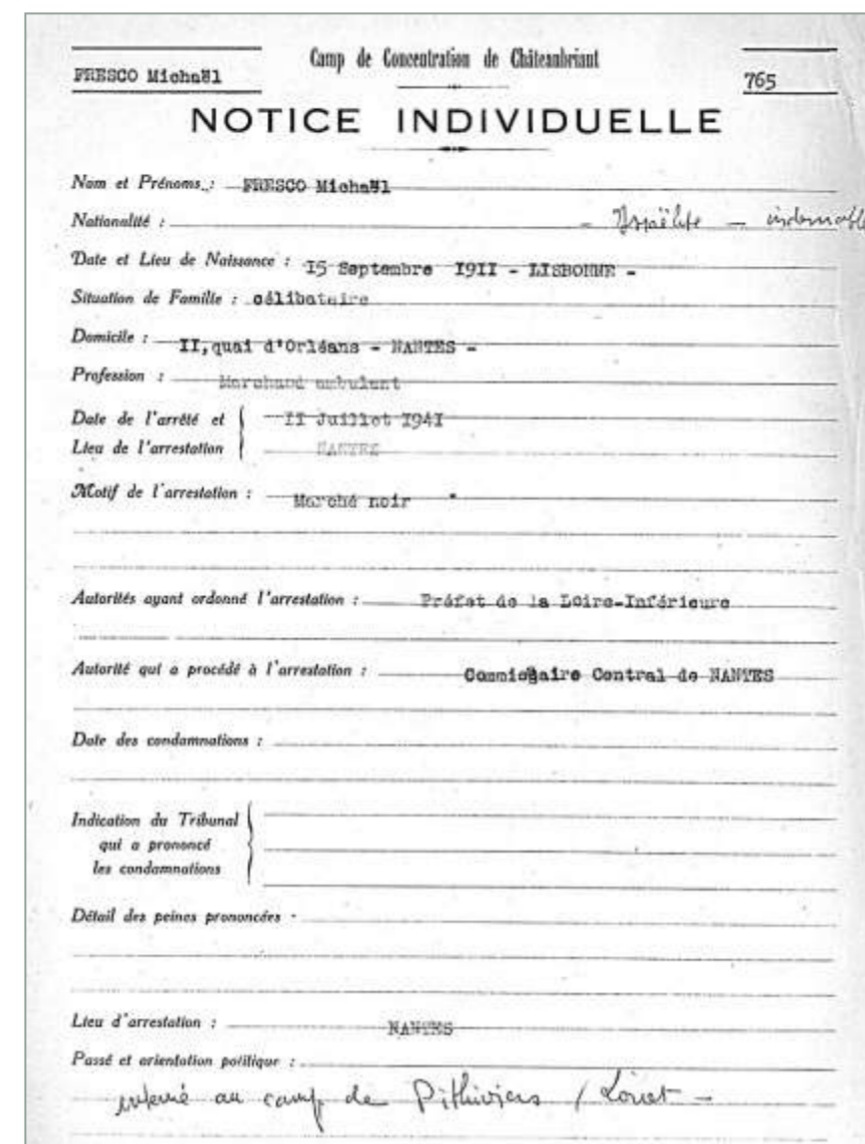
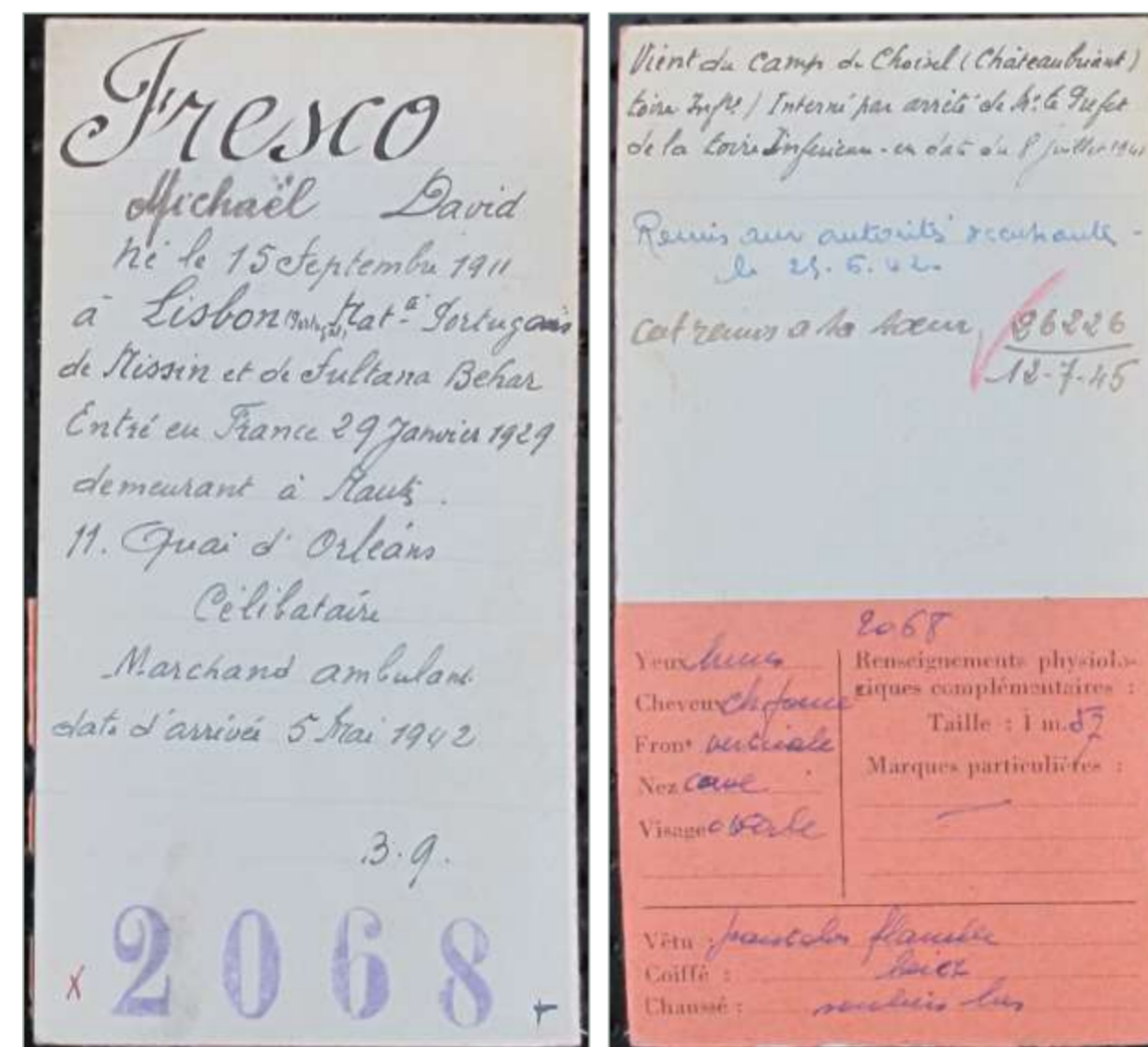


Figura 8. Ficha Individual de Michael Fresco no Campo de Choisel, 1941 (Fonte: Arquivos Departamentais de Loire-Atlantique). Figura 9. Campo de Internamento de Choisel, 1941 (Fonte: <http://www.resistance-44.fr/>). Figura 10. Registo de novos prisioneiros em Pithiviers, detidos no âmbito da «Rafle du Billet Vert» pela Polícia francesa, maio de 1941 (Fonte: <https://en.wikipedia.org/>).

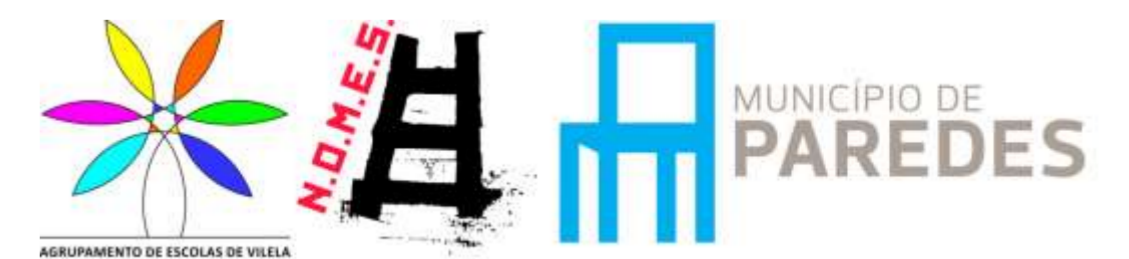


Michael Fresco, 1938.



Figuras 13 e 14. Ficha de internamento no Campo de Pithiviers referente a Michael Fresco (Fonte: Arquivos Nacionais de França).

encarceramento dos prisioneiros de guerra franceses. No início de 1941, mas principalmente após a *Rafle du Billet Vert*, de 14 de maio de 1941 (primeira vaga de prisões massivas dos judeus estrangeiros em França), Pithiviers transforma-se num campo de internamento para os judeus e, em 1942, assume o papel de campo de trânsito, para onde eram encaminhados os judeus a caminho dos campos da morte, no âmbito da «Solução Final». O campo comportava dezassete barracões em madeira, em três hectares, e as condições de vida no seu interior eram miseráveis: alimentação insuficiente, higiene muito precária, alojamento insalubre. Michael permanece aqui apenas quarenta e dois dias e Isaac, mais três semanas.



Michael Fresco, um rosto português no Holocausto

Lisboa, 15-09-1911 | Auschwitz, 24-07-1942

251:000:	FRESKO	Micha	15-09-1911	Lisbona	Polónia	Polónia	forain	Montes 22 mai d'Ordem
251:011:	FRESKO	Micha	15-09-1911	Lisbona	Polónia	Polónia	forain	Montes 22 mai d'Ordem
251:012:	FRESKO	Micha	15-09-1911	Lisbona	Polónia	Polónia	forain	Montes 22 mai d'Ordem
251:013:	FRESKO	Micha	15-09-1911	Lisbona	Polónia	Polónia	forain	Montes 22 mai d'Ordem
251:014:	FRESKO	Micha	15-09-1911	Lisbona	Polónia	Polónia	forain	Montes 22 mai d'Ordem
251:015:	FRESKO	Micha	15-09-1911	Lisbona	Polónia	Polónia	forain	Montes 22 mai d'Ordem
251:016:	FRESKO	Micha	15-09-1911	Lisbona	Polónia	Polónia	forain	Montes 22 mai d'Ordem
251:017:	FRESKO	Micha	15-09-1911	Lisbona	Polónia	Polónia	forain	Montes 22 mai d'Ordem
251:018:	FRESKO	Micha	15-09-1911	Lisbona	Polónia	Polónia	forain	Montes 22 mai d'Ordem
251:019:	FRESKO	Micha	15-09-1911	Lisbona	Polónia	Polónia	forain	Montes 22 mai d'Ordem
251:020:	FRESKO	Micha	15-09-1911	Lisbona	Polónia	Polónia	forain	Montes 22 mai d'Ordem

Os dois amigos terão estado juntos pela última vez, provavelmente, a 24 ou 25 de junho de 1942, uma vez que Michael é entregue às autoridades ocupantes e embarcará no comboio n.º 813, designado como o Transporte n.º 4 (o quarto dos seis que em 1942 partem de Pithiviers em direção a Auschwitz, com 6079 judeus) que deixa a estação de Pithiviers às 06:15 da manhã, do dia 25 de junho de 1942, com 1000 homens judeus, na sua maioria polacos, com idades compreendidas entre os 20 e os 54 anos. Quando chegam a Auschwitz, a 27 de junho, estes homens são matriculados com os números 41773 a 42772. Michael receberá o número 42020. Isaac será transferido a 17 de julho, no Transporte n.º 6.

O **Campo de Concentração de Auschwitz** foi criado na periferia de Oswiecim, no terreno de um antigo quartel polaco, após uma ordem, de 27 de abril de 1940, de Heinrich Himmler, comandante das SS. O motivo da criação do campo foi o aumento de prisioneiros polacos, chegando ao campo, a 14 de junho de 1940, o primeiro transporte de prisioneiros políticos. Este campo tornou-se, gradualmente, no maior campo de extermínio em massa dos judeus, a partir de 1942, devido à sua localização no centro da Europa ocupada pelos alemães e também devido às boas redes de comunicação, principalmente ferroviárias. Para este efeito, nos anos de 1940 e 1941, os alemães expulsam os moradores de um dos bairros de Oswiecim e também de oito aldeias na vizinhança não só com o objetivo de alargar o campo, mas também de livrar-se das testemunhas dos crimes e para impossibilitar contactos com os prisioneiros e assim dificultar a possibilidade de fuga.

No auge do seu funcionamento, Auschwitz era formado por 3 campos principais: Auschwitz I (no terreno e edifícios do quartel polaco) e criado em 1940; Auschwitz II - Birkenau cuja construção foi iniciada em

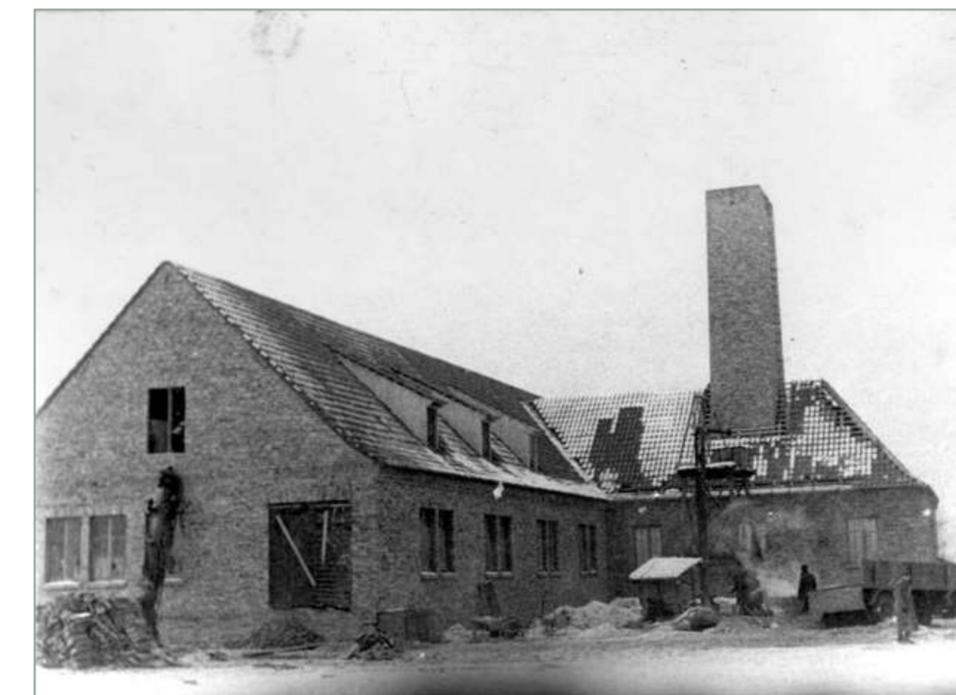
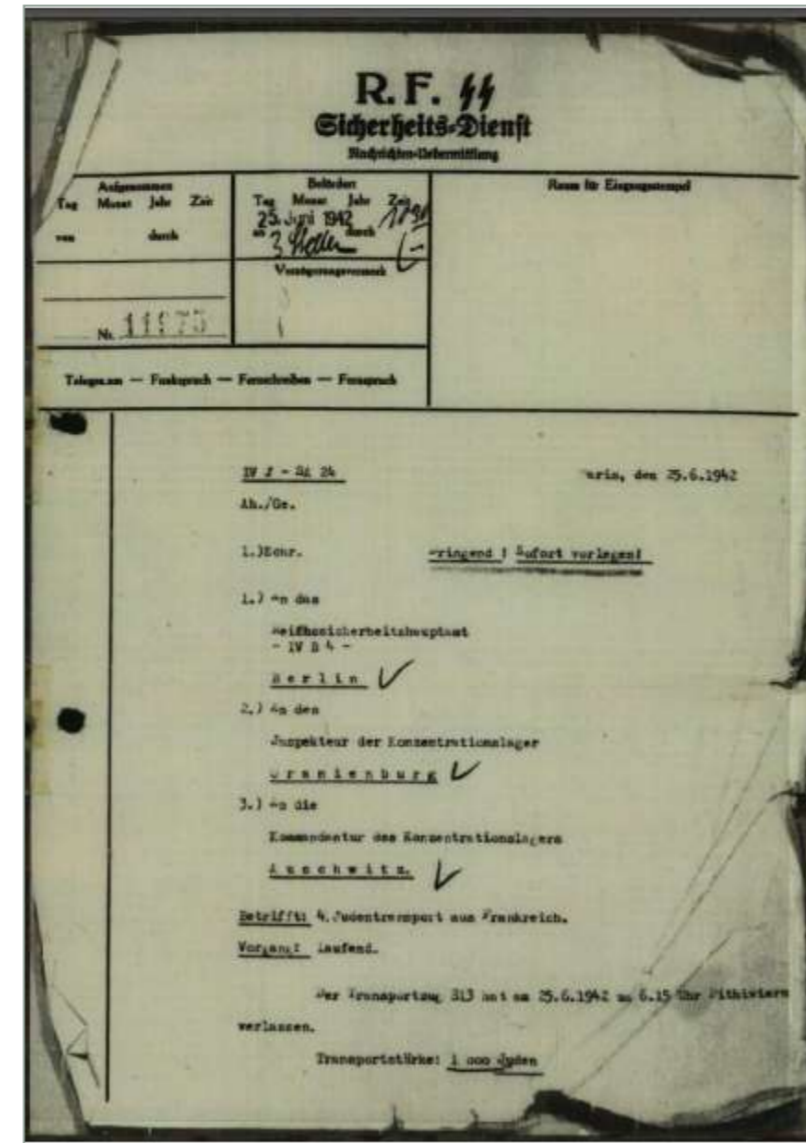


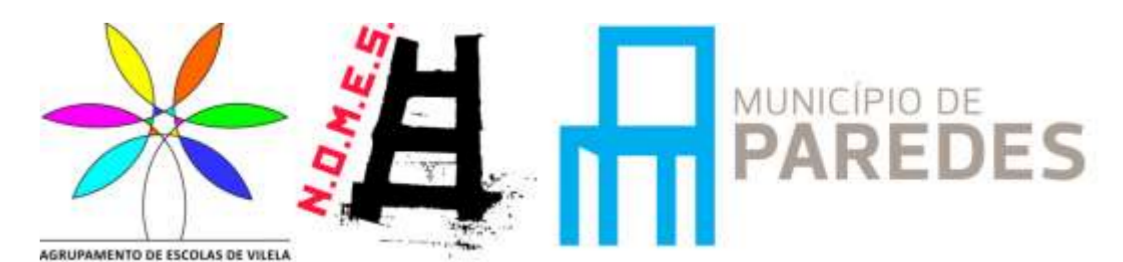
Figura 15 e 16. Lista do Transporte n.º 813 de Pithiviers para Auschwitz, 25 de junho de 1942 (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen). Figura 17. Crematório II de Auschwitz Birkenau, 1942 (Fonte: <http://collections.yadvashem.org/>).



Michael Fresco, 1938.

outubro de 1941, no terreno de uma aldeia destruída, Brzezinka, e que, em 1944, conseguia albergar cerca de 90 mil prisioneiros (é aqui que se desenvolve o maior centro de extermínio em massa dos judeus da Europa, nas câmaras de gás, com o uso do Zyklon B) e Auschwitz III - Monowitz (ou Buna), constituído, a 30 de outubro de 1942, junto à fábrica de borracha sintética construída pela *IG Farbenindustrie*. Para além destes campos principais, entre 1942 e 1944, Auschwitz tinha 47 subcampos e comandos exteriores de trabalho escravo. Em Birkenau, a linha ferroviária terminava no interior do próprio campo, o que permitia fazer de imediato a seleção dos prisioneiros que seriam enviados para as câmaras de gás. Apesar da destruição sistemática dos registos dos prisioneiros do campo tornar praticamente impossível saber quantas pessoas, na sua maioria judeus, foram assassinadas em Auschwitz, estima-se que os números estarão próximos de um milhão.

Não se sabe o que sentiu e viveu Michael quando desceu no cais de Birkenau. Provavelmente terá sido algo semelhante ao que descreveu Primo Levi: primeiro ter-lhe-ão chegado os «bárbaros latidos dos alemães quando dão ordens, que parecem libertar uma raiva velha de muitos séculos», depois a ordem para depositar as bagagens ao longo do comboio, por fim a seleção que, em poucos minutos, reunia os homens válidos num grupo e o primeiro contacto com os *Häftling*, esses seres que já não são homens pois tudo lhes tiraram, a roupa, os sapatos, os cabelos e o nome. Michael sobreviveu a esta primeira etapa de Auschwitz mas por pouco tempo.



Michael Fresco, um rosto português no Holocausto

Lisboa, 15-09-1911 | Auschwitz, 24-07-1942

Ainda que Michael e Isaac estivessem em Auschwitz ao mesmo tempo por um curto período de tempo, não se sabe se se reencontraram. Através do certificado de óbito conservado em Auschwitz sabe-se que, Michael morreu ali, no dia 24 de julho de 1942, supostamente de hidropisia cardíaca (Isaac morrerá a 2 de setembro de 1942). Todos os certificados de óbito de Auschwitz apresentam o mesmo tipo de informações entre as quais se destacam duas falsidades, a causa da morte e sempre o mesmo local para o óbito: *Kasernenstrasse* ou Rua dos Barracões e não Campo de Concentração de Auschwitz como se os prisioneiros vivessem num bairro normal. Estes certificados eram sempre atestados pelos médicos do campo. No caso de Michael, o médico foi Georg Franz Meyer, nascido em Viena, em 1917, e que adere às SS em 1938. Georg Meyer foi médico em Auschwitz entre 17 de julho de 1942 e 9 de novembro desse mesmo ano.

Sem saber o que acontecera ao irmão Michael, só em 1945 obtém a confirmação da sua morte em Auschwitz, com Alberto ausente de Nantes e um casamento problemático, Mazaltob vai viver para Paris, em dezembro de 1942, onde reencontrará Alberto. Surpreendentemente, estes dois irmãos escaparão quase incólumes à perseguição antisemita em França. Quase, pois, em fevereiro de 1943, Mazaltob é detida e enviada para o campo de Drancy e o seu filho entregue a famílias de acolhimento. No entanto, a 12 de março, é libertada, provavelmente através da ajuda de Alberto que fazia parte da Resistência Francesa. De facto, Alberto Fresco, nos anos que passou em Paris, onde residia no n.º 86, da Rua d'Amsterdam, pertenceu, desde 1 de outubro de 1943 até 30 de setembro de 1944, ao comando de Simon Cantarzaglou também conhecido como Simon «La cloche des Halles», por ser o fundador deste clube desportivo que fazia parte do movimento *Libération-Nord*. Este grupo fazia atividades de propaganda, sabotagem, informações e transporte de armas assim como colaborava com evasões. Alberto, segundo o seu processo de combatente da Resistência, trabalhava como agente de informação, fazendo parte da «Rede Brutus» que tinha como

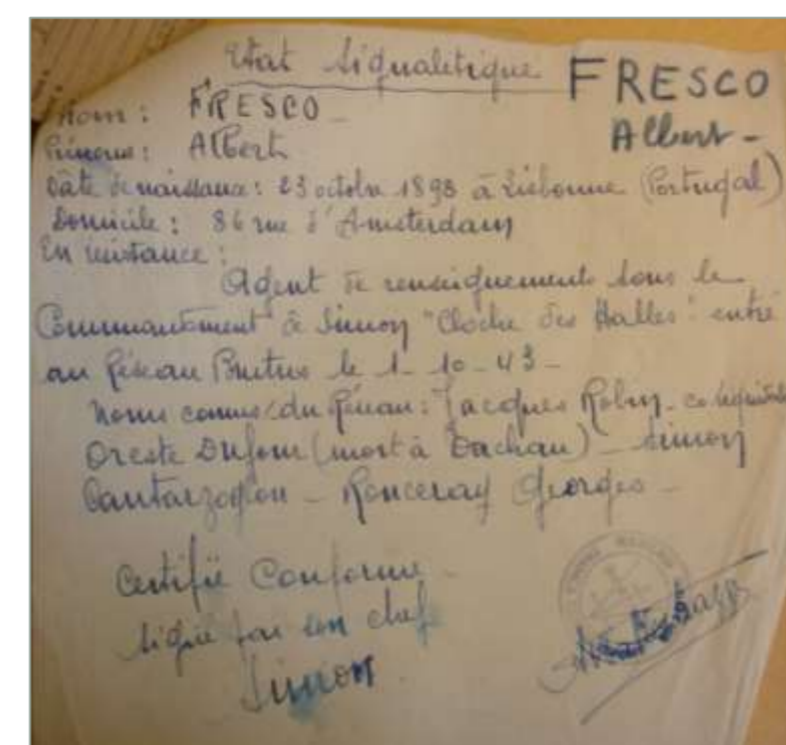
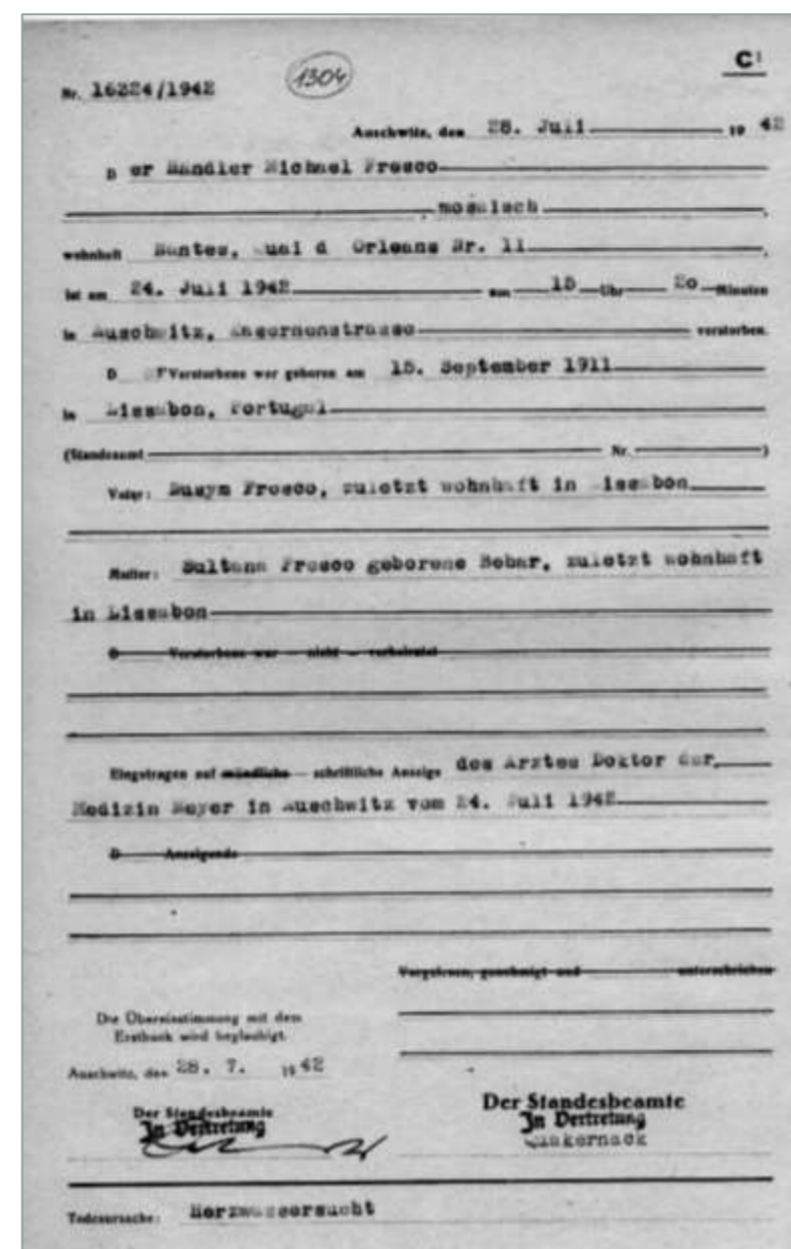


Figura 18. Certidão de óbito de Michael Fresco do Campo de Concentração de Auschwitz, 28 de julho de 1942 (Fonte: Arquivo do Memorial do Campo de Concentração de Auschwitz). Figura 19. Carta de certificação da pertença de Alberto Fresco ao «Réseau Brutus», s/d (Fonte: SHD, Vincennes).



Michael Fresco, 1938.

responsabilidade o salvamento e proteção de aviadores aliados que caíssem naquela região.

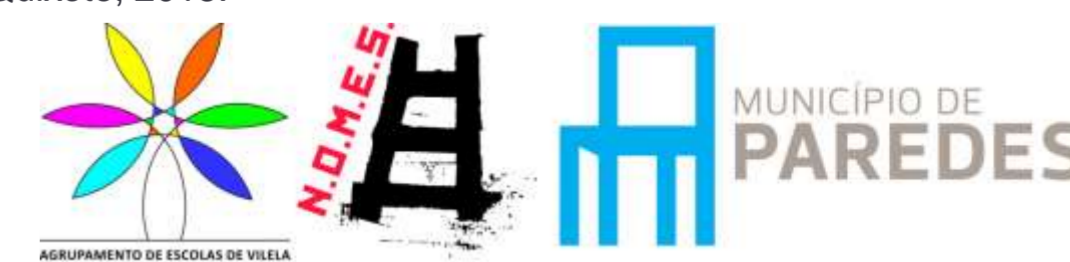
As histórias dos irmãos Fresco, nomeadamente a morte de Michael, não eram assunto na casa de Marianne Nuzzo. O pai não gostava de falar daqueles tempos e quanto à avó, Mazaltob, conheceu-a quando ela já parecia um fantasma, de tão magra, e com o seu «cabelo todo branco, muito espesso e selvagem». Marianne lembra-se que a avó tinha imenso humor negro, que não confiava nem gostava muito das pessoas mas que adorava animais e vivia rodeada de cães e de gatos, num pequeno estúdio em Paris. Nunca lhe contou nada sobre Lisboa, Marianne recorda apenas um galo de Barcelos como ligação afetiva a Portugal, nem sobre Nantes e nunca falou dos nazis. Mas havia uma regra: ninguém podia falar à sua frente da Alemanha e dos alemães.

Autores.

Diogo Almeida e Tiago Ribeiro, 9.º VB. Agrupamento de Escolas de Vilela, 2015/2016.

Fontes, Bibliografia e Webgrafia.

Depoimentos de Marianne Nuzzo recolhidos por correio eletrónico entre fevereiro e abril de 2016.
Arquivos Departamentais de Loire-Atlantique.
Arquivo do Memorial do Campo de Concentração de Auschwitz.
Arquivo do *Service Historique de la Défense*, Vincennes, França.
Arquivos Nacionais de França.
International Tracing Service (ITS), Bad Arolsen (Alemanha).
CARVALHO, Patrícia. *Portugueses nos Campos de Concentração Nazis*. Lisboa: Vogais Editora, 2015.
LEVI, Primo. *Se isto é um Homem*. Lisboa: Teorema, 2002.
MUCZNIK, Esther. *Portugueses no Holocausto*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2012.
WACHSMANN, Nikolaus. *KL – A História dos Campos de Concentração Nazis*. Lisboa: D. Quixote, 2015.



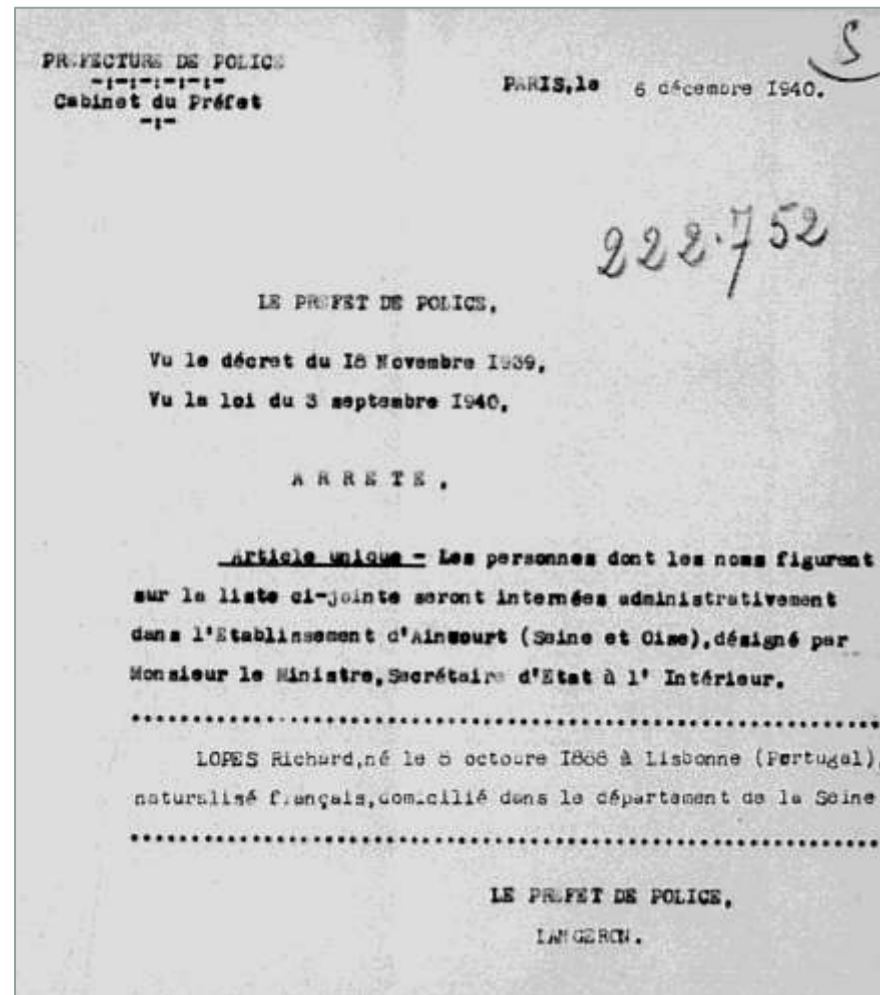


Figura 4. Mandato de prisão e internamento de Richard Lopes em Aincourt, 6 de dezembro de 1940 (Fonte: Arquivos Departamentais de l'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>).

Depois de ter passado pela Prisão de La Santé em Paris, Richard é internado administrativamente no Campo de Aincourt, ao abrigo da aplicação do Decreto de 18 de novembro de 1939 (relativo às medidas a tomar quanto aos indivíduos considerados perigosos

para a defesa nacional ou a segurança pública) e da Lei de 3 de setembro de 1940 (lei de Vichy que prolonga o decreto anterior).

Mencionado sempre como prisioneiro político e identificado, na documentação pós guerra, como membro da Resistência afeta ao Partido Comunista Francês (P.C.F.), Richard Lopes terá pertencido ao *Front National* (Frente Nacional de Luta pela Libertação e Independência da França), que será, em maio de 1941, integrado no Movimento da *Résistance Intérieure Française* (R.I.F.) criado pelo P.C.F. Richard Lopes surge mencionado com a graduação de Sargento Chefe.

Em dezembro de 1940, Richard Lopes terá sido preso, após denúncia, por produzir e distribuir panfletos anti-hitlerianos. A sua prisão engloba-se numa vaga de detenções que visavam 69 homens do Departamento do Seine (Paris), tendo como objetivo o seu internamento em Aincourt, e inserida numa vasta estratégia anticomunista das autoridades francesas colaboracionistas. As detenções, sem inquérito nem julgamento, são efetuadas sob a alçada do Prefeito da polícia de Paris, o controverso Roger Langeron (por uns considerado um resistente, por outros um exímio colaborador) que abriu as portas da prefeitura da polícia de Paris aos alemães, em junho de 1940. Esta terá sido uma ação conjunta da prefeitura de Paris e dos Serviços Secretos militares alemães.

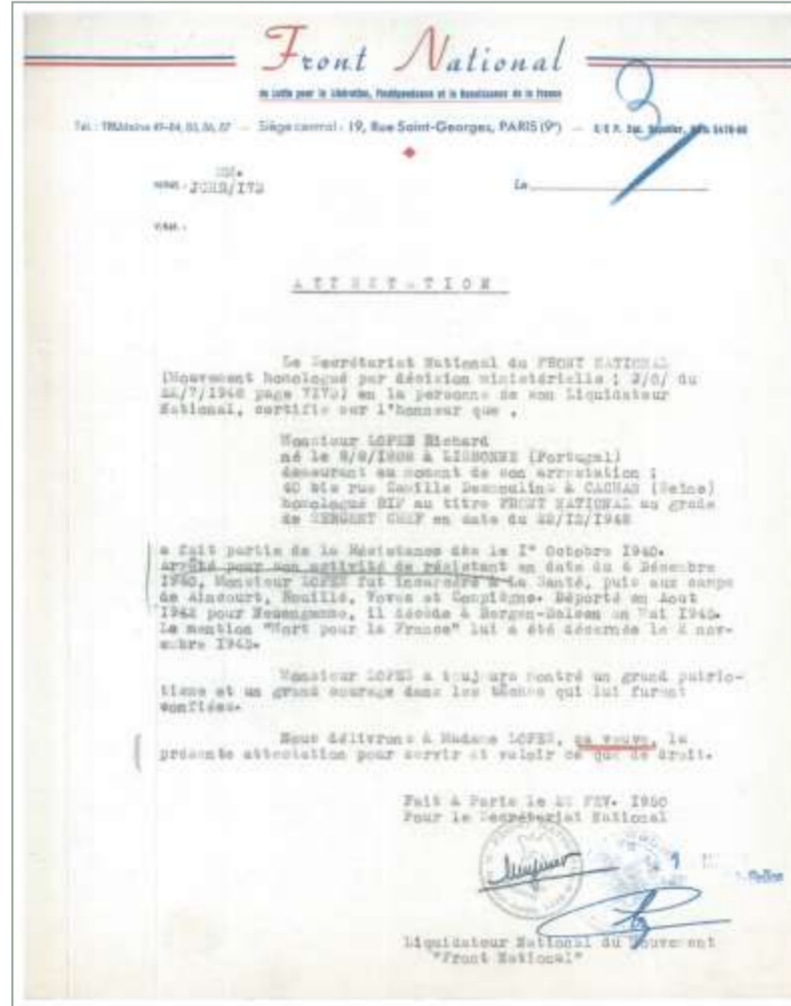
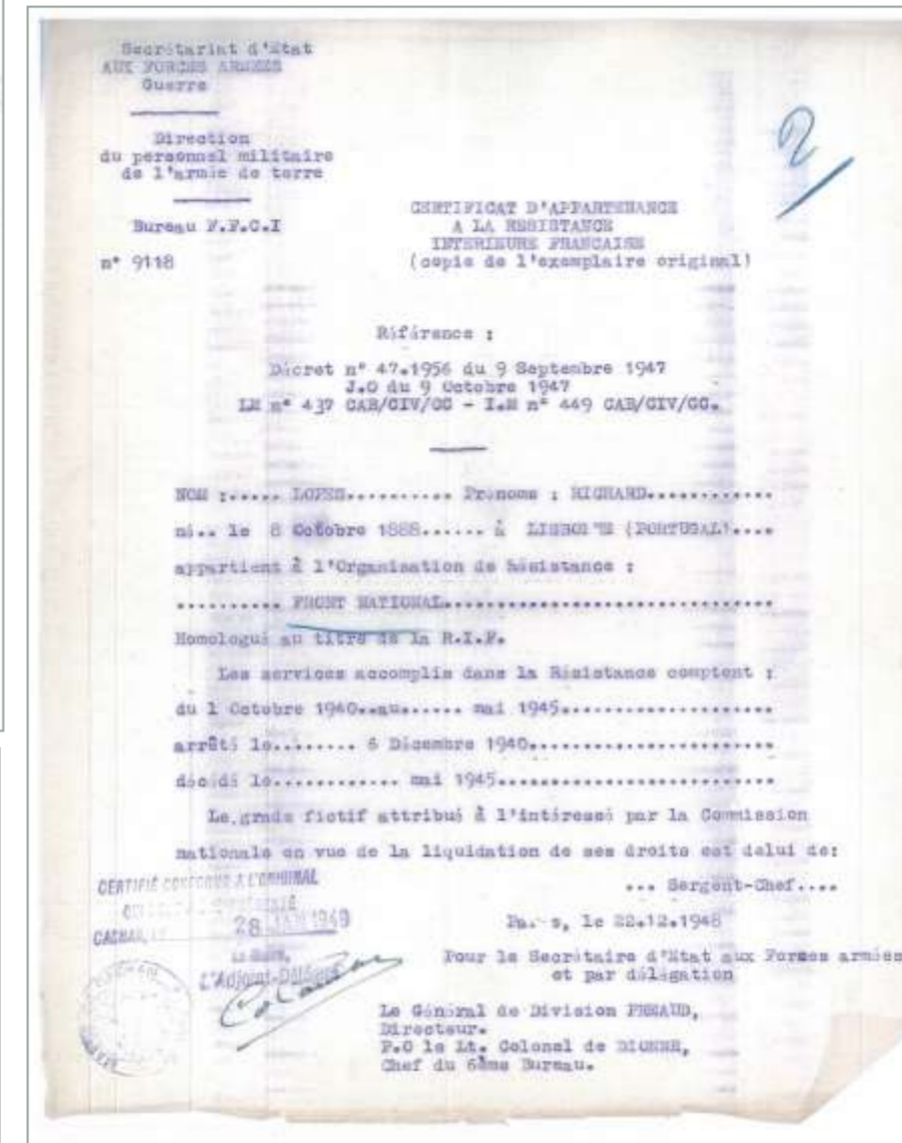


Figura 8. Campo de Aincourt (Fonte: <http://prisons-cherche-midi-mauzac.com/>).

O **Campo de Aincourt** foi criado em 5 de outubro de 1940, dois meses antes da detenção de Richard Lopes, para acolher membros da Resistência, sindicalistas, comunistas e judeus, no edifício do antigo Sanatório de Aincourt. O Sanatório, inaugurado em 1933 para receber pacientes com tuberculose, tinha sido já requisitado pelas autoridades militares em 1939 para servir como Centro de Internamento.



Figuras 5 a 7. Comprobativos da militância e pertença de Richard Lopes ao P.C.F., às R.I.F. e à *Front National*, incluídos no seu processo de pedido de atribuição do título de Deportado Resistente (Fonte: SHD; PACVV).



Ricardo Lopes, *Mort en Déportation*

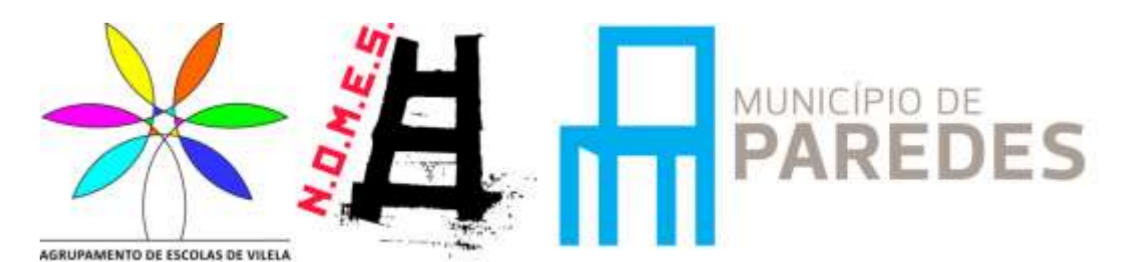
Lisboa, 08-10-1888 | Bergen-Belsen, 21-05-1945



Richard Lopes, Anos 30.

Previsto para 150 pessoas, o campo rapidamente ficou superlotado: 600 prisioneiros em janeiro de 1941 e 667 em junho de 1941. Em maio de 1942, o campo é encerrado para os homens e aberto às mulheres: resistentes e judias acompanhadas pelos seus filhos. A 15 de setembro de 1942, o campo é evacuado, depois de por lá terem passado cerca de 1500 pessoas.

Previsto para 150 pessoas, o campo rapidamente ficou superlotado: 600 prisioneiros em janeiro de 1941 e 667 em junho de 1941. Em maio de 1942, o campo é encerrado para os homens e aberto às mulheres: resistentes e judias acompanhadas pelos seus filhos. A 15 de setembro de 1942, o campo é evacuado, depois de por lá terem passado cerca de 1500 pessoas.



Richard Lopes é transferido para o Campo de Internamento de Rouillé, em Vienne, a 6 de setembro de 1941, quando ali chegam os primeiros 149 prisioneiros comunistas vindos



de Aincourt, devido à sobrelotação deste campo, conforme é comprovado num pedido do Comandante de Rouillé dirigido ao Prefeito de Seine, a 14 de outubro de 1941, para a obtenção de informações relativas aos referidos internados e em cuja lista surge o nome do português. A resposta de Paris chega a 30 de outubro e é nesta que se pode ler que Richard Lopes foi detido por ser um «líder particularmente ativo e perigoso».

Por intermédio do município de Cachan, a família pede, pelo menos, por quatro vezes (em maio, junho e agosto de 1942 e em setembro de 1943) ao Comandante de Rouillé o envio de um certificado de presença do português naquele campo para que a família possa receber um «Subsídio Mensal de Emergência».

Através de um Decreto de 27 de fevereiro de 1940, o Governo de Daladier tinha alargado a atribuição destes subsídios às famílias dos internados administrativos, como era o caso de Richard Lopes, que não tivessem meios de sobrevivência. O montante deste subsídio é fixado, inicialmente, em 7 francos por dia mais 5 francos por cada filho menor de 16 anos dependente ou ascendente a cargo da família. A 23 de maio de 1942, o suplemento por filho baixa para 4,5 francos e a majoração por ascendentes é eliminada. Tratam-se de medidas paradoxais do Governo de Vichy que, ao mesmo tempo que interna os seus opositores, presta ajuda às suas famílias, dissociando os inimigos do Regime das suas famílias que viviam numa precariedade absoluta. É, no entanto, uma ajuda extremamente reduzida que não deixa de estigmatizar aqueles que são «anti-França».

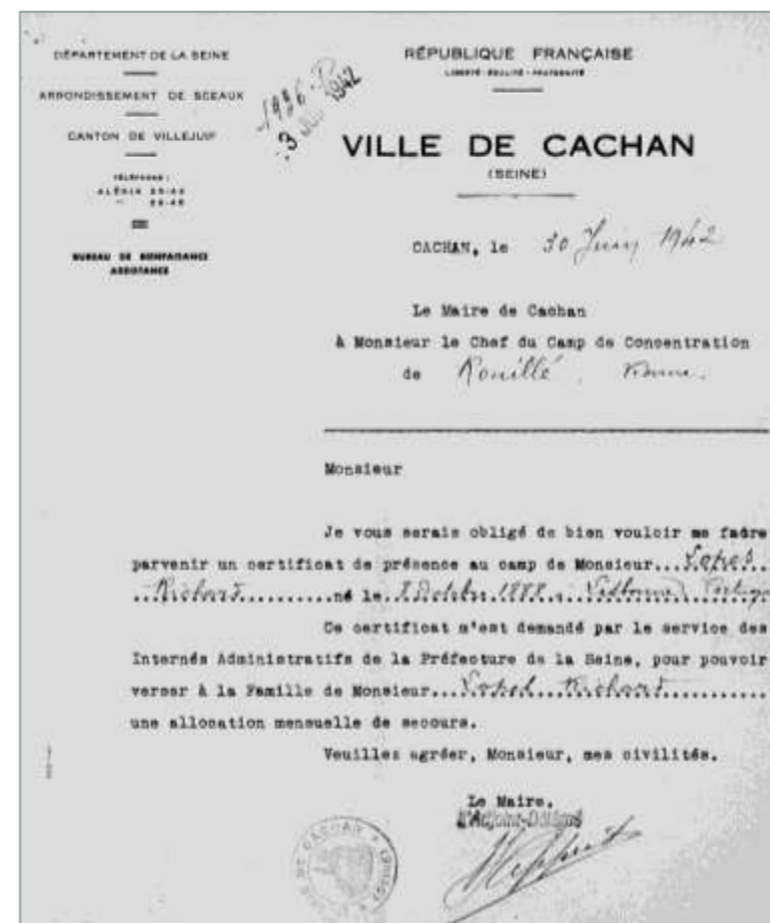


Figura 9. Campo de Rouillé (Fonte: <http://assoadel.fr/>). Figura 10. Pedido de subsídio mensal de emergência pela família de Richard Lopes, 1942 (Fonte: Arquivos Departamentais de l'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>).

O Campo de Rouillé, classificado como Centro de Internamento, funcionou entre 6 de setembro de 1941 e 11 de junho de 1944, data em que foi libertado por um grupo da Resistência local. Era constituído por uma quinzena de barracas de madeira, numa área de 1,5 ha, rodeada por uma dupla vedação de arame farpado e possuía duas torres de vigia. Recebeu, essencialmente, opositores políticos, negociantes do mercado negro, criminosos de direito comum e estrangeiros indesejáveis.

Quando o campo abriu não estavam programadas atividades para os presos, para além da sua contribuição para a vida diária do campo (descascar batatas, manutenção das barracas, carpintaria, eletricidade). No entanto, os internados em Rouillé acabam por criar a sua própria universidade, assim como desenvolvem atividades desportivas e organizam um coro, um grupo de teatro e uma orquestra. Para além disso, vários internados são autorizados a trabalhar fora, com os agricultores e artesãos locais. Estas saídas são uma oportunidade para criar relações com a população local, assim

Ricardo Lopes, *Mort en Déportation*

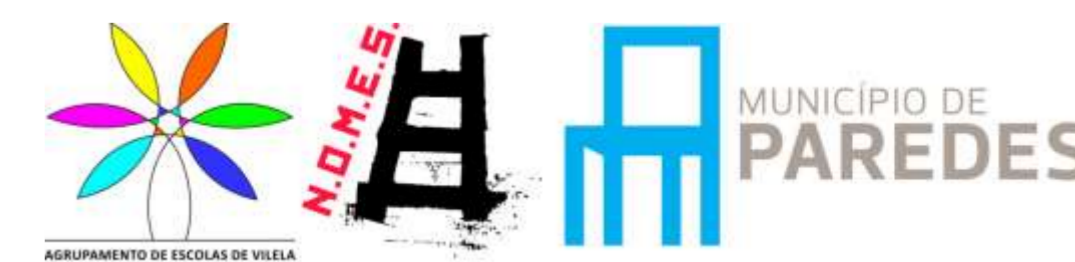
Lisboa, 08-10-1888 | Bergen-Belsen, 21-05-1945



Richard Lopes, Anos 30.

como para construir ligações com resistentes que, pelas suas atividades profissionais, têm acesso ao campo: o fotógrafo Camille Lombard, o comerciante de grãos e vegetais, Georges Debiais, ou o médico, o Dr. André Cheminée, e que facilitavam as fugas dos internados políticos.

O médico André Cheminée colaborava, de facto, com as fugas de internados políticos, fazendo admitir no Hospital aqueles que supostamente precisavam de operações ou tratamentos particulares.



Voves, le 24 Décembre 1943.

Le Directeur du Centre de Séjour Surveillé de VOVES (Eure-et-Loir)
à Monsieur le COMMANDANT du Camp de ROUILLE (Vienne)

N° 468

J'ai l'honneur de vous faire connaître que dans le détachement d'internés venant de votre camp, il y a un nommé **LOPES Richard**, né le 8 Octobre 1908 à LISBOA (Portugal), qui figure sur la liste des "étrangers indésirables". Or, l'intéressé prétend que d'origine portugaise, il a été naturalisé Français par décret du 28 Janvier 1926. Il ajoute qu'il a remis au bureau de votre camp une pièce officielle attestant l'authenticité de cette naturalisation. Je vous serais reconnaissant de vouloir bien me faire connaître la situation exacte de cet interné.

Le Directeur du Camp,

ROUILLE, le 31 Décembre 1943

PROSECUTOR
Le Directeur Au Centre de Séjour Surveillé de ROUILLE
à Monsieur le COMMANDANT du Camp de Voves (Eure-et-Loir)

Objet: Interné **LOPES Richard**
Réf: Votre lettre du 24 - 12 - 1943

En réponse à la lettre citée en référence, j'ai l'honneur de vous faire connaître que l'interné **LOPES Richard**, né le 8 - 10 - 1908 à LISBOA (Portugal) n'a été par erreur sorti sur la liste des indésirables étrangers, ayant été naturalisé Français par décret du 28 - 1 - 1926. Toutefois comme pièces officielles nous ne possédons rien à son nom, tous les casiers vous ayant été transmis lors du transfert le 22 - 11 - 1943.

Le Directeur du Camp,

Figuras 18 e 19. Correspondência entre os Comandantes dos Campos de Voves e Rouillé sobre a naturalização de Richard Lopes como francês, dezembro de 1943 (Fonte: Arquivos Departamentais de l'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>).

Em resposta a esta carta, a 31 de dezembro de 1943, o comandante do Campo de Rouillé confirma que Richard Lopes foi colocado, por lapso, na lista de estrangeiros indesejáveis e que os documentos oficiais que confirmam a sua naturalização em 1926 foram enviados para o campo de Voves aquando da sua transferência. Estaria em vias de se poder concretizar a sua libertação do campo? Nunca se saberá. O que se conhece é que, a 9 de maio de 1944, Richard Lopes, tal como os portugueses Domingos da Cunha e Manuel Barreira Gomes, que também ali se encontravam, é levado para Compiègne, de onde será deportado para Neuengamme, a 21 de maio de 1944.

Caracterizado por mais de vinte evasões, o Campo de Voves encerra em maio de 1944 após uma espetacular evasão de 42 detidos, na noite de 5 para 6 de maio, através de um túnel escavado numa distância de 148 metros a partir do barracão dos banhos. Como consequência deste acontecimento, a 9 de maio de 1944, o campo volta a ser entregue às autoridades alemãs e os 405 internados que restam no campo, entre os quais Richard Lopes, são levados em onze vagões de gado e dois de passageiros, rumo ao campo de Royallieu em Compiègne, campo de trânsito em direção ao campo de concentração nazi de Neuengamme, perto de Hamburgo.

Ricardo Lopes, Mort en Déportation

Lisboa, 08-10-1888 | Bergen-Belsen, 21-05-1945

O comboio daquele domingo, 21 de maio de 1944, que parte com 2004 homens de Compiègne e tinha como destino o campo de Neuengamme, é o primeiro de quatro grandes transportes de deportados que se dirige àquele campo de concentração. Os transportes dos meses precedentes dirigiam-se sobretudo para

Buchenwald e Mauthausen. Porquê agora Neuengamme, então? As ordens provenientes de Berlim prendem-se essencialmente com imperativos económicos e militares. Os complexos militares-industriais, instalados nos arredores de

Hamburgo, Hanôver ou Brunswick, necessitam de mão-de-obra num momento crucial da guerra. Não é por acaso que o comboio faz uma paragem na estação de Weimar, próxima do campo de Buchenwald, como que para se certificar que este campo não necessitava de prisioneiros.

Os 2004 prisioneiros são transportados em vagões de transporte de animais, cerca de uma centena por vagão, e 49,7% destes deportados (997) desapareceram ou morreram. Neste comboio seguiam dois prisioneiros identificados como portugueses, Paulo da Silva e Manuel Barreira Gomes, e três nascidos em Portugal mas naturalizados como

Figura 20. Ficha individual de prisioneiro de Richard Lopes, em Neuengamme, 1944 (Fonte: ITS, Arquivos Digitais, Bad Arolsen).

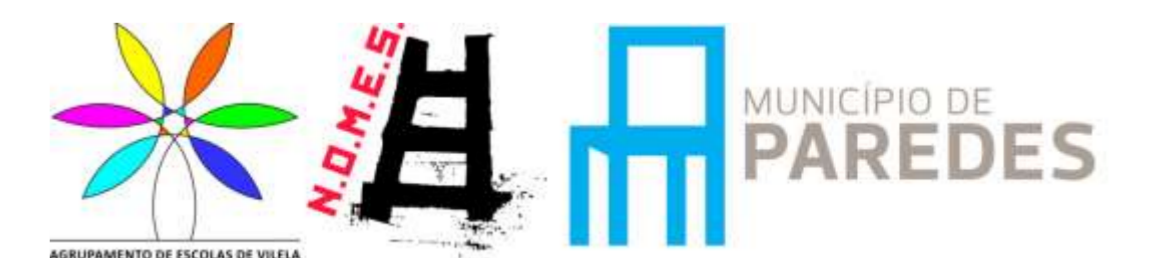


Richard Lopes, Anos 30.

Berufungsbildung		Einführungsdatum		Häftlingsart		Geburts-		Geschlecht		Familienstand		Kinder	
Tag	Monat	Jahr	Tag	Monat	Jahr	Tag	Monat	Jahr	weiblich	weiblich	verheiratet	verheiratet	in
S	D	01	24	05	44	B	01	08	10	08			4
Staatangehörigkeit		Hauptberuf		1. Nebenberuf		2. Nebenberuf		3. Nebenberuf					
A		BFS		245		Mechaniker							
Wahrscheinlichkeit		L-Grad		Anzahl Vertrieben		Gefängnis Monate		Zuchthaus Monate		Eingeliefert in KL			
										Neuengamme		09	
Zugangsort		Überstellung an KL		Häftlings-Nr.		eingekleidet als		Abgangs-		Häftlings-Nr.		Häftlings-Nr.	
E		Neuengamme		09		30 449		Häftlings-Nr.					
Bemerkungen:													

franceses, Domingos da Cunha, Richard Lopes e Manuel João.

O transporte chega ao campo de concentração de Neuengamme três dias depois, a 24 de maio de 1944. Rapidamente, a maioria destes prisioneiros é afeta a vários *Kommandos* (de trabalho) do campo, organizando-se três grandes transferências, uma para Watenstedt, outra para Fallersleben e outra para Bremen-Farge. Os restantes são afetos, em menor número, a outros *Kommandos*.



O que aconteceu a Richard Lopes desde que entrou em Neuengamme é, quase totalmente, uma incógnita. Os documentos do campo preservados pelo ITS reportam apenas a atribuição do número 30449 ao português, ali registado como mecânico e com os dados biográficos que já se conhecem (casado, com quatro filhos e nacionalidade francesa).

Construído muito próximo da cidade de Hamburgo, o **Campo de Concentração de Neuengamme** começou a ser edificado em 1938, inicialmente como um campo satélite de Sachsenhausen, nas instalações de uma antiga fábrica de tijolos. Todavia, rapidamente foi transformado em campo principal, alguns meses após uma inspeção feita por Himmler, em janeiro de 1940, tornando-se o campo de concentração mais importante do noroeste alemão e criando a sua própria rede de subcampos e *Kommandos* de trabalho, sobretudo ligada à produção de armamento e à construção (havia uma necessidade urgente de tijolos, em especial para a construção de edifícios em Hamburgo).

Pelo complexo de Neuengamme passaram mais de cem mil prisioneiros de toda a Europa, dos quais 42900 não sobreviveram às condições de vida e de trabalho classificadas como «infernais». Entre estes prisioneiros, para além de Richard Lopes, constam os nomes de dez portugueses: Benoit da Costa (que sobreviveu); Casimiro Martins (que ali morreu a 18 de dezembro de 1944); Domingos da Cunha, Manuel Barreira Gomes e Paulo da Silva (cujos destinos são desconhecidos); Francisco Ferreira (que tem o mesmo destino que Richard Lopes em Bergen-Belsen); Maria Barbosa (que sobrevive a Bergen-Belsen); Manuel João, que também acaba por perecer em Bergen-Belsen, e Manuel Alves e Tomás Vieira (que terão passado em trânsito por Neuengamme mas ainda com direito a atribuição de um número).

Os subcampos de Neuengamme começaram a ser esvaziados a 24 de março de 1945 e o campo principal recebeu ordem de evacuação a 19 de abril. Quando os britânicos entraram em Neuengamme, a 2 de maio,

relataram ter encontrado «um campo vazio». Como refere Nikolaus Wachsmann, a partir de abril de 1945, «o sistema concentracionário estava em tumulto apanhado no turbilhão geral da perdição e da derrota» devido «às profundas penetrações dos Aliados no território alemão. Entretanto, o caos e a morte tinham-se espalhado pelos campos que restavam».

Richard Lopes sobrevive à passagem por Neuengamme mas sucumbe aos acontecimentos posteriores à sua evacuação. Enviado provavelmente numa das muitas marchas da morte para Bergen-Belsen, vai ali perecer, a 21 de maio de 1945, mais de um mês depois da libertação deste campo.

Bergen-Belsen foi o único campo principal formalmente transferido para a tutela dos Aliados, com a autorização do próprio Himmler. A razão para isto ter acontecido prende-se com uma situação pragmática: uma evacuação do campo correria o risco de espalhar a epidemia de tifo que grassava no campo entre a população e as tropas alemãs.

Ricardo Lopes, *Mort en Déportation*

Lisboa, 08-10-1888 | Bergen-Belsen, 21-05-1945



Richard Lopes, Anos 30.

Figura 21. Campo de Concentração de Neuengamme).

Figura 22. Campo de Concentração de Bergen Belsen, 21 de maio de 1945 (Fonte: <https://www.ushmm.org/>).



Bergen-Belsen, entre Hanôver e Hamburgo, começou por ser um campo de prisioneiros de guerra, mas em 1943, as SS assumiram o controlo de parte desta área, transformando-a num campo de concentração e criando uma zona para judeus «especiais», que os nazis esperavam poder trocar por alemães capturados pelas forças aliadas.

Em 1944, o campo já se tornara num inferno de fome e epidemias de tifo e disenteria que haveriam de dizimar milhares de prisioneiros, incluindo as duas irmãs Anne e Margot Frank. Em *Remembering Belsen – Eyewitnesses Record of the Liberation*, que Patrícia Carvalho cita no seu livro *Portugueses nos campos de concentração nazis*, o brigadeiro H. L. Glyn-Hughes, o médico mais graduado entre os britânicos e que assumiu a organização do auxílio às vítimas, em abril de 1945, descreve o que encontrou: «O campo todo foi originalmente construído para albergar 8 mil pessoas e quando chegamos tinha 40 mil vivos, enquanto no solo estavam espalhados dez mil corpos, e foi-nos reportado que outros 17 mil tinham morrido no mês de Março. Depois de uma rápida vistoria a toda a área, percebemos que 25 mil prisioneiros precisavam de hospitalização imediata e que deste número, dez mil provavelmente morreriam.» O major Alexander Smith Allan, citado por Nikolaus Wachsmann, recordaria «um tapete de corpos humanos, a maioria muito esqueléticos, muitos deles nus, emaranhados uns nos outros».

De facto, a libertação dos campos não foi um momento exclusivo de celebração. Em Bergen-Belsen, milhares de reclusos estavam tão doentes que nem sequer compreenderam o que tinha acontecido. Não se sabe se Richard Lopes, com 56 anos, terá tido noção que acabaria por morrer como um homem livre. Após o seu nome surgir em duas listas de prisioneiros libertados, datadas de 19 e 20 de abril de 1945 e elaboradas por Henri-François Poncet (agente de ligação francês), os registos anotam a sua morte a 21 de maio de 1945, no dia em que os barracões dos prisioneiros foram incendiados para travar a propagação da epidemia de tifo.

A 26 de abril de 1950, a esposa de Richard Lopes solicita, pela primeira vez, a atribuição do título de Deportado Resistente ao seu falecido marido, pedido que é rejeitado em 1951 podendo este, no entanto, vir a beneficiar do estatuto de prisioneiro político. Em 1955, é-lhe, então, atribuído o título de «Deportado Político», não lhe sendo, contudo,



reconhecido o seu papel na Resistência devido à sua ligação ao Partido Comunista Francês.

Apesar desta incongruência, em Cachan, na cidade onde viveu antes de ser deportado, existe, desde 18 de novembro de 1945, um monumento em homenagem aos heróis da Resistência do grupo F.F.I. (*Forces Françaises de l'Interieur*), que foram mortos a 21 de agosto de 1944, e a três deportados de Cachan que não resistiram aos campos, entre eles Richard Lopes.

Ricardo Lopes, *Mort en Déportation*

Lisboa, 08-10-1888 | Bergen-Belsen, 21-05-1945

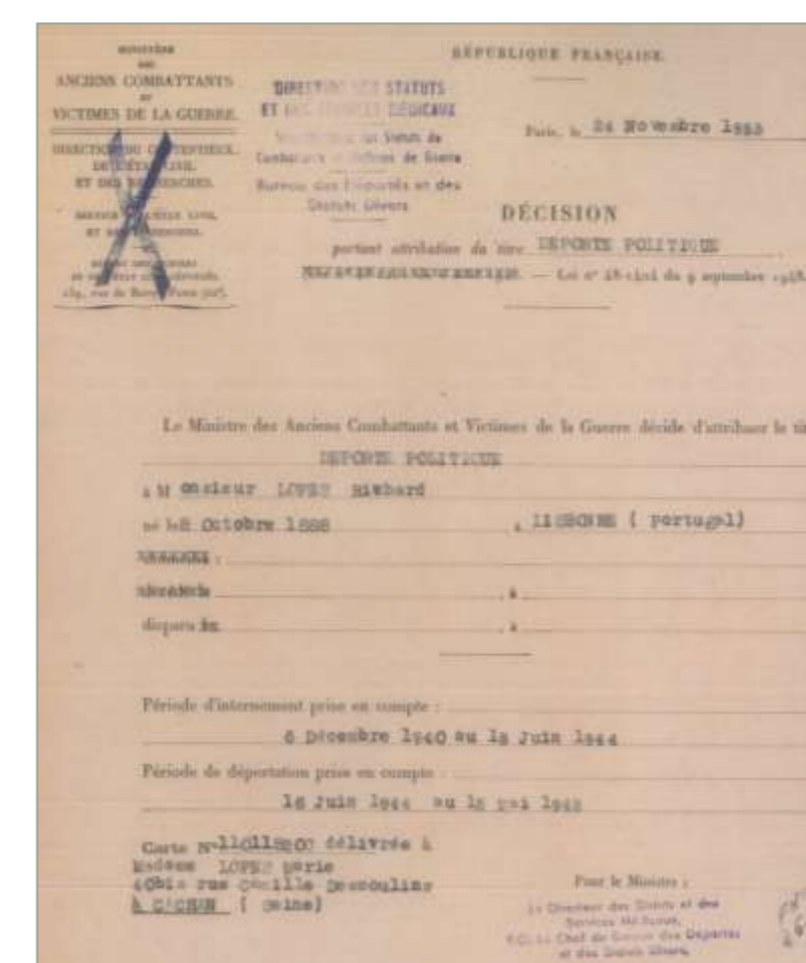


Figura 23. Mortos e sobreviventes em Bergen-Belsen, 17-18 de abril de 1945 (Fonte: <http://www.bergenbelsen.co.uk/>).

Figura 24. Monumento evocativo dos Heróis F.F.I. de Cachan mortos em combate, onde consta o nome de Richard Lopes, 1945 (Fonte: <http://museedelaresistanceenligne.org>).

Figura 25. Decisão referente à atribuição do título de Deportado Político a Richard Lopes, 1955 (Fonte: SHD, PAVCC).



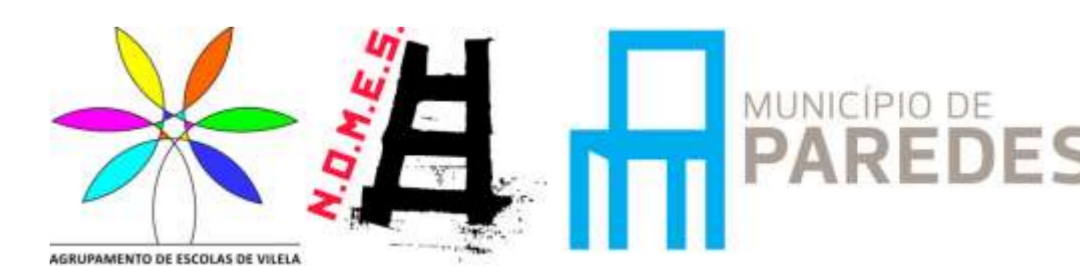
Richard Lopes, Anos 30.

Autores.

Joel Nogueira e Maria Santos, 9.º VD. *Agrupamento de Escolas de Vilela*, 2015/2016.

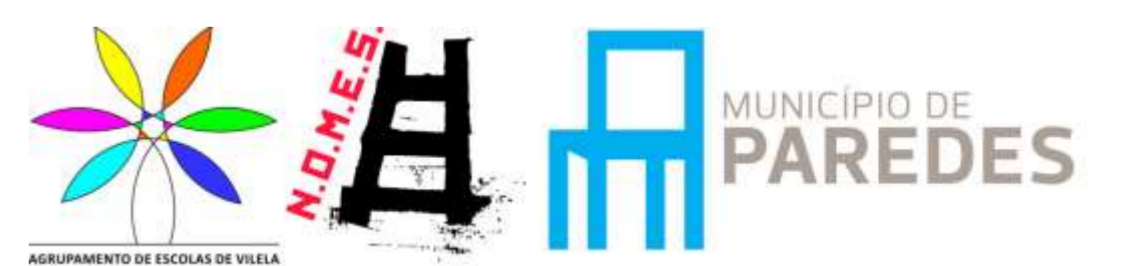
Fontes, Bibliografia e Webgrafia.

Arquivo pessoal (fotografias) de Patrícia Lopes Martinez.
Arquivos Departamentais de l'Eure-et-Loir, acedidos em <https://www.ushmm.org/>.
Arquivo do Memorial do Campo de Concentração de Neuengamme.
Arquivo do *Service Historique de la Défense, Pôle des Archives des Victimes des Conflits Contemporains* (SHD, PAVCC), França.
International Tracing Service (ITS), Bad Arolsen (Alemanha).
CARVALHO, Patrícia. *Portugueses nos Campos de Concentração Nazis*. Lisboa: Vogais Editora, 2015.
WACHSMANN, Nikolaus. *KL – A História dos Campos de Concentração Nazis*. Lisboa: D. Quixote, 2015.
<http://museedelaresistanceenligne.org>
<http://www.bergenbelsen.co.uk/>









DEPORTADOS PORTUGUESES NA II GUERRA MUNDIAL

Do internamento em França aos campos de concentração nazis